

O CACHIMBO SAGRADO

OS SETE RITOS SECRETOS
DOS ÍNDIOS SIOUX

relatados por
ALCE NEGRO

Traduzido para o português por:

Anderson M. A. Bertolli

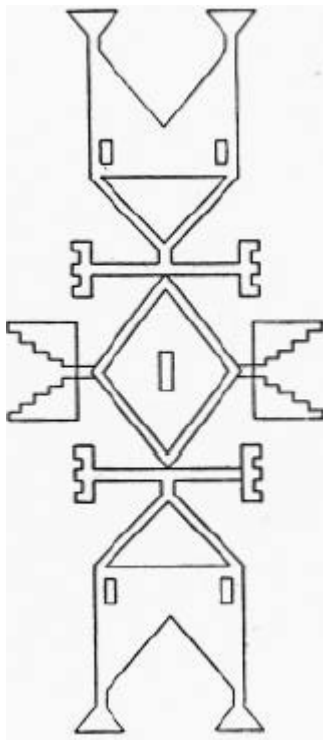
ÍNDICE

PRÓLOGO, por Joseph Epes Brown	4
--------------------------------------	---

INTRODUÇÃO, por Frithjof Schuon	8
---------------------------------------	---

O CACHIMBO SAGRADO

PREFÁCIO, por Hehaka Sapa (<i>Alce Negro</i>).....	24
1. A CHEGADA DO CACHIMBO SAGRADO.....	26
2. A GUARDA DA ALMA.....	32
3. <i>Inipi</i> : O RITO DA PURIFICAÇÃO.....	52
4. <i>Hanblecheyapi</i> : IMPLORANDO UMA VISÃO.....	65
5. <i>Wiwanyag wachipi</i> : A DANÇA DO SOL.....	89
6. <i>Hunkapi</i> : O PARENTESCO.....	123
7. <i>Ishna ta awi cha lowan</i> : PREPARAÇÃO DA GAROTA PARA OS DEVERES DE MULHER.....	138
8. <i>Tapa wanka yap</i> : O LANÇAMENTO DA BOLA	149



PRÓLOGO

Depois de estudar durante anos a grande quantidade de material existente sobre as nações índias de América do Norte, grande parte do qual está escrito pelos próprios índios, fiquei convencido de que muitos de seus velhos sacerdotes possuíam uma elevada sabedoria. E esta sabedoria está obscurecida para nós por causa do caráter singular de suas tradições; por causa de seu, diríamos, gênio poli sintético, que concede uma grande importância aos diversos aspectos do mundo e da Natureza.

Más nesta afirmação e uso das muitas formas da Natureza sempre encontramos a idéia da Unidade e da Transcendência divinas. O índio, por tanto, não é um «pagão» nem um «idólatra», mais sim quem sabe que o Grande Espírito é infinito e que, por conseguinte, inclui em Si mesmo todas as possibilidades, de modo que todas as formas são funções ou reflexos Dele, que em sua essência é sempre um.

Com o fim de comprovar que esta sabedoria era conhecida e compreendida de um modo integral por ao menos os velhos sacerdotes dos índios, empreendi uma viagem que ia durar vários anos e que me levou a conhecer muitas nações índias da América do Norte.

Dediquei a maior parte destes anos aos índios das planícies, pois acreditava desde muito tempo que estes povos eram em certo sentido os aristocratas dos índios, já que seus anciãos possuíam umas qualidades e uns níveis de espiritualidade que raramente se encontram no mundo de hoje. Para aprender destes povos deve-se viver efetivamente com eles, deve-se caçar e viajar com eles, e compartilhar todos os aspectos de sua vida; e faça o que fizer se verá imensamente recompensado, porque inclusive hoje, em suas vidas de uma grande pobreza material, se encontram todavia, no ritmo de sua sociedade e na beleza das formas de sua antiga cultura, aquelas grandes qualidades por falta das quais, o mundo moderno se está empobrecendo apesar de sua opulência material.

Durante minha estada com os índios da reserva de Pine Ridge, tive a extraordinária benção de falar com um ancião sacerdote dos sioux ogalala, Alce Negro (Hehaka Sapa), que me pediu para ficar com ele para recolher um relato sobre sua antiga religião; este ancião sabia que logo iria morrer, e não queria que estes conhecimentos sagrados, muitos dos quais ele era o único depositário, desaparecessem com ele. Assim, vivi com Alce Negro durante oito meses no inverno de 1947-48, e ao longo deste período registrei diariamente o que me contava, e além do que aprendi me beneficiei grandemente do fato de compartilhar a nobre vida de sua família e de seus muitos amigos.

Alce Negro já não está vivo, mas este é seu livro, e tenho a esperança de que, graças a ele, seguirá vivendo, e que aqueles que o lerem compreenderão melhor o que constituiu o centro e a vida deste grande povo.

Encontrei muitos anciãos de grande santidade entre os índios, mas em Alce Negro havia um poder espiritual único, e estou seguro de que isto era reconhecido por todos os que tiveram a oportunidade de conhecê-lo. Alce Negro nasceu em princípios da década dos sessenta do século passado (1860), e portanto conheceu os dias em que seu povo percorria as planícies caçando o bisão e lutou contra os homens brancos em Little Big Horn e em Woundad Knee Creek. Era primo do grande chefe-sacerdote Tashunka Uitco (Cavalo Louco), e conheceu Tatanka Iotanke (Touro Sentado), Mahpyia Luta (Nuvem vermelha) e a (Cavalo Americano).

Mesmo não falando inglês, teve oportunidade de observar bem o mundo do homem branco, pois viajou com Búfalo Bill à Itália, França e Inglaterra, onde dançou frente à Rainha Victoria. Mas, mesmo fora caçando, viajando ou lutando, Alce Negro não era como os demais homens.

Em sua juventude foi instruído no sagrado saber de seu povo por grandes sacerdotes, entre os que se contavam (Caçador do redemoinho), (Caminho Negro) e o sábio Hehaka PA (Cabeça de Alce), de quem aprendeu toda a história de sua antiga religião.

Com este conhecimento, Alce Negro rezou e jejuou muito, e graças a ele se transformou em um homem sábio que recebeu muitas visões e um poder especial destinado a ser empregado para o bem de sua nação. Esta missão perseguiu Alce Negro durante toda sua vida e lhe causou muito sofrimento, pois, mesmo havendo recebido o poder de guiar a seu povo pelo caminho sagrado de seus antepassados, não via por qual meios deveria fazer realidade a visão.

Creio que esta é a razão pela qual Alce Negro desejava fazer um livro que explicaria a religião dos sioux, pois tinha a esperança que, graças a este livro, seu povo, assim como os homens brancos, obteriam uma melhor compreensão da beleza e da verdade de sua antiga religião.

Alce Negro pertencia ao grupo ogalala dos dakotas teton, uma das ramas mais poderosas da grande família sioux. Sioux é na realidade o nome genérico aplicado a numerosas tribos que têm uma origem comum e falam uma mesma língua; inclui as seguintes nações, classificadas segundo a língua: assiniboin, crow, dakota, hidatsa, iowa, kansa, mandan, missouri, omaha, osage, oto, e ponca.

Ao longo de suas migrações e guerras com as tribos vizinhas, os dakotas (os aliados) se dividiram em sete ramas, constituindo o que chamamos Sete Fogos do Conselho (*Otchenti Chakowin*): os *ogalala minneconjou*, *ochenopa* (*Duas Marmitas*), *unopapa*, *brûlé*, *blackfeet-sioux*, e os *sans arc*. Segundo a antiga história que conheci através de Alce Negro, e segundo os documentos dos primeiros viajantes e missionários, no século XVI os dakotas estavam estabelecidos nas fontes do Mississippi, e em XVII foram expulsos de Minnesota até o oeste por seus poderosos inimigos, os chippewas. Ao abandonar os bosques e os rios, os dakotas substituíram a canoa pelo cavalo com notável facilidade, e no século XIX eram conhecidos e temidos como uma das nações mais poderosas das planícies;

Com efeito, estes sioux dakotas foram quem sabe os que, de todas as tribos índias, ofereceram uma maior resistência à expansão dos brancos até o oeste.

Este livro contém múltiplos dados que os índios, até estes últimos tempos, haviam abstido de divulgar porque estimavam, e com razão, que estas coisas são demasiado sagradas para ser comunicadas a qualquer um; em nossos dias, os poucos velhos sábios que ainda vivem entre eles dizem que, ao aproximar-se o fim de um ciclo, quando em todas as partes os homens se tornaram inaptos para compreender e, sobre tudo, para por em prática as verdades que lhes foram reveladas na origem. — o que têm por consequência a

desordem e o caos em todos os terrenos —, está então permitido, e é também desejável, tirar este conhecimento para a luz do dia; pois a verdade se defende por sua própria natureza contra a profanação, e é possível que chegue assim a aqueles que estão qualificados para penetrá-la profundamente e são capazes, graças a ela, de consolidar a ponte que deve construir-se para sair desta idade obscura.

Esta história do Cachimbo sagrado dos sioux foi transmitida oralmente pelo precedente «guardião do Chanumpa», Hehaka Pa (Cabeça de Alce), a três homens: dos três, Hehaka Shapa (Alce Negro) era o único que ainda estava vivo na época em que estivemos com os sioux.

Quando Hehaka Pa confiou esta história sagrada dos sioux a Alce Negro, lhe disse que devia ser «transmitida de geração em geração, pois, enquanto for conhecida e o Chanumpa estiver em uso, nosso povo viverá; mas, a partir do momento em que se esqueça, nosso povo já não terá um centro e perecerá».

Esta é a razão pela qual fazemos votos para que este livro ajude de certa forma, por débil que seja, a preservar este centro de uma nobre nação, muitos de cujos membros, ainda hoje e apesar de uma necessidade terrível, estão resolvidos a salvaguardar estes ritos antigos que lhes foram revelados ao princípio pelo Grande Espírito.

Nas notas temos estabelecido incidentalmente concordâncias com outras tradições com o fim de evidenciar a universalidade e a ortodoxia — ou a verdade intrínseca — da tradição dos sioux, e com o fim de mostrar que esta, que de fato coincide com a da maior parte dos índios da América do Norte, possuem os elementos de uma verdadeira espiritualidade. Já é hora dos índios da América voltem a tomar consciência de si mesmos, de seu patrimônio espiritual e de sua civilização, pois já faz demasiado tempo que a verdadeira natureza de sua antiga sabedoria vem sendo falsificada nos livros, seja por simples ignorância, ou pela influencia de todo tipo de prejuízos.

Convém assinalar que os ritos descritos neste livro por Black Elk correspondem a seus protótipos originais, de modo que apresentam em certos aspectos uma diferencia bastante considerável com respeito às formas mais complicadas — mas não indispensáveis — que estes ritos hajam tomado posteriormente.

Aos leitores que desejem conhecer mais de perto ao santo homem que nos ditou este livro, recomendamos a excelente obra de John G. Neihardt, *Black Elk Speaks* (Nova York, William Morrow, 1932)*.

Com exceção das que mencionam outra fonte, todas as notas concernentes á tradição dos sioux provêm diretamente de Black Elk e, em ocasiões, também de seu amigo Little Warrior, homem notável que nos ajudou em mais de um aspecto.

Desejamos expressar nossa gratidão, em primeiro lugar, ao filho de Alce Negro, quem nos serviu de intérprete. Graças a ele desfrutamos da oportunidade excepcional de ter um intérprete que compreendia perfeitamente o inglês e o lakota e que, também, estava familiarizado com a sabedoria e os ritos de seu povo; com efeito, a carência destes dois conhecimentos é principalmente o que originou tantos escritos cheios de graves erros sobre os índios.

Para as palavras índias utilizaremos neste livro a ortografia internacional convencional, na que as consoantes se pronunciam como no inglês e as vogais como no italiano, salvo para os sons estranhos a estas duas línguas, os quais se transcrevem de um modo aproximado o indicativo.

JOSEPH EPES BROWN

Southwest Harbor, Maine, agosto de 1953.

* Existe uma tradução espanhola com o título *Los últimos sioux*, Barcelona, Noguer, 1974 [N. do T.]

INTRODUÇÃO

A tradição dos índios de América do Norte ou, mais precisamente, dos das planícies e dos bosques cujo domínio se estende desde as Montanhas Rochosas — e muito mais Além — até o Oceano Atlântico, possuem um símbolo e um «meio de graça» de primeira importância: o Chanumpa, o qual representa uma síntese doutrinal a sua vez concisa e complexa, e também um instrumento ritual em que se apóia toda a vida espiritual e social; descrever o simbolismo do Cachimbo sagrado e de seu rito equivale, pois, em certo sentido, a expor toda a sabedoria dos índios.

Verdade é que a tradição índia compreende forçosamente variações bastante consideráveis devidas à dispersão secular das tribos¹, e que se referem, por exemplo, ao mito da origem do Chanumpa ou ao simbolismo das cores; por isto, não pretendemos mostrar aqui mais que os aspectos fundamentais da sabedoria índia, os quais permanecem sempre idênticos apesar da variedade de suas expressões. Não obstante, utilizaremos preferencialmente os símbolos empregados pelos sioux, nação a que pertencia Hehaka Shapa (Alce Negro)², o venerável autor deste livro.

Os índios da América do Norte são uma das raças que tem sido mais estudadas pelos etnólogos e, sem dúvidas, não poderíamos afirmar que se conheçam perfeitamente; a etnografia, como qualquer outra ciência ordinária, não engloba todo o conhecimento possível, e não poderia ser, por conseguinte, a chave de todo conhecimento. Se queremos penetrar o sentido da sabedoria dos índios, não podemos fazê-lo mais que com a ajuda de outras doutrinas tradicionais ou sagradas ou, mais precisamente — o que é o mesmo—, à luz da *philosophia perennis* que permanece uma e imutável em todas as formas que pode tomar através das épocas.

O índio de antigamente no se deixa classificar facilmente em uma das categorias conhecidas de civilização ou de não-civilização, e parece constituir, desde este ponto de vista, um tipo à parte no conjunto dos tipos humanos; inclusive quando se acredita não poder reconhecer o caráter de «civilizado», se está obrigado a reconhecer nele um homem estranhamente inteiro: sua dignidade e sua integridade, sua nobreza feita de retidão, de coragem e de generosidade, além da potente e sóbria originalidade de sua arte que lhe assemelha à águia e ao sol, fazem dele uma espécie de ser mitológico que fascina e obriga ao respeito; quem sabe os antigos alemães ou os mongóis anteriores ao Budismo nos teriam dado uma impressão análoga.

¹ Esta característica é encontrada também no hinduísmo e quem sabe inclusive em todas as demais tradições de forma mitológica; na Índia, os mesmos símbolos podem variar consideravelmente segundo as regiões: um mesmo termo pode designar aqui uma realidade fundamental e em outro lugar um aspecto secundário da mesma realidade.

² Hehaka Shapa morreu em 1950 na reserva de Pine Ridge (Dakota do Sul).

E quanto à «civilização», as experiências deste século XX nos obrigam a reconhecer que é bem pouca coisa, ao menos em quanto se distingue e se separa do patrimônio religioso; com efeito, se, se entende a palavra «civilizado» no sentido muito superficial que tem correntemente, e que significa que um homem se encontra submetido a condições de vida artificiais, diferenciadas e «abstratas», o pele vermelha não perde nada por não responder a esta definição; ao contrário, a simplicidade de seu tipo de vida ancestral é o ambiente que permite a seu gênio afirmar-se; queremos dizer com isto que o objeto deste gênio, como, como os demais, acontece com a maior parte dos nômades ou semi-nômades e, em todo caso, com os caçadores guerreiros, é muito menos a criação exterior, artística si se quer, que a própria alma, e homem inteiro, matéria plástica do «artista primordial».

Esta ausência de «belas artes» propriamente ditas — não falamos aqui da pictografia — não é, pois, simplesmente um «menos», já que está condicionada e compensada por uma atitude espiritual e moral que, precisamente, não permite ao homem se exteriorizar até o ponto de se converter em servidor da matéria inerte, como o exige forçosamente toda arte «estática».

Um trabalho «servil», é dizer, que reduza ao homem a um papel aparentemente periférico, é incompatível com uma civilização fundada na Natureza e o Homem em suas funções primordiais; a arte está feita para o homem e não o homem para a arte, se dirá segundo esta perspectiva, e, com efeito, a arte índia é antes de tudo um «enquadramento» desta criação divina, central e livre que é o ser humano.

O objeto da manifestação genial é, sempre o homem enquanto símbolo e mediador: o que se exterioriza nunca se separa do microcosmos vivo para converter-se em um ser novo, inerte, em uma espécie de «ídolo» que acabaria por absorver ou esmagar ao criador humano; em uma palavra, o índio concebe a arte como uma função viva do homem como ser central e soberano, e é a própria essência espiritual desta arte, e não nenhum tipo de incapacidade, o que exclui a projeção do homem na matéria e como uma espécie de esquecimento de si mesmo frente a um ideal materializado.

A arte índia é de uma simplicidade totalmente primordial, sua linguagem é concentrada, direta, atrevida; como o índio — quero dizer, não só nobre, mais também poderosamente original —, sua arte é às vezes «qualitativa» e espontânea; possui um simbolismo preciso ao mesmo tempo em que um frescor surpreendente. «Enquadra», temos dito, a pessoa humana, e isto é o que explica a alta qualidade que alcança aqui a arte da indumentária: cocares majestosos — sobre tudo o grande adorno em plumas de águia, vestimentas cintilantes de franjas e bordados com símbolos solares, mocassins com desenhos brilhantes que parecem querer tirar dos pés todo o peso e toda a uniformidade, vestidos femininos de uma simpática simplicidade; este jeito índio, tanto em seus aspectos concisos como em suas expressões mais ricas, não é, acaso, um dos mais sutis, mas sim, certamente, um dos mais geniais que existem.

Alguns autores se acreditam na obrigação de por em dúvida o que a tradição índia possua a idéia de Deus, e isto porque acreditam descobrir nela um «panteísmo» ou «ímanatismo» puro e simples; mas este erro não é devido senão ao fato de que a maior parte dos termos índios que designam a Divindade se aplicam a todos os aspectos possíveis desta, e não só a seu aspecto pessoal; *Wakan Tanka* —o «Grande Espírito» — é Deus, não só enquanto Criador e Senhor, mais sim também enquanto Essência impessoal. Este nome de «Grande Espírito», como tradução da palavra Sioux *Wakan Tanka* e dos termos similares em outras línguas índias, às vezes dá lugar a objeções; sem dúvidas, sim *Wakan Tanka* — e os termos correspondentes — podem também traduzir-se por «Grande Mistério» ou «Grande Poder Misterioso» (ou também «Grande Medicina»), e «Grande Espírito» não é, sem dúvida, absolutamente adequado, esta última tradução é, não obstante, de todo suficiente; é certo que a palavra espírito possui certa indeterminação, apresenta a vantagem de não implicar nenhuma restrição, e isto é exatamente o que convém ao termo «poli sintético» de *wakan*. A expressão «Grande Mistério» proposta por alguns, como tradução de *Wakan Tanka* — ou dos termos semelhantes em outras línguas índias, tais como *Wakonda* ou *Manito*, não confere a «Grande Espírito» a idéia que se tenta refletir, pois a palavra «mistério» não expressa em suma mais que uma qualidade extrínseca; por demais, o que importa é à questão de saber, não se o termo índio expressa exatamente o que nós entendemos por «espírito», senão se a idéia expressa pelo termo índio pode se traduzir por «espírito» ou não.

Dissemos anteriormente que o «Grande Espírito» é Deus, não só enquanto Criador e Senhor, mas também enquanto Essência impessoal; acrescentamos que, inversamente, é Deus, não só como puro Principio, mas também como Manifestação: Assim, pois, Ele é Deus como tal e em Si mesmo, e por conseguinte Deus como Manifestação cósmica, se está permitido se expressar assim, e por último, Deus como reflexo de Si mesmo nesta Manifestação, é dizer, como ser divino no criado.

O que acabamos de dizer se desprende de modo necessário do mesmo uso que fazem os índios da maior parte dos termos que designam ao «Grande Espírito»; mas, aparte disto, os sioux estabelecem explicitamente uma distinção entre os aspectos essenciais de *Wakan Tanka*: *Tunkashila* («Avô») é *Wakan Tanka* enquanto este se fala mais além de toda manifestação, e inclusive mais além de toda qualidade ou determinação, seja qual seja; *Ate* («Pai»), pelo contrário, é «Deus no ato»: o Criador, o Sustentador e o Destruidor.

De modo análogo destinge, no que concerne à «Terra», a *Unchi* («Avó») e *Ina* («Mãe»): *Unchi* é a substancia de todas as coisas, enquanto que *Ina* é seu ato criador considerado aqui como um «parto», ato que produz, conjuntamente com a «inspiração» por *Ate*, a todos os seres. Através das espécies animais e dos fenômenos fundamentais da Natureza, o índio contempla as essências angélicas e as Qualidades divinas: nesta ordem de idéias, citaremos as considerações seguintes de uma carta de Joseph Epes Brown:

«É difícil, para aqueles que consideram a religião dos homens vermelhos desde o exterior, compreender a importância que têm para eles os animais e, de modo geral, todas as coisas que contém o Universo. Para estes homens, todo objeto criado é importante, pela simples razão de que conhecem a correspondência metafísica entre este mundo e o «Mundo real».

Nenhum objeto é para eles o que parece ser só segundo as aparências; não vêm na coisa aparente mais que um débil reflexo de uma realidade principal³.

Por isto toda coisa é *wakan*, sagrada, e possui um poder, segundo o grau da realidade espiritual que reflete; assim, muitos objetos possuem um poder para o mal, tanto como para o bem, e todo objeto é tratado com respeito, pois o «poder» particular que contém pode ser transferido ao homem; os índios sabem bem que não há nada, no Universo, que não tenha sua correspondência analógica na alma humana.

O índio se humilha ante toda a Criação, sobre tudo quando «implora» (é dizer, quando invoca ritualmente ao Grande Espírito na solidão), porque todas as coisas visíveis foram criadas antes que ele (anterioridade que, desde o ponto de vista de determinado simbolismo das criaturas, têm também um sentido puramente principal) e que, por ser seus antepassados, merecem respeito; mas o homem, mesmo tendo sido criado em último lugar, é, não obstante, o primeiro dos seres, pois só ele pode conhecer ao Grande Espírito (*Wakan Tanka*)⁴.

³ Traduzimos a palavra francesa *principiel* por «principal», ainda que esta não se encontre em nossos dicionários. Com efeito, «principal» não é equivalente a «primordial», «principal», ou «original». Todas estas palavras não dão conta exata de seu significado concreto, que seria o de «relativo ou pertencente aos Princípios ou ao Princípio», entendendo «Princípio» em um sentido metafísico e não natural [N. do T.].

⁴ «Se fala geralmente da religião do índio como de um culto da Natureza e dos animais.

Este termo é demasiado amplo e demasiado confuso a sua vez. Uma investigação detida e uma observação cuidadosa nos ensina, pelo contrario, que o índio não adora aos objetos que invoca ou menciona em seus ritos. A terra, os quatro ventos, o sol, a lua e as estrelas, as pedras, a água, os diversos animais, todos são representantes de uma vida e de um poder misterioso... (Alice C. Fletcher, *The Elk Mystery or Festival*.) Uma coisa não é somente o que é para os sentidos, e sim também o que ela representa.

Os objetos, naturais ou artificiais, não são para o primitivo, como podem o ser para nós, «símbolos» arbitrários de tal realidade distinta e superior; são para ele a manifestação efetiva desta realidade: a águia ou o leão, por exemplo, não é tanto um símbolo ou uma imagem *do* Sol como que *é* o Sol baixo uma de suas aparências (por ser a forma essencial mais importante que a espécie na que se manifesta; do mesmo modo, toda casa *é* o mundo em efígie e todo altar está situado no centro da terra; se este modo de considerar as coisas resulta «inconcebível», é tão só porque «nós» estamos mais interessados pelo que as coisas são que pelo que significam, mais interessados pelos fatos que pelas idéias universais. Quando se diz que um grupo humano descende de um totem, não há nele, como o crê o antropólogo, um absurdo puro e simples: só se expressa assim que o grupo descende do Sol, o *Progenitor* e *Prajapati* de todos os seres na forma particular na qual, em uma visão ou em sonhos, se revelou a si mesmo ao antepassado fundador do clã. O mesmo raciocínio justifica a comida eucarística: o *Pai-Progenitor* é sacrificado e dividido por seus descendentes nas espécies da carne do animal sagrado: Este é meu corpo, tomai e comei.» De modo que, como disse Lévy Bruhl dos símbolos deste gênero, estes não têm por função “representar” aos olhos seu objeto, mas sim permitir participar nele, e que «se sua função essencial consiste em “representar”, no pleno sentido desta palavra, a seres ou objetos invisíveis, e fazer efetiva sua presença, resulta que não consistem necessariamente em reproduções ou imagens destes seres e destes objetos». O objetivo da arte primitiva é inteiramente distinto das intenções estéticas ou decorativas do «artista» moderno (para quem os antigos motivos sobrevivem somente como «formas de arte» desprovidas de significação) e este objetivo explica seu caráter abstrato». (Ananda K. Coomaraswamy, *Figures of Speech or Figures of Thought*).

Estas considerações permitiram compreender melhor como toda coisa «característica», é dizer, que manifesta uma «essência», é *wakan*, «sagrada». Crer que Deus é o sol, é certamente um erro totalmente «pagão» — e alheio ao pensamento índio, mas é igualmente absurdo crer que o sol não é nada mais que uma massa incandescente, é dizer, que não «é» Deus de nenhum modo.

Poderíamos, também, nos expressar da maneira seguinte: *wakan* é o que é integralmente conforme a seu próprio «gênio»; o Principio é *Wakan Tanka*, é dizer, o que é absolutamente «Si mesmo»; e por outra parte, o sábio é aquele que é perfeitamente conforme a seu «gênio» ou a sua «essência»; esta não é outra que o «Grande Espírito» ou o «Grande Mistério».

É *wakan*, «sagrado», o que permite «conformar-se» diretamente com a Realidade divina; o homem é *wakan* quando sua alma manifesta o Divino com a evidencia espontânea e fulgurante das maravilhas da Natureza: os elementos, o sol, o relâmpago, a água, o bisão, o urso, as montanhas, as correntezas, as estrelas, e assim sucessivamente.

Por isto a covardia — espécie de abandono da «personalidade» é o pecado por excelência; e isto explica também o «individualismo» aparente ou real dos índios, atitude que, partindo da «personalidade», terminou por converter-se num individualismo enraizado.

Enquanto ao conhecimento do «Grande Espírito», que só o homem, entre todas as criaturas terrestres, pode alcançar, Hehaka Shapa o definiu um dia nestes termos: «Sou cego e não vejo as coisas deste mundo; mas quando a luz vem de Cima, ilumina meu coração e posso ver, pois o Olho de meu coração (*Chante Ishta*) vê tudo.

O coração é o santuário em cujo centro há um pequeno espaço é nele que habita o Grande Espírito, e este é o Olho (*Ishta*).

Este é o Olho do Grande Espírito por ele que Ele vê todas as coisas, e por ele que lhe vemos. Quando o coração não é puro, o Grande Espírito não pode ser visto, e se você houver de morrer nesta ignorância, vossa alma não poderá regressar imediatamente a Seu lado, então deverá se purificar mediante peregrinações através do mundo.

Para conhecer o Centro do coração e o que reside o Grande Espírito, deveis ser puros e bons, e viver segundo a maneira em que o Grande Espírito nos ensinou. O homem que, deste modo, é puro, contém o Universo na bolsa de seu coração (*Chante Ognaka*).»

universais. Quando se diz que um grupo humano descende de um totem, não há nele, como crê o antropólogo, um absurdo puro e simples: só se expressa assim que o grupo descende do Sol, o *Progenitor* e *Prajapati* de todos os seres na forma particular na qual, em uma visão ou em sonhos, se revelou a si mesmo ao antepassado fundador do clã. O mesmo raciocínio justifica a comida eucarística: o *Pai-Progenitor* é sacrificado e dividido por seus descendentes nas espécies da carne do animal sagrado:

«Este é meu corpo, tomai e comei.» De modo que, como disse LévyBruhl dos símbolos deste gênero, «estes não têm por função “representar” aos olhos seu objeto, mas permitir participar nele», e que «se sua função essencial consiste em “representar”, no pleno sentido desta palavra, a seres ou objetos invisíveis, a fazer efetiva sua presença, resulta que não consistem necessariamente em reproduções ou imagens destes seres e destes objetos». O objetivo de arte primitivo é inteiramente distinto das intenções estéticas ou decorativas do «artista» moderno (para quem os antigos motivos sobrevivem somente como «formas de arte» desprovidas de significação) e este objetivo explica seu caráter abstrato ». (Ananda K. Coomaraswamy, *Figures of Speech or Figures of Thought*).

Não poderíamos fazer nada melhor, antes de comentar sumariamente o simbolismo do Chanumpa, que citar a explicação que dele foi dada por Hehaka Shapa em seu primeiro livro (*Black Elk Speaks*): «Enchendo o Cachimbo sagrado com a casca do salgueiro vermelho; mas antes que a fumemos, deveis ver como é feita e o que significa.

Estas quatro cintas que pendem do forninho são as quatro Regiões do Universo: a negra representa o Oeste, nele vivem as criaturas do Trovão para nos enviar a chuva; a branca representa o Norte, de onde vem o grande Vento Branco que purifica; a vermelha representa Leste, de onde brota a luz e donde mora a claridade da alvorada a fim de dar a sabedoria aos homens; a amarela representa o Sul, de onde vem o verão e o poder de crescer.

Mas estes quatro espíritos não são em suma mais que Um Espírito, e esta pluma de águia simboliza o Uno, que é como um pai; mas representa, também, os pensamentos dos homens, que devem se elevar até as alturas como fazem as águias. Não é o Céu um pai, e a Terra uma mãe, e todos os seres vivos seus filhos, quer tenham pés, asas ou raízes?

E este couro da boquilha, que há de ser de pele de bisão, indica a Terra, da qual viemos e de cujo seio nos nutrimos toda a vida, semelhantes a recém nascidos, com todos os animais, pássaros, árvores e ervas. E porque significa tudo isto, e mais do que nenhum homem pode compreender, o Cachimbo é sagrado.»

Quando o índio leva a cabo o rito do Chanumpa, saúda ao céu, à terra, e aos quatro pontos cardinais, seja «oferecendo» o Cachimbo, cujo canhão representa, como o quer, por exemplo, o ritual dos sioux, já dirigindo a fumaça até as direções indicadas e as vezes também o «fogo central»⁵ —o *agni* védico— que arde ante o oficiante; a ordem destes gestos pode variar, mas seu plano estático é sempre o mesmo, já que constitui o esquema doutrinal, dogmático se quiser, que será atualizado pelo rito.

Conforme alguns usos rituais, começaremos nossa enumeração com o Oeste: este «Vento do Oeste» trás o trovão e a chuva, é dizer, a Revelação e também a Graça; o «Vento do Norte» purifica e dá a força; do «Leste» vem a Luz, e, por tanto, o conhecimento, que, segundo a perspectiva índia, estão em relação com a Paz; o «Sul» é a fonte da Vida e do Crescimento; ali é onde começa o «bom Caminho vermelho», a estrada da verdade da felicidade.

⁵ «O fogo de seu conselho ou de sua grande tenda sagrada é, como as vezes indicam suas canções, o mais antigo de tudo; vem a ser o que os filósofos gregos da escola de Pitágoras chamavam a *Hestia* que arde no centro do mundo. Mesclando seu alento com o fogo do tabaco sagrado, toma parte neste fogo central, e é este mesmo fogo o que se eleva com sua fumaça para o zênite do Universo ou desce para o nadir tocando a terra, ou se une aos quatro ventos que percorrem os lados de nosso habitat humano cheios da vida sussurrante dos altos céus.» (Hartley Burt Alexander, *L'Art et la Philosophie des Indiens de l'Amérique du Nord*.)

Assim é como o Universo depende de quatro determinações primordiais, a saber: a «Água», o «Frio», a «Luz», e o «calor»; a primeira, a «Água», não é outra coisa que o aspecto positivo da obscuridade, que normalmente deveria opor-se à luz como o frio se opõe ao calor; o aspecto positivo da obscuridade é, em efeito, sua qualidade de «sombra» que protege contra a força ao ressecante sol e que produz ou favorece a umidade; é necessária que o céu se escureça antes de poder acontecer a chuva, e que Deus manifeste a Cólera —o trovão— antes de conceder a Graça, cujo símbolo natural é a chuva.

E quanto ao «frio» — do Vento santificante e purificador que dá força—, seu aspecto positivo é a pureza, de modo que poderia opor-se a «Pureza» do Norte ao «Calor» do Sul como se opõe a «Chuva» do Oeste a «Luz» do Leste; a relação entre o «Frio» e a «Pureza» é evidente: as coisas inanimadas e, portanto, «frias», é dizer, os minerais, não estão sujeitos à corrupção como os seres animados e, portanto, «quentes». a «Luz» do Leste, já temos dito, é o «Conhecimento»; o «Calor» é a «Vida» e, por conseguinte, o «Amor» e também a «Bondade», a «Beleza», a «Felicidade».

Antes de ir mais distantes, devemos responder a uma objeção que poderia surgir do fato de que os «Quatro Ventos», na doutrina dos sioux, parecem corresponder a uma função bastante secundária da Divindade, que se divide em quatro aspectos subdivididos quatro vezes; agora bem, aparte de que não é o simbolismo mitológico dos sioux o que nos propomos estudar aqui em primeiro lugar, senão a metafísica da Quaternidade que se apresenta em todas as variantes da tradição índia, a doutrina sioux reconhece aos quatro Princípios, mediante uma notável derrubada da hierarquia mitológica ordinária, uma preeminência sobre as demais Divindades, e isto indica claramente que, no rito do Chanumpa, o melhor na perspectiva com ele vinculada, os pontos cardinais representam as quatro Manifestações divinas essenciais e, por conseguinte, também seus Protótipos no Ser.

É necessário, por demais, não esquecer nunca que, para outros índios, o simbolismo toma formas muito diferentes das que possuem os sioux: assim, para não citar mais que este exemplo, nos arapaho, os quatro princípios estão simbolizados por quatro «Anciãos» que, emanados do «Sol», velam pelos habitantes do mundo terrestre, a quem se atribui simbolicamente o dia (Sudeste), o verão (Sudoeste), a noite (Noroeste) e o inverno (Nordeste); por último, convém fazer notar que a Quaternidade é a via de regra considerada como se constituísse no fundo uma «Duodecimidade », e cada um de seus elementos é concebido segundo três aspectos, fazendo abstração do eixo vertical Céu - Terra que agrega à Quaternidade dois elementos novos mesmo de outra ordem.

Dito isto, voltamos para a consideração dos quatro Princípios em si mesmos: se poderia também, sempre partindo do «Oeste» até o «Norte», designar aos quatro «Lugares Cósmicos» respectivamente com os termos seguintes: «umidade», «Frio», «Sequidão», «Calor»; o aspecto negativo correlativo da umidade é a obscuridade, e o aspecto positivo correlativo da sequidão é a luz. A «Ave do Trovão» (*Wakinyan Tanka*), que habita no Oeste e que protege a terra e a vegetação contra a seca e a morte, é descrito como lançando relâmpagos pelos olhos e produzindo o trovão com as asas, a analogia com a Revelação do Sinai, acompanhada de «trovões», de «relâmpagos» e de uma «nuvem espessa», é tanto mais impressionante quanto o acontecimento bíblico teve lugar em um penhasco, e que a mitologia índia estabelece precisamente um vínculo entre a «Ave do Trovão» e «Penhasco», tal como veremos na continuação.

Enquanto à assimilação simbólica da Revelação ao Oeste, pode parecer insólita e paradoxal, mas não há de perder nunca de vista que os pontos cardinais têm aqui forçosamente um significado positivo: o Oeste não será, pois, o contrário do Leste, a saber, a «Obscuridade» e a «Ignorância», senão seu complemento positivo, portanto a «Chuva» e a «Graça». Um poderia se surpreender, por outra parte, do fato de que a tradição índia estabeleça um vínculo simbólico entre o «Vento do Oeste», portador do trovão e da Chuva, e o «Penhasco», personificação «Angélica» ou «semi divina» de um aspecto cósmico de *Wakan Tanka*: esta aproximação é, não obstante, plausível, pois o penhasco reúne em si mesmo os mesmos aspectos complementares que a tormenta: o aspecto terrível por sua dureza destrutiva é, para os índios, símbolo de destruição, de há nas armas de pedra, com as que devem naturalmente se relacionar as «pedras do raio» e o aspecto de Graça pelo fato de que dá nascimento a fontes que, como a chuva, regam o país⁷.

Os Quatro «Ventos» são como as «Potências produtoras» (no sentido do termo sânscrito *Shakti*) das «Regiões do Mundo», e se concebem como dando a volta ao horizonte e determinando a vida terrestre mediante suas influências combinadas.

O vento é como o «alento» do mundo terrestre nele que vivemos; representa assim a «respiração» cósmica. O «alento» é em certo sentido o veículo da «alma» ou do «espírito»; daí a conexão etimológica destas palavras em muitas línguas; mas é também o veículo ativo e a vida, pois ele é quem alimenta e purifica o sangue, suporte passivo e inferior do elemento vital. O «alento» é, pois, ao mesmo tempo, a «alma» da «vida», e está feito assim a imagem do Verbo divino cujo «Alento» criador há feito ao homem.

⁶ Segundo a mitologia iroquesa, «*Hino*, o Espírito do trovão..., é o guardião do Céu. Armado com um potente arco e com flechas de fogo (de relâmpagos), destrói todas as coisas nocivas. Sua esposa é o Arco íris»... *Oshadagea*, a «Grande Águia do Orvalho», está igualmente a serviço de *Hino*. Habita no Céu do Oeste e leva no oco de sua espalda um lago de orvalho. Quando os espíritos maléficos do fogo destroem sobre a terra toda classe de verdor, *Oshadagea* empreende o vôo e, desde suas asas despregadas, a umidade benéfica vai caindo gota a gota» (Max Fauconnet, *Mythologie des deux Amériques*, em *Mythologie Générale* de la Librairie Larousse). A associação do relâmpago com a «Ave do Trovão» é tanto mais notável quanto que nas tradições mais diversas o relâmpago é assemelhado à Revelação, como a chuva o é à Graça. A águia pertence ao mesmo simbolismo universal que o relâmpago, de onde a associação deste animal com São João, Autor inspirado do Apocalipse e «Filho do Trovão».

⁷ Convém mencionar, a este respeito, o feito de que, no mundo pele vermelha, as Montanhas Rochosas (*Rocky Mountains*) - por tanto, os «penhascos» - se encontram a Oeste, que elas dão nascimento a numerosos rios que fertilizam as planícies. «Quando uma visão vem da parte dos Seres do Trovão do Oeste, vem com terror e como um furacão; mas quando o furacão da visão passa, o mundo é mais verde e mais feliz; porque cada vez que vem a este mundo a verdade revelada (*the truth of vision*), esta é como a chuva. O mundo é mais feliz depois do Terror do furacão». (*Black Elk Speaks, being Life Story of a Holy Man of the Ogalala Sioux*, contada a John G. Neihardt.) Anascesis responde a mesma conexão cósmica entre o «terror» e a «Graça»: «Fazer medicina» (*to «make medicine»*) é praticar, durante um período especialmente consagrado, o aluno, a ação de graças, a oração, a abnegação e inclusive a tortura voluntária... O objetivo é subjugar inteiramente as paixões da carne e aperfeiçoar a «si mesmo» espiritual. a abstinência corporal e a concentração mental em pensamentos elevados purificam o corpo y a alma... Então o espírito individual se torna mais conforme ao Espírito da Grande Medicina que está sobre nós » (*then the individual mind gets closer towards conformity with the Mind of the Great Medicine above us*) (Woodon Leg —um índio cheyenne— em seu livro: *A Warrior whofought Custer*).

O pontos cardeais estão associados simbolicamente, já o dissemos, a quatro Divindades, designadas de diversas maneiras e que personificam outros tantos aspectos complementarios do Espírito universal; este os une em si mesmo, como as cores se unem na luz; e ele «é» *Wakan Tanka* no sentido que se identifica a Deus em virtude da unicidade de Essência, como a luz se identifica essencialmente ao Sol.

Segundo a cosmologia dos sioux, estas quatro Divindades ou «semi-Divindades» se subdividem a sua vez cada uma em quatro entidades hierarquizadas, que levam os nomes mais diversos, tais como «Sol», «Lua», «Bisão», «Alma», e que indicam outras tantas ramificações ou reflexos do Espírito no cosmos; estas ramificações não são outra coisa que os anjos secundários cujas inumeráveis modalidades penetram até os confins do criado.

Os sioux estabelecem uma relação analógica entre os «Quatro Ventos» e os Quatro períodos cíclicos, simbolizados pelas quatro plumas de águia que adornam o «círculo sagrado» utilizado na «Dança do Sol» e em outras ocasiões; o primeiro período é o da «Pedra»; o segundo, o do «Arco»; o terceiro, o do «Fogo», o quarto, o do «Cachimbo», representando cada um destes símbolos o meio espiritual do período respectivo.

Assim mesmo, há quatro idades através das quais toda coisa criada deve passar: a primeira é o Sul, que é amarelo e é a fonte de toda vida, e esta é a primeira idade num ciclo histórico, a segunda é o Oeste, que é negro; a terceira é o Norte, que é branco; e a quarta, o Leste, que é vermelho: a humanidade terrestre se fala atualmente na quarta idade, que terminará com um grande desastre.

Esta repartição, que atribui à «Idade de ouro» ao Sul e a «Idade de ferro» ao Leste, enquanto que as demais doutrinas tradicionais atribuem a primeira ao Norte e a segunda ao Oeste, pode surpreender a primeira vista, mas há que levar em conta aqui duas coisas: primeiramente, no que concerne à «Idade de ouro» o *Krita Yuga* hindu, se bem é exato atribuí-lo ao Norte em razão da situação polar do Paraíso terrestre, não é menos certo que, de fato, o pólo atual está coberto de gelo e que, desde o ponto de vista «qualitativo», é o Sul que corresponde efetivamente ao Paraíso e, por conseguinte, à «Idade de ouro», de modo que o simbolismo em questão pode se fundamentar no calor e a fertilidade do Sul assim como na situação hiperbórea do Jardim primordial; em segundo lugar, no que concerne à «Idade de ferro» — o *Kal -Yuga*—, se bem é evidentemente justo atribuí-lo, segundo a perspectiva geográfica do «Velho Mundo», ao Oeste, já que é ali onde o sol se põe e onde há tido nascimento o materialismo moderno que estende sua ignorância à humanidade inteira, não é menos certo que, para os peles vermelhas, este materialismo destruidor da Natureza vêm do Leste; é ali onde se situa o que, para os orientais, é o «obscuro Ocidente» e é dali de onde vieram estes «espíritos» (*washichun*) de rostos pálidos que exterminaram a raça vermelha; mas isto não impede de modo algum que o Salvador universal, o Messias esperado por todos os povos para o fim da «Idade de ferro», venha igualmente do Leste, de modo que o simbolismo solar desta direção permanece intacto na teoria sioux dos quatro períodos cíclicos.

Na mesma ordem de idéias, a cosmologia dos cheyennes insiste na posição ártica da sede da Tradição primordial: situa o Paraíso terrestre no extremo Norte, numa ilha surgida das águas primordiais, onde reinava uma primavera perpétua e na qual os homens e os animais falavam a mesma língua; este relato descreve a continuação as tribulações, em particular dos dilúvios, depois das quais a raça vermelha — ou melhor seus antepassados

primordiais— se estabeleceram definitivamente no Sul, convertido a sua vez numa região fértil.

Não queremos nos esquecer de mencionar aqui que o Chanumpa compreende, junto a seu simbolismo quaternário, outro, ternário este, que se refere aos três mundos, aos quais correspondem respectivamente o céu, os pontos cardeais e a terra. Estes três mundos, pelo demais, se encontram também indicados, entre os índios corvos (*Crow*, Absaroka), na forma de três anéis pintados no mastro central da Dança do Sol, mastro que significa a árvore da Vida ou eixo do Mundo, conforme ao simbolismo hiperbóreo; são então interpretados como formando um ternário (em sentido ascendente «corpo, alma, espírito», ou «grosseiro, sutil, puro»)⁸.

As funções essenciais da Existência e seus dois fundamentos «paterno» e «materno» ou «divino» e «existencial» devem ser recordados e atualizados sempre de novo pelo Chanumpa afim de que o homem não perda nunca o contato com o Todo, do que é como uma partícula; o rito do Chanumpa equivale a um vínculo e a uma consagração, pois «como nenhuma coisa boa pode ser feita pelo homem só, quero primeiro fazer uma oferenda e enviar uma voz até o Espírito do Mundo para que me ajude a ser verdadeiro» (Alce Negro). Assim pois, o Chanumpa é *pontifex* : é o instrumento «eucarístico» que une ao homem, perseguido como está pelas limitações do «finito» ao Infinito, e isto explica a veneração e o amor que os índios lhe manifestam.

Isto nos leva a considerar outro aspecto deste rito nele que aparece a analogia entre a fumaça do tabaco sagrado (*kinni-kinnik*) e o incenso: na maioria das tradições, o incenso é em certo modo a «resposta humana» à Presença divina; por conseguinte, a fumaça indica a «presença espiritual» do homem frente a Presença sobrenatural¹⁰ de Deus, como enuncia este encantamento iroquês: «Saúde! Saúde! Saúde!

⁸ «Recordaremos... que, em diversas tradições, a imagem do Sol está também vinculada a da árvore, porque está representado nele como o fruto da «Árvore do Mundo»; abandona sua árvore ao princípio de um ciclo e vem a repousar nele ao final, de modo que... a árvore é efetivamente a «estação do Sol». (René Guénon, *L'Arbre du Monde*, em *Études traditionnelles*, fevereiro, 1939.)

⁹ O «Grande Espírito» é em efeito o «Pai» ou o «Avô»; a «Terra» é a «Mãe que engendra a todos os seres», a «única Mãe». Os índios pawnees designam a Deus com o nome de «Pai» (*Tirawa*) e o distinguem mais claramente do Espírito manifestado (*Kawaharu*); na mesma ordem de idéias — é dizer, no que concerne a assimilação simbólica do céu a Deus enquanto princípio paterno — os índios pés negros chamam ao Grande Espírito «Poder solar» (*Natosiwa*), mas sem o identificar nunca com o sol visível.

¹⁰ Este adjetivo não constitui um pleonasmo, porque a Presença «natural» de Deus não é outra que a Existência e as diversas expressões ou formas desta, tais como, precisamente, os símbolos da Natureza, o Sol, a Lua, o Bisão e outros» que para o índio são *wakan*, sagrados. Citemos aqui este exemplo, de um simbolismo profundo, dada por um chefe índio à conhecida etnóloga Alice C. Fletcher: «Tudo o que se move se detém em um lugar para fazer ali seu ninho, em outro para descansar de seu voo. Um homem que caminha se detém quando quer. Assim é como a Divindade se deteve. O sol, tão radiante e tão belo, é um dos lugares em que Ela se deteve. Tem estado com a lua, as estrelas e os ventos. As árvores, os animais, todos estão donde ela se deteve, e o índio pensa nestes lugares e envia para eles suas rezas para alcançar o local em que a Divindade se deteve, e receberá ajuda e bênçãos.»

‘Tu que criaste todas as coisas, escute nossa voz. Obedecemos agora a teus Mandamentos. O que Tu criaste volta até Ti, a fumaça do tabaco (sagrado) se eleva a Ti, pelo que se vê que nossa palavra é verdadeira»¹¹.

No ritual do Chanumpa o homem representa o estado de «individualismo»; o espaço — com suas seis direções — representam o Universal nele que o individual deve, transmutando-se, se reabsorver; a fumaça que se perde no espaço e que se identifica com ele, indica esta transmutação do «endurecido», «opaco» ou «formal», no «livre», «transparente» ou «informal»; indica, ao mesmo tempo, o irreal do «eu» e, por conseguinte a do mundo, que, espiritualmente, se identifica com o microcosmos humano.

Mas esta reabsorção da fumaça no espaço — que «é Deus»—transcreve igualmente o mistério da «identidade» em virtude da qual, para falar em termos sufies, «o sábio não foi criado»: o homem não é senão ilusoriamente um «peso» subtraído do espaço e ilhado nele; em realidade ele «é» este espaço, e «deve converter-se no que é», como dizem as Escrituras hindus¹².

O homem, ao absorver com a fumaça sagrada o «perfume da Graça», e ao se exalar com ele até o ilimitado, se expande sobrenaturalmente no «Espaço divino», se assim pode se dizer; mas Deus é também representado pelo fogo que consome o tabaco: este último é o homem ou, desde o ponto de vista macro cósmico, o Universo; o espaço se «encarna» aqui no fogo do *Chanumpa*, como os pontos cardeais se unem, segundo outro simbolismo, no fogo central.

Segundo Hehaka Shapa, «todo o que faz um índio, o faz em um círculo, e é assim porque o Poder do Universo atua sempre mediante círculos, e todas as coisas tendem a ser redondas. Nos dias de antigamente, quando éramos um povo forte e feliz, recebíamos todo nosso poder do círculo sagrado da nação, e enquanto o círculo permanecia inteiro, o povo florescia. A árvore florida era o centro vivo do círculo, e o círculo das quatro direções o nutria.

O Leste dava a paz e a luz, o Sul, o calor, o Oeste, a chuva, e o Norte, com seu vento frio e potente, dava a força e a resistência. Este conhecimento nos veio do mundo exterior (o Mundo transcendente, o Universo), com nossa religião. Todo o que faz o Poder do Universo o faz em forma de círculo.

O céu é circular, e ouvi dizer que a terra é redonda como uma bola, e também as estrelas são redondas.

¹¹ Citado por Paul Radin em sua *Histoire de la Civilisation indienne*.

¹² Os «moinhos de oração» budistas pertencem a um simbolismo inversamente análogo ao do Chanumpa: enquanto que neste a Realidade divina se atualiza nas direções do espaço para as quais se dirigem, a partir do centro que é o estado de individualismo» as aspirações espirituais do indivíduo, o «moinho de oração» encarnará a Realidade divina na forma de uma Palavra revelada, fixada no espaço pelas letras sagradas que a transcrevem, e bendizendo, mediante sua rotação, ao Universo em sua manifestação espacial. Segundo uma *Upanishad*, «*Brahma* está no Norte, no Sul, no Leste, no Oeste, no Zênite e no Nadir». No mesmo sentido, o Alcorão disse: «Onde quer que vá, ali encontra o rosto de *Alláh*.»

O vento, em sua força máxima, se redemoinha. Os pássaros fazem seus ninhos em forma de círculos, pois têm a mesma religião que nós... Nossas tendas (*tipis*) eram circulares como os ninhos dos pássaros e estavam sempre dispostas em círculo: o centro da nação, um ninho feito de muitos ninhos, nele o Grande Espírito queria que protegêssemos a nossos filhos.» (*Black Elk Speaks*.)

Assim sendo, todas as formas estáticas da existência se encontram determinadas por um arquétipo «concêntrico», material ou mental; centrado em seu ego qualitativo, «totêmico», quase impessoal, o índio tende à independência, e por conseguinte à indiferença, respeito ao mundo externo; se rodeia de silêncio como se este fosse um círculo mágico, e este silêncio é sagrado porque transmite as influências celestes.

O índio extrai sua força espiritual deste silêncio, cujo suporte natural é a solidão; sua oração habitual é muda: o que esta exige não é um pensamento, e sim uma «consciência do Espírito», e esta «consciência» é imediata e informal como a abóbada celeste.

Se o Grande Espírito atua sempre «mediante círculos», desde outro ponto de vista também atua sempre «mediante Quaternidade»¹³, como indicam as direções espaciais e os ciclos temporais, e então o círculo se converte em cruz, por isto o índio, cuja vida se desenrola em certo modo entre o ponto central e o espaço ilimitado, realiza as coisas estáticas segundo o princípio circular, e as coisas dinâmicas. — as ações segundo o princípio quaternário, é dizer, e conformidade com as quatro virtudes cardeais que são para ele o valor, a paciência, a generosidade e a fidelidade.

Esta estrutura profunda da vida índia significa que o homem vermelho não se propõe «fixar-se» nesta terra na que tudo, segundo a lei de estabilização e também de condensação, e ainda de «petrificação», ameaça em «cristalizar-se»; e isto explica a aversão do índio às casas, sobre tudo as de pedra, e também a ausência de uma escritura que, segundo esta perspectiva, «fixaria» e «mataria» o fluxo sagrado do espírito.

A civilização européia, pelo contrário, tanto em suas formas dinâmicas como em suas formas estáticas, é profundamente sedentária e urbana: está, pois, ancorada no espaço e se estende quantitativamente por ele, enquanto que a civilização índia tem seu eixo em certo modo fora do espaço, no centro principal, não localizado; sua expansão será por conseguinte «qualitativa», no sentido de que não é senão movimento puro, símbolo do

¹³ Depois do que acabamos de dizer, não podemos deixar de dizer que o círculo tem também um significado dinâmico em relação com a cruz considerada segundo seu simbolismo estático; não falamos do quadrado, forma estática por excelência, porque não intervém na perspectiva nômade da que aqui se trata. Em efeito, se a cruz representa, não uma tendência centrífuga, mas sim os pontos cardinais, o círculo a sua vez não indicará uma tendência concêntrica, mas sim o movimento circular dos «Quatro Ventos» ao redor do mundo, é dizer, o «passo da potência ao ato» dos quatro Princípios cósmicos; a mesma imagem volta a aparecer na esvástica (suástica), na que a cruz simples é evidentemente estática, enquanto que os colchetes são dinâmicos e «circulares».

ilimitado, e não delimitação quantitativa, «mercantil», da extensão espacial. Importa por demais, precisar aqui que o Cristianismo, como outras religiões do «Velho Mundo», fixa o Celestial no plano terrestre e constrói santuários com a matéria mais estática, a pedra; a tradição dos peles vermelhas, por sua parte, integra o terrestre — o «espacial» se quer — no Celestial onipresente, e também por isto a terra deve permanecer intacta, virgem, sagrada, tal como saiu das Mãos divinas — pois só as coisas puras refletem o Eterno¹⁴.

O índio não é «panteísta», mas sabe que o mundo está misteriosamente submergido em Deus.

O que acabamos de dizer permitirá compreender por que a natureza — paisagem, céu, estrelas, elementos, animais selvagens — são suporte necessário da tradição dos peles vermelhas ao mesmo nível que os templos para as demais religiões; todas as limitações impostas à natureza por obras artificiais, pesadas, irremovíveis — e impostas ao homem por sua escravidão em respeito a elas — são, pois, sacrílegas, inclusive «idólatras», e levam em si mesmas os germes da morte¹⁵.

Resulta deste modo de ver que o destino dos peles vermelhas é trágico no sentido próprio do termo: é trágica uma situação sem saída que resulta, não de uma causa fortuita, mas sim do choque fatal de dois princípios.

O esmagamento da raça índia é trágico porque o homem vermelho não podia senão vencer ou morrer¹⁶; há sucumbido porque representava um espírito incompatível com o mercantilismo dos «caras pálidas». Poderia se definir este drama imenso como a luta, não só entre uma civilização mercantil e materialista e outra cavalheiresca e espiritualista, mas também entre a civilização urbana — no sentido estritamente humano pejorativo deste termo, que implica uma idéia de «artifício» e de «servilismo» — e o reino da Natureza, considerada como a vestimenta majestosa, pura e ilimitada, do espírito divino. Agora bem, a Natureza, da que o índio se sente como a encarnação e que é ao mesmo tempo seu santuário, acabará por vencer a este mundo artificial e sacrílego, pois ela é a Vestimenta, o Hábito, a Mão do Grande Espírito.

FRITHJOF SCHUON

¹⁴ Esta perspectiva explica as grandes «revoluções nômades» que, partindo das estepes mongóis com uma impetuosidade inaudita, pretendiam varrer as cidades, lugares de corrupção e «petrificação», da superfície da terra; lembremos que o anel de Gengis Khan levava a esvástica, que aparece também com muita frequência na arte dos peles vermelhas. Enquanto a atitude dos peles vermelhas frente a Natureza por uma parte e para as cidades por outra, Tácito assinala características de todo análogas nos alemães: «Consideram que o feito de encerrar entre muros e representar com aspecto humano aos deuses seria degradar sua majestade: lhes consagram bosques e selvas, e invocam, com os nomes de divindades, ao Mistério que não vêem mais que através do temor reverencial» (...*deonumque nominibus appelant secrehum ilhud, quod sola reverentia vident*). «É sabido que os germanos não tem cidades e que nem sequer poderiam suportar que suas casas se encostassem com outras.» Marcelino, autor do século IV, refere que os germanos contemplavam as cidades romanas com horror, como se fossem prisões e sepulcros, e que as abandonavam depois de havê-las tomado.

¹⁵ Como disse um «guardião do Chanumpa» a Joseph Epes Brown, Deus mostra uma bondade deixando a natureza intacta: «Ainda que tenhamos sido pressionados de todas as maneiras possíveis pelo homem branco, nos fica ainda muito que dar graças ao Grande Espírito, porque, inclusive neste período de obscurecimento, sua obra na natureza permanece sem mudança e nos recorda continuamente a Presença divina.»

¹⁶ Cabe se perguntar quem foi menos nobre, se os métodos desleais empregados durante o avanço para o Oeste, ou os tratos infligidos aos índios depois de sua derrota: «A tentativa de suprimir a autoridade dos chefes e o ordem social indígena começou com o agente que veio a Pine Ridge em 1879... Segundo sua convicção sincera, o índio não podia adaptar-se a sua nova situação mais que aceitando criar ganho e se estabelecer em terrenos destinados ao cultivo. Sem duvidas, como todos os homens de sua época, o agente estimava também que isto devia ir acompanhado do abandono completo dos costumes índios. Assim, quando os índios pareciam se empenhar com demasiada tenacidade em seu costume de acampar em grupos e de celebrar conselho entre si, ou quando não se mostravam bastante solícitos para colaborar, retinha suas rações ou se servia da polícia para impor uma mudança pela força... A sufocação da sociedade indígena e da autoridade dos chefes foi seguida mais tarde por regulamentos oficiais que proibiam as danças índias, os ritos, em uma palavra, os costumes pagãos... Com efeito, as crianças eram raptadas para ser incorporados às escolas do governo; lhes cortavam o cabelo, lhe tiravam suas roupas índias. Lhes estava proibido falar sua própria língua... Os que persistiam em seu antigo modo de vida e os que fugiam e eram capturados, eram encerrados. Na medida do possível se prendia as crianças na escola ano atrás de ano com o fim de tirá-los da influencia de seus familiares» (Gordon Macgregor, *Warriors without Weapons*).

¹⁷ «Caim, que matou a seu irmão Abel, o pastor, e se construiu uma cidade, prefigura a civilização moderna civilização que foi descrita como «uma máquina mortífera desprovida de consciência e de ideal» (G. La Piana), «nem humana, nem normal, nem cristã» (Eric Gill), e de fato, «uma anomalia, por não dizer uma monstruosidade» (René Guénon). disse: «\os valores da vida declinam lentamente. O que fica é uma aparência de civilização sem nenhuma de suas realidades» (A. N. Whitehead). Críticas parecidas poderiam se citar indefinidamente.

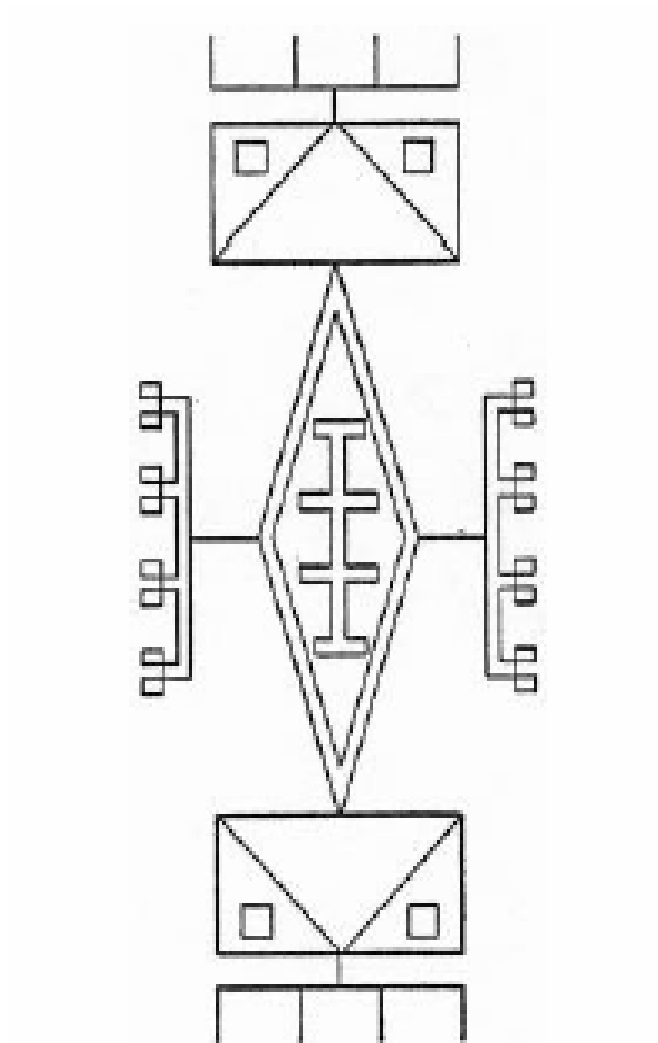
A civilização moderna, por seu divorcio de todo principio, é comparavel a um cadáver sem cabeça cujos últimos movimentos são convulsivos e insignificantes. Não é, pelo demais, de suicídio, senão de assassinato do que queremos falar» (Ananda K. Coomaraswamy, *Sou eu e Guardião de meu Irmão?*). «Lhes chamamos selvagens porque seus costumes diferem dos nossos, que consideramos como a perfeição da urbanidade; eles pensam o mesmo das suas... Ao ter poucas necessidades dispõem de muito tempo livre para cultivar a alma mediante a conversação. Nosso gênero laborioso de vida o estima servil e baixo, comparado com o seu; e a instrução segundo a qual nós mesmos nos valorizamos, eles a consideram frívola e vã» (Benjamin Franklin, *Remarks concerning the Savages of North America*).

O CACHIMBO SAGRADO



HEHAKA SHAPA (ALCE NEGRO)
(Fotografia de J. E. Brown, 1947.)

PREFACIO DE HEHAKA SAPA



Na grande visão que me sobreveio no alvorecer de minha vida, quando havia conhecido apenas nove invernos, havia algo cuja importância me foi se revelando a medida que as luas passavam. Quero falar de nosso Cachimbo sagrado e do que significa para nosso povo.

Os homens brancos, ao menos os que são cristãos, nos disseram que Deus enviou seu Filho aos homens para restabelecer a ordem e a paz na terra; e nos disseram que Jesus Cristo foi crucificado, mas que deve regressar no dia do Juízo final, que será o fim do ciclo deste mundo. Eu sei e compreendo que isto é certo; mas que os homens brancos saibam que, também para os peles vermelhas, pela vontade de *Wakan Tanka*, o Grande Espírito, um animal se transformou em bípede para trazer o Cachimbo muito santo a seu povo; e sabemos, também, que esta Mulher Bisão Branco que trouxe nosso Cachimbo sagrada aparecerá de novo ao final deste mundo, acontecimento que nós, os índios, sabemos que não está já muito distante.

A maioria das pessoas chamam a nosso cachimbo «Cachimbo da paz», mas em nossos dias já não há paz na terra, nem sequer entre vizinhos, e sei que isto é assim desde muito tempo. Se fala muito sobre a paz, mas não se trata mais que de discursos.

É possível, e esta é minha súplica, que por nosso Cachimbo sagrado, e graças a este livro no qual explicarei o que é realmente nosso Cachimbo, a paz venha aos que são capazes de compreender; esta compreensão deve vir do coração e não unicamente da cabeça. Aqueles se darão conta de que nós, os índios, conhecemos ao único Deus verdadeiro e lhe pedimos constantemente.

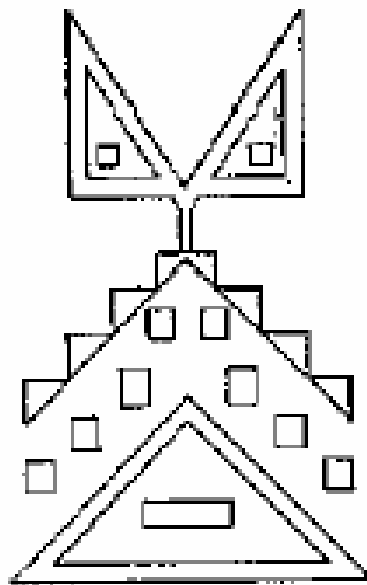
Eu ditei este livro sem outro desejo que o de ajudar a meu povo a dar-se conta da grandeza e a verdade de nossa própria tradição, e também para facilitar a vinda da paz à terra, não só entre os homens, mas entre eles e toda a Criação.

Devemos compreender que todas as coisas são obra do Grande Espírito. Devemos saber que Ele está em toda coisa: nas árvores, nas ervas, nos rios, nas montanhas, e em todos os quadrúpedes e os povos alados; e, o que é ainda mais importante, devemos compreender que Ele é também mais além de todas estas coisas e de todos estes seres.

Quando tivermos compreendido tudo isto profundamente em nossos corações, temeremos, amaremos e conheceremos ao Grande Espírito; então nos esforçaremos para ser, atuar e viver como Ele quer.

HEHAKA SHAPA (ALCENEGRO)
Manderson, S. D., dezembro de 1947

A CHEGADA DO CACHIMBO SAGRADO



Muitos invernos se passaram desde que isso aconteceu: dois lakotas¹ que tinham saído para caçar e estavam observando sobre uma colina; viram ao longe, no mesmo instante em que saía o sol, algo que avançava em sua direção de um modo estranho e maravilhoso.

Quando se aproximou mais, viram que era uma mulher muito bela, vestida com brancas peles de gamo, e que levava sob o ombro direito uma bolsa com franjas. Então um dos homens teve pensamentos impuros e falou a seu amigo; mas este lhe disse para não ter tais pensamentos, porque certamente aquela era uma mulher *wakan*, uma mulher sagrada².

Logo esta mulher estava próxima; e depois de soltar sua bolsa, pediu ao homem que tinha tido pensamentos impuros que se aproximasse dela. Quando o homem se aproximou da mulher misteriosa, uma grande nuvem lhes envolveu, e quando, pouco depois, se dissipou, a mulher continuava em pé e no solo estava o homem mau reduzido à condição de um esqueleto com vermes devorando seus ossos³.

A mulher disse então ao outro, ao homem bom:

«Considere isso que viu! Vou ao encontro de teu povo e desejo falar a teu chefe *ehloghecha Najin*, Chifre Oco Em Pé. Regressa e diga a ele que prepare uma tenda espaçosa onde reunirá todo seu povo e ira se preparar para minha chegada. Quero dizer-lhes algo muito importante. »

O jovem caçador correu para a tenda⁴ de seu chefe e lhe narrou todo o acontecido, que esta mulher misteriosa viria lhe visitar e que teria que preparar sua recepção.

O chefe Chifre Oco Em Pé dispunha naquela época de várias tendas desmontadas, e mandou fazer com elas uma grande, tal como havia pedido a mulher⁵.

Rapidamente enviou um mensageiro para avisar a tribo que deveriam colocar suas melhores roupas e se reunir sem tardar na tenda.

Todos estavam muito intrigados enquanto aguardavam na vasta tenda a chegada da mulher celeste, e todos se perguntavam o que poderia querer lhes dizer.

¹ os lakotas são os sioux do ramo teton. Alce Negro pertencia ao grupo ogalala deste ramo. As outras três tribos dos sioux propriamente ditos são os dakotas do oeste, os santi e os yankton (nakotas). E quanto a família lingüística sioux, compreende muitas outras tribos, principalmente os corvos, os hidatsa e os mandan.

² Traduzimos esta palavra *wakan* em si mesma por «sagrado» ou «santo» — as vezes por «mistério» — ainda por «poder» ou «poderoso», como fazem muitos etnólogos. Estes últimos termos podem ser exatos, mas não dão completamente o sentido da palavra *wakan*; não devemos esquecer, que para os sioux, como para os povos tradicionais em geral, o «poder» —ou o «caráter sagrado» — de um ser ou de uma coisa está em proporção à capacidade da coisa para refletir o mais diretamente possível o Princípio —ou os Princípios — que estão em *Wakan Tanka*; este é Um. O termo «poder» é equivocado no sentido de que pode sugerir uma força puramente terrestre ou psíquica.

³ Alce Negro nos explicou que isto não deve ser interpretado simplesmente como um acontecimento temporal, mas também como uma verdade eterna. «Todo homem — nos disse — que está apegado aos sentidos e às coisas deste mundo e que, por isto, vive na ignorância, é devorado por serpentes — suas próprias paixões.»

⁴ O *tipi*, tenda cônica de pele de bisão, utilizada pelos índios das planícies.

Logo os jovens que vigiavam a chegada da desconhecida anunciaram que a percebiam ao longe, se aproximando com graça e dignidade; e de repente a mulher misteriosa entrou na tenda e lhe deu a volta no sentido do movimento do sol ⁶, e após completar toda a volta se deteve frente Chifre Oco Em Pé ⁷. Pegou a bolsa de seu ombro e, a suspendendo com as duas mãos diante do chefe, lhe disse:

«Contemple isso e O ame sempre! É uma coisa muito sagrada - *lilla wakan* -, e deveis sempre considera-la como tal. Nunca um homem impuro deverá ser autorizado a vê-la, pois nesta bolsa se encontra um Cachimbo sagrado. Com ele, nos invernos futuros, enviarás vossa voz a *Wakan - Tanka*, vosso Avô e Pai» ⁸.

Depois de falar assim, a mulher celeste tirou da bolsa um Chanumpa, e também uma pedrinha redonda que colocou no solo. Dirigindo o Cachimbo, pela haste, para o céu, disse:

«Com este Cachimbo de mistério caminhareis pela Terra; pois a Terra é vossa Avó e Mãe ⁹ e é sagrada. Cada passo dado sobre ela deverá ser como uma reza. O forninho deste Cachimbo é de pedra vermelha; é a Terra. Este bisão jovem que está gravado na pedra, e que olha para o centro, representa aos quadrúpedes ¹⁰ que vivem sobre vossa Mãe.

A haste do Cachimbo é de madeira, e isso representa tudo o que cresce sobre a Terra. E essas doze plumas que pendem de onde a haste penetra no forninho são de *Wambali Galeshka*, al Águia Pintada ¹¹, e representam a Águia e a todos os seres alados do ar. Todos estes povos, e todas as coisas do Universo, estão vinculados a ti, que fumas o Cachimbo; todos enviam suas vozes a *Wakan - Tanka*, o Grande Espírito.

Quando rezares com este Cachimbo, rezareis por todas as coisas e com elas. »

⁵ A tenda de cerimônia dos Sioux é construída com vinte oito varas; uma delas é a «clave» que suporta todas as demais, e esta vara, dizem os sábios, representa o Grande Espírito que sustenta o Universo; este é representado pelo conjunto da tenda.

⁶ A circundar segundo o movimento do sol é de uso corrente entre os sioux; visto que, o movimento inverso se utiliza igualmente em certas ocasiões, para danças ou em ritos que precedem ou seguem a uma catástrofe: este movimento, com efeito, é o dos Seres do Trovão que sempre atuam de modo contrario às leis gerais da natureza, porque chegam de uma maneira terrível e sempre trazem a destruição. A razão da circundação «solar» foi explicada por Alce Negro nestas palavras:

Não é o Sul a fonte da vida? E a rama florida, não vem verdadeiramente dali ?

E o homem, não vem dali, avançando para o sol poente de sua vida?

Não se aproxima depois ao frio Norte, onde estão os cabelos brancos?

E depois, não chega, se ainda vive, a fonte de luz e de conhecimento que é o Leste?

Não regressa, por último, ao lugar de onde veio, que é sua segunda infância, a fim de devolver sua vida a todo o vivo, e sua carne à Terra de onde veio?

Quanto mais pensais nisso, mais significados haverá (*Black Elk Speaks, op. cit.*).

⁷ Chifre Oco Em Pé, em sua qualidade de chefe da tribo, devia estar sentado a Oeste, que era o lugar de honra; do Oeste, na tenda, se vê a porta, que é o Leste, de onde vem a luz, a qual simboliza a sabedoria; um chefe deve possuir sempre esta iluminação para poder guiar a sua tribo de uma maneira *wakan*, «sagrada», «conforme ao mistério».

⁸ *Wakan Tanka* como «Avô» é o Grande Espírito enquanto independente da criação: então é não qualificado, não determinado, no sentido da «Divindade» (*Godhead*) da doutrina cristã, ou do *Brahma-Nirguna* da doutrina hindu. *Wakan Tanka* como «Pai» é o Grande Espírito considerado em relação com sua manifestação, seja como Criador, como Conservador ou como Destruidor; é então o «Deus» (*God*) cristão ou o *Brahma-Saguna* hindu.

A mulher celeste tocou então com o extremo do Cachimbo a pedra redonda posta no solo, e disse:

«Com este Cachimbo estareis unidos a todos os vossos antepassados: vosso Avô e Pai, vossa Avó e Mãe. Vosso Pai *Wakan Tanka* também o presenteia com esta pedra redonda que é feito da mesma pedra vermelha que o forninho do Cachimbo. É a Terra, vossa Avó e Mãe, e é o lugar onde vivereis e crescereis.

Esta Terra que Ele vos deu é vermelha, e os homens que vivem nela são vermelhos; e o Grande Espírito vos deu também um dia vermelho e um caminho vermelho¹². São veneráveis; não os esqueceis.

Cada aurora que chega é um acontecimento sagrado, e todos os dias são sagrados, pois a luz vem de vosso Pai *Wakan Tanka*; e deveis também concordar sempre que os homens e todos os demais seres que estão nesta Terra são sagrados e devem ser tratados como tal¹³.

Desde agora o Cachimbo de mistério estará nesta Terra vermelha, e os homens tomarão o Cachimbo e enviarão suas vozes ao Grande Espírito. Estes sete círculos¹⁴ que vêem na pedra significam muitas coisas, pois representam os sete ritos segundo os quais se utilizará o Cachimbo.

O primeiro grande círculo representa o primeiro rito que vos transmitirei, e os outros seis círculos representam os ritos que vos serão revelados diretamente, a seu devido tempo¹⁵.

Chifre Oco Em Pé, seja respeitoso a estes presentes e para com teu povo, porque são sagrados. Com este Cachimbo, os homens prosperarão e todo o bem virá a eles.

⁹ Igualmente temos que distinguir, em *Wakan Tanka*, entre o «Avô» e o «Pai», também se distingue, em *Maka*, a Terra, entre a «Avó» e a «Mãe»; esta é a Terra considerada como produtora de todas as coisas que crescem, por tanto em ação, enquanto que a «Avó» é a substância de todas estas coisas, ou seja a potencialidade. Esta distinção é, no fundo, a que estabelecem os escolásticos entre a *natura naturata* e a *natura naturans*.

¹⁰ O bisão era para os índios o mais importante de todos os animais quadrúpedes, porque lhes proporcionava seu alimento, suas roupas, e também suas tendas, que eram feitas de peles curtidas. Como o bisão continha em si todas estas coisas — e por muitas outras razões — era um símbolo natural do Universo, é dizer, da totalidade das formas manifestadas. Todas as coisas se encontram simbolicamente contidas neste animal: a terra e tudo o que cresce nela, todos os animais, inclusive os «povos bípedes»; cada parte do bisão representa, para o índio, uma destas categorias da criação. Igual acontece com as quatro patas do bisão: representam as quatro idades, que são uma condição da criação.

¹¹ O Águia Pintada — *Wambali Galeshka* — voa mais alto que todas as demais criaturas e vê todas as coisas, e por isto é considerada como a função reveladora de *Wakan Tanka*. É uma ave solar, suas plumas são parecidas com os raios do sol; quando um índio leva uma destas plumas — não importa como, inclusive, simplesmente na mão —, aquela representa, ou melhor «é» a «Presença Real». O índio que leva o tocado feito de plumas de águia se converte «realmente» na águia, é dizer, se identifica em princípio — ou virtualmente — com o resplendor de *Wakan Tanka*.

A Águia Pintada corresponde ao que a doutrina hindu denomina *Buddhi*: o Intelecto, que é o princípio informal e transcendente de toda manifestação.

Buddhi é definido como o raio que emana diretamente de *Atmâ*, o Sol espiritual.

Todo isto permitirá compreender o que significa o canto — com tanta freqüência mal interpretado — da «Dança dos Espíritos» (*Ghost Dance*): *Wambali Galeshka wanyan nihi youwe*: «A Águia Pintada vem para me levar ao leão.»

Do alto, o Grande Espírito vos deu este Cachimbo afim de que, graças a ele, podereis obter o conhecimento. Estai sempre agradecidos por este grande presente!

Agora, antes que eu vá, desejo vos dar instruções sobre o primeiro rito com o qual teu povo deverá utilizar este Cachimbo.

Que para ti seja sagrado o dia em que um dos teus morra! Deverás então guardar sua alma¹⁶ como vou lhe explicar, e assim ganharás muito em poder, pois cada alma¹² fortalecerá tua abnegação e teu amor a teu próximo.

Enquanto um dos vossos permaneça com sua alma junto a teu povo, estareis em condições de enviar vossa voz ao Grande Espírito através dela¹⁷.

Que seja igualmente sagrado o dia em que uma alma se libere e regresse a sua morada, que é *Wakan Tanka*; porque nesse dia quatro mulheres serão santificadas e com o tempo trarão filhos que caminharão pela luz da vida segundo o mistério, dando exemplo a teu povo.

² O «caminho vermelho» é o centro que enlaça o Norte com o Sul; é a via boa e reta, porque, para os índios, o Norte é Pureza e o Sul é Vida. Este «caminho vermelho» é assim similar à «via reta e estreita» do Cristianismo: é a linha vertical da cruz, ou também o *çirât-el-mustaqîm do Alcorão*. Por outra parte, existe, na cosmologia dos sioux, o caminho azul ou negro que enlaça o Oeste com o Leste, e que é a via do erro e da destruição. «O que viaja por este caminho — disse Black Elk — está distraído, dominado pelos sentidos, e vive para si mesmo mais que para seu povo». O «povo», deve se entender aqui no sentido do «próximo» do Evangelho.

¹³ Quando o índio mata na caça ou na guerra, deve realizar ritos de reconciliação, de purificação ou de duelo, a fim de restabelecer o equilíbrio perdido.

¹⁴ Os sete círculos estão dispostos circularmente por ordem de tamanho, de modo que o menor se encontra situado junto ao maior.

¹⁵ Segundo Alce Negro, dois destes ritos eram conhecidos pelos sioux antes da chegada da Mulher celeste, a saber: os ritos da cabana de suor e rito para obter uma visão. O ritual do Chanumpa foi adicionado a estas duas técnicas espirituais.

¹⁶ Ao traduzir a palavra sioux *wanaghi*, temos empregado o termo «alma» e não o de «espírito» que muitos etnólogos preferem; pensamos que o primeiro termo, entendido em seu sentido cristão e escolástico, é mais exato, porque o que é guardado e purificado neste rito é a totalidade dos elementos psíquicos do ser; estes elementos, se bem que estão localizados em uma forma material — habitualmente a raiz dos cabelos —, são em realidade de natureza sutil ou anímica, e intermediaria entre o corpo material e o puro Espírito. Não devemos esquecer que, por outra parte, que é o Espírito puro — a presença de *Wakan Tanka* — quem está no «centro» dos elementos sutis e materiais. A alma é assim retida, de modo que já será descrito, em uma prolongação do estado individual, a fim de que a parte sutil ou psíquica do ser seja purificada e possa consumir-se uma liberação virtual. Isto é muito parecido ao estado que a doutrina católica denomina o purgatório. Para explicações mais detalhadas desta importante questão, ver René Guénon, *L'Homme et son Devenir selon le Védânta*.

Me olhem, porque sou eu o que levarão à sua boca, e graças a isso se converterão em santos.

O homem que guarda a alma de uma pessoa deve ser virtuoso e puro, e deve se servir do Cachimbo para que todos, com a alma, enviem juntos suas vozes ao Grande Espírito.

O fruto de vossa Mãe Terra, e o fruto de tudo o que leva, serão assim benditos, e teu povo marchará então segundo o mistério pelo caminho da vida.

Não se esqueça que o Grande Espírito vos deu sete dias para lhe enviar vossa voz. E enquanto isso acontecer, vivereis. O resto vos será revelado pelo Grande Espírito. »

Então a mulher celeste se virou para sair da tenda, mas voltando-se novamente para Chifre Oco Em Pé, disse:

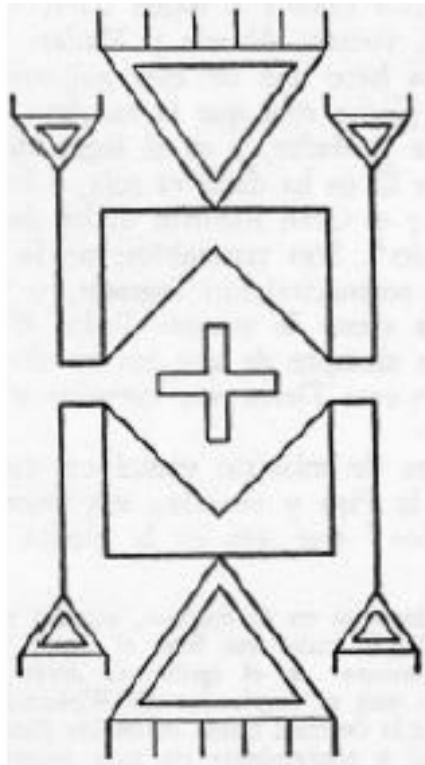
«Olha este Cachimbo! Lembre-se sempre o quanto sagrado Ele é, e o trate assim, porque ele te guiará até tua meta. Veja! Em mim há quatro idades¹⁸. Agora eu vou, mas olharei pelo teu povo durante cada uma destas idades e, ao final, regressarei. »

Depois de dar a volta na tenda seguindo o movimento do sol, o mulher misteriosa saiu; mas, a uma curta distância, se virou para o povo e se sentou. Quando se levantou, as pessoas viram com surpresa que ela havia se transformado em um jovem bisão vermelho e castanho. Então esse jovem bisão, depois de se distanciar um pouco, se deitou no chão e se espojou, e olhou para as pessoas; e quando se levantou novamente, era um bisão branco. Distanciou-se e se espojou pelo solo, e se transformou em um bisão negro, que se distanciou mais, se inclinou para cada uma das quatro Regiões do Universo, e desapareceu por detrás da colina.

¹⁷ «É bom — disse Alce Negro— ter algo frente a nós que nos recorde a morte, porque isto nos ajuda a compreender a não permanência da vida terrena, e esta compreensão nos pode ajudar a nos preparar para nossa própria morte. O que está bem preparado sabe que ele não é nada ao lado de *Wakan Tanka*, que é tudo; conhece então este Mundo divino que é o único real».

¹⁸ Segundo a mitologia dos sioux, ao principio do ciclo um bisão foi colocado no Oeste para reter as águas que ameaçam a Terra. Cada ano este bisão perde um pelo, e em cada uma destas idades cíclicas perde uma pata. Quando todos seus pelos e suas quatro patas tiverem desaparecido, as águas inundarão de novo o mundo e o ciclo terá chegado a seu fim. O mesmo mito voltas a falar, em uma forma sumamente concordante, na tradição hindu: cada pata do touro *Dharma* —a Lei divina— representa uma idade (*yuga*) do ciclo total (*mahâ-yuga*), e em cada idade o touro retira uma pata. No curso destas quatro idades, a espiritualidade se obscurece progressivamente, até que o ciclo termine com um cataclismo; então é restaurada a espiritualidade primordial e um novo ciclo começa. Os peles vermelhas, como os hindus, admitem que em nossa época, o bisão —ou o touro— se sustenta sobre sua última pata e está quase pelado. Se encontram mitos análogos em outras tradições.

2
A GUARDA DA ALMA



Com este rito purificamos as almas¹ de nossos mortos e nosso amor pelo próximo aumenta. As quatro mulheres puras que comem a parte sagrada do bisão², como descreverei, lembrarão sempre que seus filhos serão santificados e que, por isso, deverão ser criados conforme o mistério.

A mãe deve sacrificar tudo por seus filhos e desenvolver nela e neles um grande amor por *Wakan Tanka*, o Grande Espírito, pois com o tempo estas crianças se transformarão em homens de mistério e em guias da nação, e terão o poder de converter em santos aos demais. No início não somente guardávamos as almas de nossos grandes chefes, mas depois começamos a guardar as de quase todos os homens virtuosos.

Guardando uma alma segundo os ritos prescritos, tal como os recebemos de *Ptesan Win* - A Mulher Bisão Branco, e purificamos afim de que esta alma e o Espírito se convertam em um e para que possa regressar ao lugar onde nasceu – *Wakan Tanka* – e já não tenha nenhuma necessidade de errar pela terra, como é o caso dos homens perversos; além disso, a guarda de uma alma nos ajuda a recordar de nossa mortalidade, assim como do Grande Espírito que é além de toda morte.

Quando se guarda uma alma, muitos homens se reúnem na tenda dela para rezar; e no dia em que a alma é liberada todos se reúnem e enviam suas vozes ao Grande Espírito por intermédio desta alma que vai viajar por seu céu sagrado. Mas vou lhe explicar primeiro como nosso povo realizou este rito na sua origem.

Um bisneto de Chifre Oco em Pé tinha um filho ao qual ele e sua mulher gostavam muito; mas chegou um dia em que esta criança morreu, o que entristeceu enormemente a seu pai, que foi a contar seu sofrimento ao guardião do Chanumpa, que naquela época era Chifre Oco Alto.

«Fomos instruídos pela Mulher Bisão no uso do Cachimbo sagrado e na guarda de uma pessoa falecida. Agora a perda de meu amado filho me causa uma extrema tristeza, e desejo guardar sua alma como nos foi ensinado; e visto que és tu o guardião do muito santo Chanumpa, te peço que me instruas. »

«*jHow! Hechetu welo!* Está bem!», disse Chifre Oco Alto; eles dois foram ao lugar onde repousava a criança e lá estavam as mulheres chorando. Quando chegaram, as lamentações cessaram; Chifre Oco Alto se aproximou da criança e disse:

«Este menino parece morto, mas não está realmente, pois guardaremos sua alma entre nós, e graças a ela nossos filhos e os filhos de nossos filhos se converterão em santos.

¹ Mediante um decreto que revela tanta incompreensão como hostilidade, este rito da «guarda da alma» foi proibido pelo governo em 1890, e se chegou inclusive a exigir que todas as almas guardadas pelos sioux fossem liberadas em certa data fixada arbitrariamente por decreto. Para uma descrição deste rito tal como foi praticado em 1882, ver Alice C. Flercher, *The Shadow or Ghost Lodge (16 and 17 Annual Report of the Peabody Museum, vol. III, núms. 3 y 4; Cambridge, 1884).*

² O bisão, que representa o Universo, contem todas as coisas, como o cavalo *ashwamêdha*. A parte que corresponde ao gênero humano — e também a Mulher Bisão Branco — é certo pedaço de carne tomado do cotovelo. Esta carne é para os índios, *mutatis mutandis*, o que a Sagrada Eucaristia é para os cristãos; o Chanumpa tem o mesmo papel, mas a analogia formal é então muito menos direta.

Vamos agora fazer como a Mulher Bisão e o Chanumpa nos ensinaram. É desejo do Grande Espírito que assim se faça.» E, pegando uma mecha dos cabelos da criança, Chifre Oco Alto rezou:

«Ó *Wakan Tanka*, nos veja! É a primeira vez que fazemos tua vontade da maneira, como Tu ensinaste através da Mulher Bisão. Guardaremos a alma desta criança para que nossa Mãe Terra leve seus frutos, e para que nossos filhos caminhem pela iluminação da vida conforme o mistério. »

Chifre Oco Alto começou então a purificar a mecha de cabelos da criança; trouxeram uma brasa e colocaram encima um pouco de erva aromática³ (*wachanga*).

«Ó *Wakan Tanka*! — rezou de novo Chifre Oco Alto —, esta fumaça da erva aromática vai subir até Ti e se estender através do Universo; seu perfume será sentido pelos seres alados, os quadrúpedes e os bípedes, porque compreendemos que todos somos parentes; que todos nossos irmãos animais nos amem e já não nos temam mais!»

Chifre Oco Alto pegou a mecha de cabelos e, a suspendendo sobre a fumaça, a dirigiu para o Céu, para a Terra e para as quatro Direções do Universo; e disse à alma que estava nos cabelos:

«Olha alma! O lugar desta terra onde mores será um lugar sagrado; este centro fará que a nação seja sagrada como tu. Nossos filhos caminharão desde agora pela luz da vida com coração puro e passo firme.» Depois de purificar a mecha na fumaça, Chifre Oco Alto se virou para a mãe e o pai da criança, e disse:

« Receberemos um grande saber graças a esta alma que acaba de ser purificada. Sejam bons com ela e a amem, porque foi santificada. Cumprimos o desejo do Grande Espírito tal como nos ensinou a Mulher celeste; não recordam de como, ao deixarmos, se transformou a segunda vez? Este gesto representava a guarda da alma que vamos realizar.

Que isto nos ajude a recordar que todos os frutos dos seres alados, dos bípedes e dos quadrúpedes são na realidade presentes do Grande Espírito. Todos são sagrados e devem ser tratados como tal. » A mecha foi envolta numa pele de búfalo e esse precioso saquinho foi colocado num lugar especial da tenda. Em seguida Chifre Oco Alto pegou o Chanumpa e, depois de passá-lo na fumaça, o encheu com cuidado, segundo o rito; e dirigindo a haste para o céu ele rezou:

« Avô nosso, *Wakan Tanka*, Tu és tudo, e sem dúvida estás por cima de tudo! Tu és o Primeiro. Tu o tens sido sempre. Esta alma que guardamos estará no centro do círculo sagrado desta nação: graças a este centro nossos filhos possuirão um coração valente e avançarão pelo reto caminho vermelho segundo o mistério.

3 A erva aromática —*wachanga*— que os índios preparam em forma de trança tem a mesma função ritual que o incenso nos distintos cultos do «velho mundo».

Ó *Wakan Tanka*!, Tu és a Verdade. Os homens que aproximam seus lábios a esse Chanumpa se converterão na Verdade; não haverá neles nada impuro. Nos Ajude a caminhar sem travas pelo caminho da vida, com nossos pensamentos e nossos corações constantemente fixos em Ti! »

Então se acendeu e fumou o Chanumpa, e deu a volta ao círculo no sentido do movimento do sol. Nele, o mundo inteiro foi oferecido ao Grande Espírito. Quando o Chanumpa voltou a Chifre Oco Alto, este o esfregou com erva aromática para cada lado — Oeste, Norte, Leste, Sul — a fim de purificá-lo, porque poderia ter sido tocado por alguém indigno; e voltando-se para a assistência disse:

Parentes meus, este Chanumpa é um santuário. Todos sabemos que não pode mentir. Nenhum homem que tenha alguma mentira em seu coração pode levá-lo a sua boca.

Além disso, ó parentes meus!, nosso Pai *Wakan Tanka* nos fez conhecer sua vontade aqui na terra, e devemos sempre cumprir o que Ele deseja se queremos ir pelo caminho sagrado.

É a primeira vez que realizamos este rito da guarda alma, e será de grande proveito para nossos filhos e os filhos de seus filhos.

Ó parentes meus, ó Avó e Mãe Terra, somos de terra e pertencemos a Ti! Ó Terra Mãe de quem recebemos nosso alimento!, Tu cuidas do nosso crescimento como fazem nossas próprias mães.

Cada passo que damos sobre Ti deve ser conforme o mistério; cada passo deve ser como uma oração. Se lembrem disto, irmãos e irmãs: o poder desta alma pura os acompanhará em vosso caminho, pois ela também é fruto da Terra Mãe; é uma semente que, plantada em vosso centro, crescerá com o tempo em vossos corações e fará que as gerações caminhem conforme ao mistério.

Chifre Oco Alto levantou as mãos⁴ e enviou sua voz ao Grande Espírito:

Ó Pai e Avô *Wakan Tanka*!, Tu és o início e o fim de todas as coisas.

Pai meu *Wakan Tanka*, Tu és o Uno que vigia e mantém a tudo o que vive.

Ó Avó minha!, Tu és a fonte terrestre de toda existência.

Mãe Terra, os frutos que levas são a fonte de vida dos povos da Terra.

Tu velas sem cessar por teus frutos, como uma mãe.

4 «Elevamos as mãos, quando rezamos, porque dependemos inteiramente do Grande Espírito; sua Mão generosa atende todas as nossas necessidades. Depois golpeamos o solo porque somos miseráveis criaturas, gusanos que se arrastam frente sua presença.» Palavras de um sioux pés negros ao Padre de Smet (*Life, Letters and Travels*; F. P. Harper, Nova York, 1905, p. 253).

Que os passos que damos sobre Ti durante a vida sejam sagrados e sem fraqueza!

Nos ajude, ó *Wakan Tanka*!, a caminhar pelo caminho vermelho com passo firme.

Que nós, que somos tua nação, possamos estar de pé perante Ti de uma maneira que Te alegre!

Nos dê a força que vem da compreensão de Teus Poderes!

Porque nos foi feito conhecer Tua vontade, queremos caminhar santamente pela estrada da vida, levando em nossos corações o amor a Ti e o conhecimento de Ti. Por isto, e por todas as coisas, Te damos graças.

Então envolveram o corpo do menino em um saco, e os homens o levaram a um lugar elevado e arejado do acampamento; o colocaram sobre um andaime erguido em uma árvore.

Quando regressaram, Chifre Oco Alto foi à tenda com o pai da criança para ensinar como devia se preparar para o grande dever que ia cumprir e que o santificaria.

«Guardas agora a alma de teu filho - disse Chifre Oco Alto - Teu filho não está morto; está contigo. Desde já deverás viver segundo o mistério, porque teu filho estará nesta tenda até que sua alma seja liberada.

Lembre-se que os costumes que você adotará neste momento nunca deverão ser abandonados. Se assegure de que nenhuma pessoa má entre na tenda onde guardas a alma, e que não haja ali nem discussões nem disputas; a paz deverá reinar sempre em tua tenda.

Todas estas coisas têm uma influência sobre a alma que aqui se está purificando.

Tuas mãos estão consagradas: trate-as como tal!

E teus olhos também estão; quando olhais teus parentes e a todas as coisas, as olha com os olhos do espírito⁶.

Tua boca também está consagrada; que cada palavra que digas reflita este estado de graça no que viverás a partir de agora.

5 Deste modo o corpo material ou grosseiro é restituído aos elementos, dos quais provem; se lhe deixa exposto aos agentes do céu: os quatro Ventos, as chuvas, os «seres alados» do ar, todos os quais, ao igual que a terra, absorvem dele uma parte.

6 O caráter sagrado do parentesco é um dos aspectos mais importantes da civilização pele vermelha: ao ser a criação essencialmente una, todas as partes estão relacionadas. Os índios se dirigem uns aos outros, não com seus nomes particulares, mas sim com um termo que expressa um grau de relação determinado pela idade mais que pelos laços de sangue. Assim, um jovem se dirige a uma pessoa de mais idade lhe chamando «pai» ou «mãe» ou, se a diferencia de idade é muito grande, «avô» ou «avó»; a sua vez, os maiores se dirigem aos que são mais jovens lhes chamando «filho» ou «filha», «neto» o «neta». Para os índios, todos os graus de parentesco terrestre simbolizam o parentesco metafísico entre o homem e o Grande Espírito, ou entre o homem e a Terra, considerada como Princípio. Ao utilizar estes termos, os índios invocam realmente ao Princípio, ou ao menos se recordam Dele; o indivíduo, e inclusive todas as coisas, são para eles como um reflexo obscurecido da Realidade principal.

Sempre levantarás a cabeça para olhar ao céu.

Cada vez que comer um fruto da Mãe Terra, alimentará igualmente a teu filho.

Se fizer isto e tudo o que te ensinei, o Grande Espírito será misericordioso contigo.

Dia e noite, teu filho estará contigo; cuida de sua alma todo o tempo, porque assim se lembrará sempre do Grande Espírito.

A partir deste dia estás santificado; e igualmente ao que te instruí, tu também instruirás a outros.

O Chanumpa misterioso seguirá seu caminho durante muito tempo, até o fim; o igual acontecerá com a alma de teu filho. É seguramente assim! *Hechetu welo!*»

Antes de lhes explicar como é liberada a alma, é bom que lhes fale de algumas obrigações que o guardião de uma alma deve conhecer e cumprir.

Quem guarda uma alma não deve combater nunca, nem sequer manejar uma faca com nenhum fim. Rezar constantemente, ser um exemplo em todas as coisas, tal é sua conduta.

O povo deve amar e honrar este santo varão, e lhe levar sempre alimentos e agraços: a sua vez, o guardião da alma deverá oferecer com muita frequência seu Chanumpa ao Grande Espírito, para o bem de todos.

Quando um grupo de guerreiros vai caçar⁷, o santo guardião da alma deve lhes acompanhar; mas enquanto os demais caçam, ele deverá ficar com seu Chanumpa e enviar sua voz aos Poderes do alto para que a caça seja boa, e para o bem de toda a tribo.

⁷ Para o índio todo ato tem um sentido metafísico, e especialmente a caça, a que consagra uma parte tão grande de seu tempo. A perseguição e morte de um animal são considerados pelos índios segundo dois aspectos aparentemente opostos, mas complementares: a morte simboliza a destruição da ignorância, mas representa também um contato com o Grande Espírito. Esta última significação explica a importância ritual do rastreio, porque ao seguir a pista de um animal, se está ritualmente — e, por tanto, virtualmente — no caminho que conduz a *Wakan Tanka*; achar a presa, em meio das dificuldades e os perigos, equivale a encontrar ao Grande Espírito, o qual é para todos os povos tradicionais a finalidade da existência «A doutrina dos *vestigia pedis* é comum aos ensinamentos gregos, cristãos, hindu, budista e islâmica, e constitui a base da iconografia das “trilha de passos”». (Cf., por exemplo, Platão, *Fedro*, 253A, 266B; e Rûmî, *Mathnawi*, II, c60-161.) «Qual é o viático do sufi? São as trilhas. Persegue a caça como um caçador; vê o rastro do gamo almiscareiro e segue suas pegadas.» O Mestre Eckhart fala da «alma que vai a caça ardente de sua presa, Cristo». Podem se seguir as pegadas dos precursores até a Porta do Sol, *Janua Coeli*, o Final do Caminho; mais além já não pode se seguir sua pista. O simbolismo do seguimento do rastro, assim como o do «erro» (pecado) enquanto «falo em dar no branco», é um dos que nos chegaram desde as mais antigas civilizações de caçadores. (Ananda K. Coomaraswamy, *hinduismo et Bouddhisme*, trad. Allar y Ponsoye.) Assinalemos também que cada arma de caça ou de guerra tem seu significado próprio. Assim, o arco, por exemplo, é particularmente sagrado para os índios, e as flechas estão quase sempre decoradas com uma linha vermelha em zig zag que representa o relâmpago, ou o Conhecimento que lança o Olho único de *Wakinyan Tanka*, o grande Ave do Trovão do Oeste. As flechas assim consagradas são literalmente traços de luz que dissipam as trevas; são similares ao raio — *vajra* — do Indra védico ou a espada dos cruzados cristãos, a qual era considerada como um fragmento separado da «Cruz de luz». A espada da «Guerra santa» islâmica tem o mesmo sentido.

Se for morto um bisão fêmea em sua proximidade, o animal lhe pertence, e ele deve se sentar a seu lado; deve encher seu Cachimbo, oferecendo primeiro um pouco de *kinnikinnik* aos Poderes alados do Oeste, do Norte, do Leste e do Sul; depois deve levantar uma última pitada de tabaco para o céu como oferenda ao Grande Espírito, onde estão todos os Poderes.

Uma vez que o Cachimbo estiver cheio deste modo, deve dirigir a haste até as narinas do bisão⁸, e deve rezar assim:

«Ó *Wakan Tanka*!, Tu nos ensinaste tua vontade por meio de um quadrúpede para que teu povo possa caminhar pela estrada sagrado, e para que nossos filhos e os filhos de nossos filhos sejam benditos.

Tu, *Tatanka*, tens quatro idades; e quando te virou para nós pela última vez vimos que Tu eras o fruto de nossa Mãe Terra que nos faz viver.

Esta é a razão pela qual serás o primeiro a ser colocado no centro do círculo de nossa nação, Tu és quem fortalece nossos corpos e também nossos espíritos quando Te tratamos segundo a regra celeste.

Graças a Ti, que nos revelou a vontade do Grande Espírito, há agora uma alma santa no centro de nosso círculo. Tu estarás ali com ela, e dali dispersará a felicidade a teu povo. Veja agora este centro!»

Uns homens instruídos pelo guardião da alma despedaçam o bisão assim consagrado, enquanto pronunciam súplicas apropriadas segundo a parte de carne que cortam.

A do cotovelo representa aos bípedes, mas antes de tudo à mulher celeste que trouxe o Chanumpa; esta carne é, particularmente sagrada —*lilla wakan*— e não pode ser manipulada sem veneração.

O guardião da alma não faz ele mesmo o despedaçamento, já que o contato com uma faca e com o sangue lhe está proibido; mas lhe está permitido levar ao acampamento esta carne sobre seu cavalo, e também a pele, que é igualmente sagrado e está destinado a um uso especial¹⁰.

Sua chegada ao acampamento é anunciada por um mensageiro, e a carne e levada em seguida para a tenda do guardião da alma.

8 O *kinnikinnik*, chamado *chanshasha*, é um ingrediente do tabaco ritual dos sioux; é a casca interior seca do alísio vermelho ou do coelho vermelho (*Cornus sotonifera*). Raramente é fumada só, por causa de seu sabor amargo; se costuma misturar uma parte igual de tabaco enrolado da tribo dos rees ou arikara, ao que se adiciona uma pequena porção de alguma raiz ou erva odorífera, geralmente a raiz do *Sweet Ann*. A mistura destes ingredientes se faz sempre ritualmente.

9 Com este gesto se pede perdão a alma do animal morto e assim o sopro vital que lhe foi tirado lhe é ritualmente restituído mediante o Chanumpa sagrado.

10 A pelagem, identificado simbolicamente com o bisão, é como este, o Universo; em outro tempo, quando todos os índios possuíam uma destas peles, as usavam não só pele calor, mas também como suporte para a realização de sua identidade — enquanto homens — com o Universo, a Totalidade.

Neste momento um dos ocupantes da tenda se dirige a alma nestes termos: «Neto, o alimento escolhido permanecerá no centro desta tenda, que é tua morada. Será muito proveitoso para a nação. *Hechetu welo!*»

Na tenda onde reside a alma deve encontrar-se permanentemente uma mulher que foi escolhida para cuidar do saquinho misterioso; a primeira que se elegeu para este piedoso dever foi Mulher Dia Vermelho.

Esta santa pessoa está encarregada de secar ao sol a carne sagrada com a qual se faz o *wasna*, que é carne seca triturada junto com cerejas silvestres e misturada com medula de bisão. Este alimento ritual é depositado numa caixa de pele de bisão pintada de modo especial; é conservada até o dia em que a alma será liberada.

Nos dias favoráveis, estas relíquias são levadas ao exterior e suspensas num tripé frente ao sul¹¹; as pessoas então chegam em grande número para trazer oferendas e para rezar, o qual é muito valoroso. Seus presentes também são postos em um cofre de couro pintado de um modo especial, para ser mais tarde distribuídos aos pobres.

Depois de ser curtida segundo os ritos, a pele do bisão é pintada, e depois é purificada de novo na fumaça da erva aromática. Então o guardião da alma a estende para as quatro Partes do Universo, dizendo:

Ó alma, neto meu, mantenha-se firmemente sobre esta Terra e olha a teu redor; Olha até o Céu, até as quatro Direções do Universo e até nossa Mãe Terra! E Tu, ó Bisão que estás realmente presente nesta pele¹², veio a nós para nosso maior bem: agora vais se unir com esta alma.

Os dois estarão no centro do círculo da nação e representarão a unidade do povo. Ao depositar esta pele sobre ti, ó alma, a ponho sobre toda a tribo como se esta não formasse mais que uma só alma.

Uma vez que o saquinho de mistério está suspenso do tripé diante da tenda, lhe é posto encima esta pele de bisão com os pelo para fora; na ponta do tripé deve ser colocado um cocar de guerra feito com as penas de *Wambali Galeshka*, a Águia Pintada.

Os ajudantes estão autorizados a manipular estes objetos; mas só o guardião da alma pode tocar o saquinho.

Ele é levado sempre sobre seu coração, no oco do braço esquerdo, porque este braço está perto do coração; e cada vez que leva este saquinho para a tenda o oferece primeiro ao Céu e depois à Terra e às quatro Direções do Universo.

11 O três pés deste tripé estão orientados para o Oeste, o Norte e o Leste; o tripé é deixado, aberto pelo lado Sul, que para os sioux é a direção que tomam os mortos. O saquinho de mistério é colocado neste lado, justo debaixo do ponto de intersecção dos três bastões. Este ponto central representa a *Wakan Tanka*, para onde a alma logo vai partir, e deste ponto pende até o solo uma tira de couro que representa o caminho que conduz da terra a *Wakan Tanka*. Este caminho que a alma percorre agora e a posição do saquinho indicam que a viagem quase terminou.

12 Se trata novamente do Bisão mitológico e celeste, do Bisão fêmea Branco, manifestação do Mito revelador.

Antes que possam terminar os ritos que liberam a alma devem se reunir muitas coisas, o que pode tomar vários anos; mas a duração normal da guarda de uma alma é de um ano.

Se o guardião morrer antes de terminar este prazo, sua mulher guardará a alma, e também a alma de seu esposo; e se a mulher morrer, os ajudantes serão os encarregados de guardar estas três almas; sua função implica então uma responsabilidade e uma dignidade um tanto maior.

Quando uma alma vai ser liberada, todo o mundo se reúne, porque todos participam neste rito misterioso.

Com antecedência, todos os homens caçam bisões, e uma vez mortos vários animais, os ossos são rompidos e fervidos; desta mistura de graxa e medula é feito o *wasna*; as mulheres secam o melhor pedaço de carne, que recebe o nome de *papa*. Todos estes preparativos têm um caráter ritual.

Depois de consultar com os demais homens santos da tribo, o guardião da alma indica o dia conveniente para o ritual, e quando este dia chega por fim, os ajudantes constroem com várias tendas uma grande tenda ritual e cobrem o solo com salvia sagrada.

O ajudante do guardião da alma então pega o Cachimbo e, o levanta para o Céu, exclamando:

«Olhe, ó *Wakan Tanka*! Vamos cumprir agora tua vontade. Com todos os seres do Universo Te oferecemos este Chanumpa.»

Pega uma pitada de tabaco ritual, o *kinnikinnik*, e erguendo-o, ao mesmo tempo em que também ergue a haste do Cachimbo, para o Oeste, exclama:

Com este tabaco consagrado Te colocamos, ó Poder alado do Oeste!, neste Chanumpa vamos enviar nossas vozes ao Grande Espírito e pedimos tua ajuda.

Este dia é sagrado, porque uma alma vai ser liberada. Em todo o Universo haverá felicidade e alegria. Ó, Poder celestial do lugar donde o sol de põe, fazemos uma grande coisa ao te colocar neste Chanumpa. Nos dê, para realizar nossos ritos, um dos dois dias sagrados vermelho e azul¹³ que Tu controlas!

O Poder do Oeste, misteriosamente agora presente no tabaco, é introduzido no Cachimbo; em seguida o ajudante, levantando para o Norte outro pouco de *kinnikinnik*, exclama:

Ó Ser do Trovão onde *Wazia* tem sua tenda, Tu que vens com os ventos purificadores e que conserva o vigor dos homens, ó Águia negra do Norte, tuas asas não se cansam nunca! Para Ti também há um lugar neste Chanumpa que vamos oferecer ao Grande Espírito.

Ajude-nos e nos dê um de teus dois dias sagrados!

Erguendo então outra pitada de *kinnikinnik* para o Leste, o ajudante continua sua reza:

Ó Ser sagrado do lugar onde sai o sol, que controlas o conhecimento!

A Ti pertence a estrada do sol nascente que trás a luz ao mundo.

Teu nome é *Huntka*; Tu possuis a sabedoria e tuas asas são grandes.

Para Ti também há um lugar no Chanumpa: ajude-nos a enviar nossa voz ao Grande Espírito! Nos dê teus dias sagrados!

Assim se introduz o Poder d Leste no Cachimbo; em seguida o ajudante levanta um pouco de *kinnikinnik* para o Sul, e reza:

Ó Tu que guardas o caminho que leva ao lugar para o qual nós voltamos sempre, e por ele caminham nossas gerações, Te colocamos neste Cachimbo de mistério! Tu que controlas nossa vida e as vidas de todos os povos do Universo.

Tudo que se move e tudo que existe enviará uma voz ao Grande Espírito. Temos um lugar para Ti no Chanumpa; ajude-nos a enviar nossa voz e nos dê um de teus dias benéficos!

Isto é o que Te pedimos ó Cisne Branco do lugar onde sempre voltamos!

Em seguida, o ajudante dirige a haste do Chanumpa e um pouco de *kinnikinnik* para a Terra:

Ó Terra sagrada de onde saímos, Tu és humilde enquanto nutre a todas as coisas; sabemos que és sagrada e que somos parentes teus.

Avó e Mãe Terra fecunda, para Ti há um lugar neste Chanumpa.

Ó Mãe, que tua nação avance pela estrada da vida, frente a ventos violentos!

Que caminhemos sobre Ti com firmeza!

Que nossos passos não vacilem jamais!

Nós e tudo o que se move sobre Ti estamos enviando nossas vozes ao Grande Espírito!

Ajude-nos! Todos juntos gritamos em uníssono: Ajude-nos!

13 Os sioux designam deste modo aos «dias» do «fim do mundo» em que a lua se tornará vermelha e o sol azul. Se admite, com todas as doutrinas tradicionais, que as coisas do macrocosmos tem sua correspondência no microcosmos, há que considerar também um «fim do mundo» para o ser individual, quando este recebe a iluminação de *Wakan Tanka*; o *ego* — ou a ignorância - morre, e o ser vive da permanência do Espírito.

Depois de ter sido cheia desse modo, com todos os Poderes e tudo o que contem o Universo¹⁴, o ajudante a dá ao guardião da alma, que, entre lamentos, segue para a tenda do guardião do santo Cachimbo. Deposita o Chanumpa, dirigindo a haste para o Sul, nas mãos do guardião:

14 Quando o Chanumpa está cheio, todo o espaço — representado pelas oferendas aos Poderes das seis Direções — e todas as coisas criadas — figuradas pelos grãos de tabaco — estão concentrados em um só ponto: o forninho o «coração» do Chanumpa; assim, o Chanumpa contem, ou melhor «é» o Universo. Ao ser o mundo, o macrocosmos, o Chanumpa é também o homem, o microcosmos; e o índio que enche o Chanumpa deve se identificar com ela e atualizar assim não só o centro do mundo, mas também seu próprio centro. Isto implica que ele se «dilata» virtualmente, de modo que as seis Direções do espaço, que estavam no exterior, se situam então no interior. Quando esta «dilatação» ou expansão se faz efetiva, o homem deixa de ser uma parte ou um fragmento e se torna total e santo; a ilusão da separação é abolida. Para fazer ver melhor esta identidade misteriosa entre o homem e o Chanumpa - altar, citaremos este canto dos índios osage:

Esta gente tinha um Chanumpa

Do qual fizeram seu corpo.

O Hon-ga, tenho um Chanumpa do qual fiz meu corpo;

Se tu também fazes dele teu corpo,

Terá um corpo liberado de todo o que causa a morte.

Veja a união do pescoço, disseram,

Fiz dela a união de meu próprio pescoço.

Veja a boca do Chanumpa,

Fiz dela minha própria boca.

Veja o lado direito do Chanumpa,

Fiz dele o lado direito de meu corpo.

Veja o espinhaço do Chanumpa,

Fiz dele meu próprio espinhaço.

Veja o lado esquerdo do Chanumpa,

Fiz dele o lado esquerdo de meu próprio corpo.

Veja a cavidade do Chanumpa,

Fiz dela a cavidade de meu próprio corpo.

Veja o que une o Chanumpa e a haste,

Fiz dele minha traquéia.

...utiliza o Chanumpa como objeto em vossas súplicas,

Vossas rezas serão prontamente atendidas.

[Extraído de *War Ceremony and Peace Ceremony of the Osage Indians*, por Francis La Flesche, em *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, n.º 101, Washington, 1939, pp. 62-63].

Hi ho! Hi ho! Te agradeço - diz o santo homem ao receber o Cachimbo.

Este Chanumpa que me trazes é na realidade tão sagrado como o Chanumpa original que recebemos da Mulher Bisão Branco. Na verdade, para aquele que compreende é realmente Ele mesmo.

Mas o que acaba de me entregar é particularmente sagrado, porque, tal como o vejo, agora contem todo o Universo:

O que desejas?

Desejamos que fumes este Cachimbo e que dirijas os ritos destinados a liberar a alma de meu filho pequeno.

Desejamos que traga o Cachimbo original que tens a teu cuidado.

How, hechetu welo! — responde o homem santo—; irei.

Oferece então o Cachimbo ao Céu, à Terra e as quatro Direções, e fuma. Depois disso recolhe piedosamente as cinzas, porque elas também estão santificadas.

Em seguida os dois homens vão para a tenda, onde tudo está preparado para o grande ritual.

Dão a volta em sentido do movimento do sol e se sentam a Oeste, no lado oposto ao da entrada.

A esposa do guardião da alma retorna, entre lamentos, a sua própria tenda, de onde trás o saquinho misterioso e, detendo-se frente ao guardião do Chanumpa, deposita a relíquia em suas mãos estendidas.

Graças lhe sejam dadas, diz o santo homem; e se dirige nestes termos a alma guardada no saquinho:

Ó alma, estavas com teu povo, mas logo partirá.

Este dia é teu dia, e é sagrado.

Hoje, teu Pai *Wakan Tanka* se inclina até ti para te ver: todo teu povo veio para estar contigo.

Todos os teus parentes te amam; cuidaram muito de ti. Tu e a santa Mulher das quatro idades que nos trouxe o Chanumpa estais juntas agora nesta tenda; esta pele de bisão que representa a mulher celeste e que te cobria, cobrirá a todo teu povo!

O Cachimbo que ela nos trouxe fez feliz a tribo.

Olhe!

Este é o dia sagrado! *Hechetu welo!*

Se traça um círculo perfeito no solo, esse círculo representa um leito de bisão, e nele se coloca o saquinho de mistério.

Com a terra que foi tirada deste lugar se forma outro círculo, nele é traçada uma cruz de Oeste a Leste e de Norte a Sul.

O Chanumpa é colocado sobre esta cruz, com a haste apontando para o Oeste e o forninho para o Leste.

O saquinho misterioso é colocado ao lado do Chanumpa, no extremo da boa estrada vermelha, porque esse é o local para onde, logo, a alma viajará.

Um dos ajudantes se aproxima do fogo que há no centro¹⁵ da tenda e com um bastão aforquilhado retira dele uma brasa que coloca diante do guardião do Chanumpa.

Este pega o Cachimbo com a mão esquerda, pega um pouco de erva aromática com a direita, a dirige até o Céu e a abaixa lentamente até a brasa, parando quatro vezes e rezando desta maneira:

Ó *Avô Wakan Tanka*, neste dia sagrado que é Teu, envio esta fragrância que subirá até o céu.

Nesta erva está a Terra, a grande ilha; nela está minha Avó, minha Mãe e todos os povos quadrúpedes, alados e bípedes, que marcham todos segundo o mistério.

O odor desta erva se estenderá por todo o Universo.

Ó *Wakan Tanka*, sejas misericordioso com todos!

Então o forninho do Cachimbo segurado sobre a fumaça; esta passa através do Cachimbo (forninho) e sai pela haste dirigida para o Céu.

Deste modo o Grande Espírito é o primeiro a fumar; através deste ato ritual, o Chanumpa é purificado.

Enquanto faz estas coisas, o guardião reza nestes termos:

Ó *Wakan Tanka*, Olhe este Cachimbo!

15 Sendo assim que para o sioux cada tenda —o *tipi*— é uma imagem do mundo, o fogo que arde no centro representa —ou melhor «é»— *Wakan Tanka* «no mundo». Para sublinhar o caráter ritual deste fogo central, assinalaremos que, na época em que os sioux eram ainda nômades, um homem designado como «guardião do fogo» levantava habitualmente sua tenda no centro do acampamento circular. Quando o acampamento se movia, o guardião levava o fogo em um pequeno tronco de árvore, e quando o acampamento era estabelecido novamente, todas as tendas acendiam seu fogo neste lugar central. Este fogo não se apagava e se trocava por outro — sempre de uma maneira ritual — mais que no caso de uma grande calamidade, ou quando todo o acampamento tinha necessidade de uma purificação completa.

A fumaça desta erva deve cobrir todas as coisas da Terra, e deve chegar também ao Céu.

Que a estrada de teu povo seja semelhante a esta fumaça!

Te oferecido este Cachimbo, e agora ponho em seu forninho o *kinnikinnik*.

Tu nos ensinaste que o forninho redondo deste Cachimbo é o verdadeiro centro do Universo e o coração do homem.

Ó *Wakan Tanka*!, Inclineis Vosso olhar para nós; olha teu Chanumpa, com ele é que vamos enviar uma voz com os povos alados, os quadrúpedes e todos os frutos de nossa Mãe Terra. Tudo o que Vós fizestes se une a nós para enviar esta voz.

Ao reencher Chanumpa, seu santo guardião faz as oferendas rituais de tabaco às seis Direções com a seguinte reza:

Ó Poder alado de onde se põe o sol. Tu és sagrado!

Contigo e por teu intermédio enviamos uma voz ao Grande Espírito antes de liberar esta alma.

Há um lugar para Ti neste Cachimbo.

Ajude-nos!

Dá a teu povo teus dias vermelho e azul para que ele possa caminhar pelo caminho da vida segundo o mistério.

Ó Poder alado do lugar onde vive *Wazia*, purificador da terra, dos homens e de tudo o que é impuro, com a alma de um homem vamos enviar uma voz ao Grande Espírito por teu intermédio.

Há um lugar para Ti no Chanumpa; ajude-nos, então, a enviar esta voz!

Dá-nos os dias sagrados que Tu possuis!

Ó Ser alado do lugar de onde vem o sol; Tu que tens grandes asas e que controlas o conhecimento, luz do Universo, vamos enviar uma voz ao Grande Espírito com esta alma que há ficado junto a seu povo.

Tu também possuis os dois grandes dias vermelho e azul, dá-nos e ajude-nos a enviar uma voz!

Ó *Maghaska*, Cisne Branco do lugar ao qual nós voltamos sempre.

Tu controlas o caminho vermelho que conduz a onde *Wazia* tem sua tenda.

Tu guias a todos os povos quadrúpedes e bípedes que viajam por esta estrada de

mistério.

Vamos liberar uma alma que partirá por tua estrada; junto com esta alma enviamos uma voz ao Grande Espírito.

Ajude-nos enviar esta voz e dá-nos teus dois dias sagrados!

Ó Águia Pintada, que estás perto do Céu, próxima ao Grande Espírito, tuas asas são poderosas!

Tu és quem vigia sobre o círculo da nação e sobre tudo, o que está contido neste círculo.

Que todos os povos sejam felizes e recebam muitas bênçãos!

Vamos liberar uma alma que parte para uma grande viagem, para que os passos de suas gerações futuras sejam santificados.

Há um lugar para Ti neste Chanumpa!

Ajude-nos a enviar nossa voz ao Grande Espírito e dá-nos os dias sagrados vermelho e azul que possuis!

Ó *Wakan Tanka*, vamos Te oferecer este Cachimbo. Inclineis Vosso olhar até nós e até nossa Avó e Mãe, a Terra. Tudo o que leva nossa Mãe, a fonte terrestre de toda a vida, é sagrado.

Nosso povo caminha sobre ela!

Que seus passos sejam firmes e fortes!

De Ti, Avó Terra, uma alma vai ser liberada.

Neste Chanumpa há um lugar para Ti e para todas as tuas criaturas!

Todos unidos, como um só ser, enviamos nossa voz ao Grande Espírito.

Ajude-nos a caminhar segundo o mistério de uma maneira que Te agrade!

Dá-nos os dias sagrados vermelho e azul que Tu reges!

Deste modo o Universo inteiro foi reunido no Cachimbo; então se virando para a assistência, o guardião do Chanumpa diz:

Já que fizemos tudo isto corretamente, a alma fará uma boa viagem e ajudará a nosso povo a prosperar e a caminhar pelo caminho sagrado de uma maneira que agrade ao Grande Espírito.

Dirige-se então a alma nestes termos:

Ó alma, neto meu, tu és a raiz deste grande ritual.

De ti emanarão muitas coisas santas: com este ritual, nosso povo aprenderá a ser generoso, a ajudar aos que estão necessitados e a seguir todos os ensinamentos do Grande Espírito.

Ó alma, este é teu dia.

Agora é chegado o momento.

Haverá quatro virgens que levarão sempre com elas o poder deste rito.

E tu, ó alma, as cobrirás com tua pele sagrada de bisão. Este dia é teu dia; e é um dia de alegria, porque muita luz desceu sobre nosso povo.

Tudo o que estive contigo no passado está hoje aqui contigo.

Teus parentes vieram com alimentos que serão purificados e serão oferecidos a ti, e que em seguida serão dados as quatro virgens; e depois serão repartidos entre os pobres e os desventurados.

Mas agora já é tempo de oferecer este Cachimbo ao Grande Espírito e de fuma-la!6.

Oferecemos-te tudo quanto há no Universo.

Te enviamos nossas vozes através deste Cachimbo. *Hechetu welo!*

Hi-ey-hey-i-i! Hi-ey-hey-i-i! Tunkashila Wakan Tanka, Avô, Grande Espírito, olhe para nós!

É o dia sagrado desta alma.

Que ajude às gerações futuras a caminhar conforme o mistério!

Te oferecemos este Chanumpa, ó *Wakan Tanka*, e Te pedimos que ajude a esta alma, a seus parentes e ao povo inteiro.

Olhe este Chanumpa e inclina Teus olhos para ver como cumprimos Tua vontade!

Te enviamos uma voz desta Terra!

Seja misericordioso conosco e também com esta alma que será liberada do centro do círculo da nação.

Ó Avô *Wakan Tanka*, tenha piedade de nós, para que nosso povo viva!

Ao que acontece, a assistência responde:

Hay-yi! Pilamaya ye!

Hechetu welo!

Então Chifre Oco Alto acendeu o Chanumpa¹⁷, deu várias fumadas e o passou ao guardião da alma, que o ofereceu ao Céu, à Terra e as quatro Direções e, depois de fumar um pouco, o passou por todos os componentes do círculo no sentido do movimento do sol.

Ao fumar, cada um pedia algum favor, e quando o Cachimbo voltou a Chifre Oco Alto foi purificada e suas cinzas cuidadosamente recolhidas em um saquinho especial feito de pele de gamo¹⁸.

Agora que o Cachimbo havia sido oferecida ao Grande Espírito, Chifre Oco Alto Alto iniciou a se lamentar e logo toda a assistência fez o mesmo.

Quem sabe não seja inútil explicar que se lamentar neste momento é uma boa coisa, porque indica que pensamos na alma liberada e também na morte que espera a tudo quanto foi criado; é sinal de que nos humilhamos frente ao Grande Espírito, porque sabemos que somos como tolos diante Dele, que é Tudo, e que é todo poderoso.

Todos os alimentos oferecidos a alma foram colocados fora da tenda; então as mulheres os levaram para a tenda.

Ali, no lado Sul, havia sido levantado um poste de madeira de salgueiro da altura de um homem, e ao redor de seu extremo foi colocado um pedaço de pele de gamo pintado um rosto; encima deste rosto foi colocado, um tocado de guerra e ao redor do poste uma pele de bisão.

Este rosto representa a alma; foram encostadas nele os arcos, as flechas, as facas e todas as demais posses do morto.

As mulheres voltaram para a tenda com alimentos; deram à volta no sentido do movimento do sol, depois se detiveram ao Sul, onde abraçaram ao poste da alma, e se retiraram após colocados os alimentos.

Uma porção de cada alimento oferecido à alma é colocada em seguida em um taxo de madeira que foi colocado à frete do homens santos sentados ao Oeste.

16 Assinalamos que o ritual completo do Chanumpa consta de três fases distintas: a «purificação» com a fumaça da erva ritual; a «expansão» pela qual o Universo inteiro é transferido ao Chanumpa e, por último, a «identidade» ou o sacrifício do todo no fogo que representa a *Wakan Tanka* «no mundo». Estas três fases são comuns, em uma forma ou outra, a todos os métodos tradicionais e ortodoxos de realização espiritual, Ver Frithjof Schuon, *L'Oeil du Coeur*, e mais em especial o capítulo *De a Meditação*.

17 O autor índio, havendo perdido de vista o feito de que estava descrevendo um ritual e não a instituição deste, substitui o «guardião da alma» por «Alto Chifre Oco» e retorna assim o relato inicial.

18 Cada vez que se fuma em um Chanumpa original, as cinzas são recolhidas para ser transportadas, em uma época determinada, a uma alta montanha, de onde são espalhadas aos quatro Ventos, com preferência no pico Harney das Black Hills (*Pa Sapa*), que os sioux consideram como o centro do mundo.

Neste momento entram quatro virgens que se colocam ao Norte, porque o Poder desta Direção é a Pureza.

Então Chifre Oco Alto se levantou e falou á alma nestes termos:

Ó alma, tu és a semente!¹⁹.

Tu és como a raiz da árvore sagrada que está no centro do círculo de nossa nação.

Que esta árvore floresça!

Que nosso povo e os povos alados e quadrúpedes prosperem!

Ó alma, teus parentes trouxeram este alimento que logo comerás e, graças a este ato, a bondade se estenderá por toda a tribo.

Ó alma, o Grande Espírito te deu quatro parentes que estão sentados ao Norte e que representam teus parentes verdadeiros:

Avô e Pai *Wakan Tanka* e Avó e Mãe *Maka*, a Terra.

Lembrem-se destes quatro parentes que na realidade não são mais que Um; e, com eles em teu espírito, lance uma olhada para trás, sobre teu povo enquanto viajas pelo grande caminho!

Foi feito um pequeno furo na pele do poste da alma; Chifre Oco Alto pegou então a pequena vasilha de madeira que continha o alimento purificado e, se inclinando até a cavidade, disse a alma:

Vais comer este alimento sagrado.

Quando ele for colocado em tua boca, sua influência se estenderá e fará crescer e prosperar aos frutos de nossa Mãe Terra.

Tua Avó és santa; estamos em pé sobre ela e introduzimos este alimento em tua boca.

Não nos esqueça quando for até *Wakan Tanka*, e dirija um olhada para trás sobre nós!

Colocaram o alimento no pequeno buraco e em seguida derramaram suco de cerejas selvagens sobre ele; este suco é a água da vida.

Em seguida foi coberto o braseiro com terra: a alma havia terminado sua última refeição.

As quatro virgens se começaram então a comer a carne de bisão sagrada e a beber o suco de cerejas; mas antes os alimentos foram purificados na fumaça da erva aromática, depois do qual Chifre Oco Alto se dirigiu às jovens:

Netas, vão receber agora a semente espiritual da alma; por sua virtude, vocês e seus frutos serão santificados para sempre.

Netas, não se esqueçam de compartilhar seus alimentos e tudo o que possuem, porque no mundo nunca falta indigentes, de órfãos e de velhos.

Mas, acima de tudo, netas minhas, nunca se esqueçam de seus quatro grandes Parentes, que representam a seus parentes aqui na Terra.

Vão agora comer e beber o fruto da Mãe Terra e, mediante este ritual, vocês e seus frutos serão sagrados.

Recordem sempre disso, filhas minhas!

Chifre Oco Alto pegou a vasilha, e cada vez que punha um pouco de alimento na boca de uma virgem, dizia:

Ponho este alimento em tua boca.

É doce e tem o aroma do sagrado.

O povo verá tuas gerações futuras.

Em seguida as quatro virgens se inclinaram e beberam o suco de cerejas selvagens que havia na vasilha de madeira colocada no solo, e quando terminaram de beber, Chifre Oco Alto lhes disse:

Netas, tudo o que fizemos hoje aqui está cheio de mistério — *lilla wakan*—; o fizemos segundo as instruções transmitidas pela Mulher celeste que também era bisão, e que nos trouxe o muito santo Chanumpa.

Ela nos disse que tinha quatro idades; vocês também, netas, tens estas idades.

Compreendam profundamente, porque é importante.

É uma grande coisa a que hoje fizemos.

É assim, em verdade! *Hechetu welo*!

Chifre Oco Alto caminhou então em círculo até o Sul e, levantando o saquinho da alma, lhe disse:

Neto, vais partir para um grande viagem.

19 Esta palavra, *hokshichankiya*, não se emprega na linguagem corrente. Significa «semente primordial», «raiz», «fonte», «influência espiritual».

Teu pai e tua mãe, todos os teus parentes te amavam. Logo estarão felizes.

O pai do menino abraçou o saquinho sagrado o colocando em cada ombro, depois disso, Chifre Oco Alto lhe disse: Tu amavas a teu filho, e o tem guardado no centro do círculo de nosso povo, seja bom com os demais como o tem sido com teu filho!

A influência misteriosa da alma de teu filho estará com os homens; é como uma árvore que sempre florescerá. Chifre Oco Alto então avançou descrevendo um círculo até o Norte e, tocando em cada uma das virgens com o saquinho de mistério, disse:

Eis aqui a árvore que foi escolhida para ser o centro de vosso círculo sagrado!

Que sempre prospere e floresça segundo o mistério, então Levantando o saquinho até o Céu, exclamou: Dirige sempre teu olhar para teu povo, para que caminhe com passo firme pelo caminho sagrado!

Chifre Oco Alto lançou este grito quatro vezes enquanto caminhava até a saída da tenda e, quando se deteve pela quarta vez — estava já fora, diante da tenda, gritou em um tom muito agudo:

Olha a teu povo, se recorde dele!

No instante em que o saquinho passou pela saída da tenda²⁰, a alma foi liberada e partiu pela estrada dos espíritos²¹ que conduz a *Wakan Tanka*.

Quando a alma parte, o saquinho com a mecha de cabelo deixa de ser *wakan* — sagrado, num sentido direto, mas a família pode conservá-lo como recordação se desejar²².

As quatro virgens santificadas receberam uma pele de bisão cada uma e abandonaram a tenda imediatamente depois de Chifre Oco Alto.

Assim terminou o ritual; em todo o acampamento as pessoas estavam felizes e manifestavam sua alegria, e corriam para tocar as quatro virgens que agora eram *lilla wakan*; haviam se tornado um suporte permanente desta grande influência espiritual e numa fonte inesgotável de força e de coragem para a tribo. Foi feita uma grande distribuição de presentes aos pobres e aos necessitados, e por todos os lados não havia mais que festas e regozijo.

Foi, em verdade, um grande dia. *Hechetu welo!*

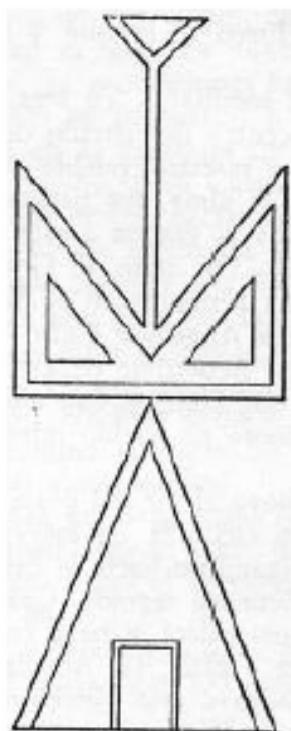
²⁰ Para captar mais claramente o significado deste ato ritual há que recordar que o *tipi* é o Universo, o cosmos, enquanto que o espaço exterior ao *tipi* é simbolicamente o Infinito, *Wakan Tanka*.

²¹ Segundo os sioux, a alma liberada viaja para o Sul, ao largo do «caminho do Espírito» — a Via Láctea — até um lugar em que o caminho se divide. Ali está sentada uma anciã chamada *Maya Owichapaha*, «a que empurra para a outra margem», é dizer, a que julga as almas. Deixa aos bons continuar seu caminho pelo caminho da direita, enquanto que «empurra para a outra margem», a esquerda, aos maus. Os que vão pela direita chegam à união com *Wakan Tanka*, enquanto que os que vão pela esquerda devem permanecer em um estado condicionado até que estejam suficientemente purificados.²² Nesta frase o autor índio volta a tomar o tono de uma descrição general do rito, para continuar seu relato na frase seguinte.

3

INIPI

O RITUAL DE PURIFICAÇÃO



O ritual do *onikaghe* — a tenda de suar — dele participam todos os Poderes do Universo: a Terra e tudo o que nasce dela; a água, o fogo e o ar.

A água representa aos Seres do Trovão, que aparecem de uma maneira terrível mas trazem benefícios: porque o vapor que sai dos penhascos onde estão os fogos é pavoroso, mas nos purificam e nos permitem assim viver como quer o Grande Espírito.

Se nos tornamos realmente puros, pode ser até que o Grande Espírito nos envie uma visão.

Quando empregamos a água na cabana de suar devemos fixar nosso pensamento no Grande Espírito, que se expande sem cessar comunicando seu Poder e sua Vida a todas as coisas; devemos, também, nos esforçar sempre em ser semelhantes à água, que é a mais humilde de todas as coisas e, ao mesmo tempo, é mais forte que a rocha.

A cabana de suar é construída com doze ou dezesseis salgueiros jovens; eles também nos ensinam algo, pois no outono suas folhas morrem e regressam à Terra, e na primavera voltam a vida.

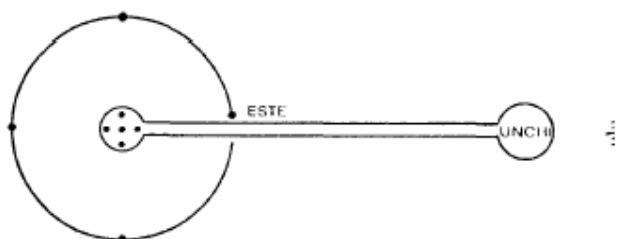
Da mesma forma, os homens morrem, mas renascem no Mundo real do Grande Espírito, onde há somente os espíritos de todas as coisas; e esta vida verdadeira nós podemos conhecer aqui na terra se purificamos nossos corpos e nossas almas, nos aproximando assim do Grande Espírito que é Todo Pureza.

Os salgueiros que formam a armação da cabana de suar são encravados no solo de uma maneira que indiquem as quatro Direções do Universo; deste modo o conjunto da cabana representa o Universo em imagem, e ela protege aos povos bípedes, quadrúpedes e alados e a todas as coisas do mundo; todos estes povos e todas estas coisas devem ser purificados antes de poder enviar uma voz ao Grande Espírito.

INIPI: LA CABAÑA DE PURIFICACION



INIPI: LA CABAÑA DE PURIFICACION



As pedras que empregamos neste ritual representam a nossa Avó Terra, de onde provem todos os frutos; mas as pedras representam também a Natureza indestrutível e eterna do Grande Espírito.

O fogo que esquentas estas pedras representa o Poder do Grande Espírito, que dá vida a todas as coisas: é como um raio de sol, porque o sol também é, em certo aspecto, *Wakan Tanka*.

O lugar redondo que no meio da cabana de suar é o centro do Universo, nele mora o Grande Espírito com seu Poder, o fogo. Todas estas coisas são sagradas para nós e devemos compreender profundamente se desejamos nos purificar verdadeiramente; o poder de uma coisa ou de um ato reside em seu significado e na compreensão que nós temos dele.

A cabana de suar sempre é construída com a porta para o Leste, porque é de lá que vêm a luz da Sabedoria.

A uns dez passos da cabana construímos um lugar ritual chamado *Peta Owihankeshni*, «fogo sem fim», e ali que se esquentam as pedras.

Para fazer este lugar empregamos quatro bastões na direção Leste-Oeste, sobre os quais colocamos outros quatro bastões na direção Norte-Sul; em seguida cravamos ao redor deste monte uns bastões que formam um cone como se fosse para fazer uma tenda, primeiro ao Oeste, depois ao Norte, ao Leste e ao Sul; depois colocamos pedras nestas quatro direções e para terminar colocamos sobre este conjunto certa quantidade de pedras.

Enquanto edificamos este lugar devemos rezar desta maneira:

Ó *Wakan Tanka*, este é teu fogo eterno que nos foi dado nesta grande ilha!

É tua vontade que construamos este lugar de uma maneira conforme ao mistério.

Este fogo arde sempre; graças a ele renascemos, purificados e mais perto de teus Poderes.

Para edificar, na cabana de suar, o altar central para onde serão levadas as pedras quentes, começamos cravando um bastão no solo, no centro da cabana, e ao redor deste ponto traçamos um círculo com uma tira de couro.

Enquanto fixamos este centro sagrado devemos rezar assim:

Ó Avô e Pai *Wakan Tanka*, que fez tudo o que existe, Tu que sempre foi, me olhe!

E Tu, Avó e Mãe Terra, Tu és sagrada e tens santos ouvidos, me escute!

Sáimos de Ti, somos uma parte de Ti e sabemos que nossos corpos regressarão a Ti quando nossos espíritos partirem pelo grande caminho.

Ao fixar este centro na terra me recordo de Ti, a quem meu corpo regressará, mas, acima de tudo, penso no Grande Espírito, com o qual nossos Espíritos se unificarão.

Me purificando deste modo desejo ficar digno de Ti, ó *Wakan Tanka*, para que meu povo viva!

É cavado então um buraco no centro da cabana, e com a terra recolhida é traçado um caminho que conduz para fora da cabana em direção ao Leste e em cujo extremo se levanta um pequeno monte daquela terra; ao fazer isto, rezamos assim:

Sobre Ti, Avó Terra, quero estabelecer o caminho sagrado da vida.

Ao nos purificar para a tribo caminharemos por este caminho com passo firme, porque ele conduz ao Grande Espírito; e nele há quatro passos sagrados.

Que nosso povo caminhe por este caminho!

Que sejamos puros! Que renasçamos!

Depois, enviando uma voz ao Grande Espírito, gritamos:

Avô *Wakan Tanka*, aprendemos tua Vontade e sabemos que passos sagrados devemos dar.

Com a ajuda de todas as coisas e de todos os seres, vamos te enviar nossa voz.

Seja misericordioso conosco!

Ajude-nos!

Coloco-me neste caminho e Te envio minha voz pelos quatro Poderes que sabemos que não são mais que um só Poder.

Ajude-me em tudo isto, ó Avô meu *Wakan Tanka*!, seja misericordioso conosco!

Ajude a meu povo e a todas as coisas a viver de um modo conforme ao mistério, de um modo que Te seja agradável!

Ó *Wakan Tanka*, ajuda-nos a renascer!

A pessoa que dirige o ritual de purificação entra agora na cabana, só e com seu Chanumpa.

Dá a volta no sentido do movimento do sol e se senta ao Oeste; depois consagra o buraco central, que se converte assim em um altar, colocando nele umas pitadas de tabaco em cada uma de suas quatro partes. É introduzida na cabana uma brasa que é depositada no centro; o oficiante queima então erva aromática e espalha a fumaça por todo seu corpo, e depois por seus pés, cabeça e mãos; em seguida o Chanumpa é purificado na fumaça.

Desta maneira tudo é consagrado, e se fica alguma influencia impura na cabana, é expulsa pelo Poder da fumaça.

Neste momento o oficiante deve oferecer um pouco de tabaco ritual ao Poder alado do lugar onde se põe o sol, de onde vêm as águas purificadoras: se invoca este Poder e se pede sua ajuda no ritual.

Depois o tabaco é colocado no Chanumpa e do mesmo modo é oferecido umas pitadas de tabaco aos demais Poderes: ao Norte, de onde vêm os ventos purificadores; ao Leste, onde sai o sol e de onde vêm a Sabedoria; ao Sul, que é a início e o fim de toda a vida; ao Céu e, finalmente, à Mãe Terra.

Enquanto se invoca a ajuda de cada Poder e se coloca cada pitada de tabaco no Chanumpa, todos os que estão no exterior exclamam: *How!*, porque estão contentes e satisfeitos que se cumpra o mistério.

Agora que o Chanumpa está cheio e que foram consagradas todas as coisas, o oficiante sai da cabana, avança até o Leste pelo caminho sagrado e coloca o Chanumpa sobre o montinho de terra, com o forninho para o lado Oeste e a haste para o Leste.

Todos os que vão ser purificados entram então na cabana, com o oficiante na frente, e cada um deles, no momento em que se inclina para entrar, pronuncia esta reza:

Hi ho! Hi ho! Graças sejam dadas!

Ao inclinar-me para entrar nesta cabana me recordo de que sou nada frente a Ti, ó *Wakan Tanka*, que és todo.

És Tu quem nos colocou nesta ilha; somos os últimos seres criados por Ti, que és o Primeiro e que sempre foi.

Ajude-me a me purificar aqui, antes que Te envie minha voz.

Ajude-nos em tudo o que vamos fazer!

Logo que entram na cabana, os homens lhe dão a volta no sentido do movimento do sol e se sentam sobre a salvia sagrada espalhada pelo solo; o oficiante está sentado ao Leste, ao mesmo lado que a porta.

Todos permanecem silenciosos durante um momento, recordando-se da bondade do Grande Espírito e recordando-se de que Ele é quem criou todas as coisas.

O Chanumpa é então introduzido na cabana pelo ajudante, que via de regra é uma mulher; esta pessoa permanece fora durante o ritual. O homem sentado ao Oeste pega o Chanumpa e o põe a sua frente com a haste dirigida para o Oeste.

Com um bastão com uma forquilha, o ajudante retira do fogo sagrado uma das pedras e, pelo caminho, a leva próxima da cabana, em seguida a empurra para o interior,

onde é colocada no centro do altar; esta primeira pedra está dedicada ao Grande Espírito, que está no centro de todas as coisas.

O homem sentado ao Oeste toca então a pedra com a base do Chanumpa, e faz o mesmo cada vez que uma pedra é posta sobre o altar; e todos os homens exclamam:

Hay ye! Graças sejam dadas!

A segunda pedra que entra na cabana é posta ao Oeste do altar, a seguinte ao Norte, outra ao Leste, outra, ainda, ao Sul, e, por último, há outra para a Terra; finalmente o buraco é cheio com o resto das pedras, as quais representam tudo o que existe no mundo.

O homem do Oeste oferece então o Chanumpa ao Céu, à Terra e às quatro Direções, o acende e, depois de dar algumas baforadas, espalha a fumaça por todo seu corpo; em seguida dá o Chanumpa ao homem que está à sua esquerda, dizendo:

How Ate ou *How Tunkashila*, segundo seu grau de parentesco.

O que a recebe diz o mesmo, e assim o Chanumpa percorre todo o círculo no sentido do movimento do sol.

Quando retorna a ele, o homem que está ao Oeste a purifica por medo de que alguma pessoa impura a tenha tocado, e recolhe cuidadosamente as cinzas, que coloca na borda do altar.

Esta primeira vez de emprego do Chanumpa na cabana, é feita em recordação da santa Mulher Bisão que antigamente entrou na tenda de uma maneira misteriosa e andou transformando-se.

O Chanumpa de mão em mão até o oficiante principal, que está sentado ao Leste; o oficiante suspende o Chanumpa um instante por cima do altar com a haste dirigida para o Oeste, e a devolve para o ajudante, que permanece no Exterior; este último a enche de modo ritual e a recoloca sobre o montinho sagrado, com o forninho dirigido para o Leste e a haste para o Oeste, porque é o Poder do Oeste o que agora se invoca.

O ajudante fecha a cabana de suar, submergindo-a assim em uma obscuridade completa; esta obscuridade representa a da alma, a ignorância da qual agora devemos nos purificar para receber a luz.

Durante a realização da purificação — o ritual da *inipi* — a porta se abrirá quatro vezes e deixará penetrar a luz; isto nos recorda as quatro idades e como, pela bondade do Grande Espírito, recebemos a luz em cada uma destas idades.

O homem do Oeste lança então uma voz ao Grande Espírito gritando quatro vezes:

Hi-ey-hey-i-i !

Isto é o que dizemos quando temos necessidade de ajuda ou quando estamos desamparados; e, não estamos agora na obscuridade, e não temos necessidade da luz?

Em seguida o mesmo homem grita quatro vezes:

Envio uma voz! Escuta-me!

E depois:

Wakan Tanka, Avô, Tu és o Primeiro e Tu o tens sido sempre.

Tu nos conduziste a esta grande ilha na qual nosso povo deseja viver conforme o mistério.

Ensinamos a conhecer e a ver todos os Poderes do Universo, e dá-nos a sabedoria de compreender que não são realmente mais do que um só Poder.

Que nosso povo Te envie sempre sua voz enquanto caminha pelo caminho sagrado da vida!

Ó pedras antigas — *Tunkayatakapa* —, estão aqui presentes; o Grande Espírito fez a Terra e os colocou muito perto dela.

As gerações caminharão sobre vocês e seus passos não vacilarão.

Ó pedras, vocês que não têm nem olho, nem boca, nem membros; vocês não são móveis, mas com seu sopro sagrado, o vapor, nosso povo marchará pelo caminho da vida com esperança potente; sua esperança é a da vida!

Há um Ser alado — ali onde o sol desce até seu repouso — que controla as águas a elas é que todos os seres vivos devem a vida.

Que nós utilizemos aqui estas águas conforme o mistério!

Ó vocês, que estão sempre em pé, que surgem da Terra e que chegam a tocar o Céu, povos árvores, são inumeráveis, mas um dentre vocês foi escolhido para sustentar esta cabana sagrada de purificação.

Vocês, povos árvores, são os protetores dos povos alados, porque sobre vocês eles constroem suas tendas e criam as suas famílias, e debaixo de vocês há muitos povos aos quais protege.

Que eles, com todas as suas gerações, caminhem juntos como parentes!

A cada coisa terrestre, ó *Wakan Tanka*, destes um poder, e porque o fogo é a mais poderosa de tuas criações, porque ele consome tudo, nós o colocamos em nosso centro; e quando o olhamos ou quando pensamos nele nos lembramos realmente de Ti.

Que este fogo sagrado esteja sempre em nosso centro!

Ajude-nos no que vamos fazer!

O oficiante principal salpica então as pedras com água, uma vez para nosso Avô, *Tunkashila*; uma vez para nosso Pai, *Ate*; outra vez para nossa Avó, *Unchi*; uma vez também para nossa Mãe, *ma*, a Terra, e uma última vez para *Channonpa*, o Cachimbo; esta aspersão é feita com um raminho de salvia ou de erva aromática, para que o vapor seja cheiroso, e enquanto este se eleva e enche a cabana, o oficiante exclama:

Ó *Wakan Tanka*, Olha-me! Eu sou o povo.

Ao me oferecer a Ti ofereço o povo inteiro como um só ser, a fim de que viva.

Desejamos renascer. Ajude-nos!

Neste momento na cabana faz muito calor, mas é bom experimentar estas qualidades purificadoras do fogo, do ar e da água, e sentir o cheiro da salvia sagrada.

Após estes poderes atuarem sobre nós, a porta se abre recordando a primeira idade, aquela em que recebemos a luz do Grande Espírito.

É trazida água, e o oficiante sentado no lado Leste a faz circular no sentido do movimento do sol; cada uma das pessoas bebe um tanto ou borrifava seu corpo com umas gotas.

Ao fazer isto pensamos no lugar onde se põe o sol e de onde a água provem, e o Poder desta Direção nos ajuda a rezar.

O ajudante, que fica do lado de fora, pega o Chanumpa que estava no montinho de terra e a oferece ao Céu e à Terra; e depois de avançar pelo caminho ritual a entrega, apresentando a haste ao homem sentado ao Oeste da tenda. Este o oferece às seis Direções, dá algumas baforadas e passa a fumaça no corpo, em seguida o Chanumpa dá a volta no círculo até que seja fumado completamente.

A pessoa que está ao Oeste o esvazia, deposita as cinzas ao lado do altar central e o devolve para o exterior, como antes.

O ajudante o enche novamente e o recoloca no montinho sagrado com a haste apontada para o Norte, porque durante o segundo período de obscuridade que haverá na cabana se invocará o Poder do Ser alado do Norte.

A porta é fechada novamente e os ocupantes se submergem pela segunda vez na obscuridade.

Agora é a pessoa que está ao Norte que reza:

Olha, ó Águia Negra do lugar onde o gigante *Wazia* têm sua tenda!

O Grande Espírito te colocou aí para controlar o caminho.

Estás aí com a finalidade de guardar a saúde dos homens, para que vivam.

Ajude-nos com teu vento purificador!

Que ele nos faça puros para que caminhemos pelo caminho segundo o mistério, de um modo agradável ao Grande Espírito!

Ó Avô *Wakan Tanka*, Tu estás por cima de tudo!

És Tu quem colocou sobre a Terra uma pedra sagrada que está agora no centro de nosso círculo.

Tu nos deste, também, o fogo; e ali onde o sol se põe, deste o Poder a *Wakinyan Tanka*¹, que controla as águas e guarda o Chanumpa muito santo.

Colocaste um Ser alado no lugar onde sai o sol, que nos da a sabedoria; e também colocaste um Ser alado no lugar para o qual nós voltamos sempre: ele é a fonte da vida e conduz pelo caminho vermelho.

Todos estes Poderes são Teu Poder, e não são na realidade mais que Um só; todos estão agora aqui, nesta cabana.

Ó *Wakan Tanka*, Avô, que está por cima de tudo, é tua vontade a que aqui cumprimos!

Pelo Poder que vêm do lugar onde que vive o gigante *Wazia* nós voltamos tão puros e tão brancos como a neve recém caída.

Sabemos que de qualquer forma na obscuridade, mas logo virá a luz.

Quando sairmos desta cabana, que deixemos para trás de nós todos os pensamentos impuros, toda ignorância!

¹ A grande «Ave do Trovão» do Oeste, *Wakinyan-Tanka*, é um dos aspectos mais importantes e profundos da doutrina sioux. Os índios a descrevem dizendo que vive «em uma tenda no cume de uma montanha situada no extremo do mundo em que se põe o sol. É múltipla, mas todos seus pares não são mais que Um. Não tem forma, mas possui umas asas que tem quatro articulações cada uma; não tem patas e não obstante possui umas garras imensas; não tem cabeça e mesmo assim possui um pico imenso com fileiras de dentes semelhantes aos do lobo; sua voz é o estalido do trovão, e o bater de suas asas sobre as nuvens é o fragor do trovão que retumba; tem um só olho cujo olhar é o relâmpago. Em um grande cedro situado ao lado de sua tenda se encontra seu ninho, feito de ossos secos; ali se encontra um ovo enorme de onde saem continuamente suas crias. Devora a suas crias e cada uma delas se converte em um de seus inumeráveis pares... Voa ao largo de toda a extensão do céu, escondida em uma roupa de nuvens... Sua função consiste em livrar o mundo das impurezas e em combater aos monstros que sujam as águas... Seu símbolo é uma linha vermelha zigzagueante e aforquilhada nos dois extremos». (J. R. Walker, em *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, vol. XVI, parte II, Nueva York, 1917).

Esta Ave do Trovão é na realidade *Wakan Tanka* como dispensador da Revelação, simbolizada pelo relâmpago; corresponde ao *Garuda*, o grande pássaro —de olho único— da tradição hindu, e ao Dragão chinês que cavalga nas nuvens da tempestade e cuja voz é o trovão; como dispensador da Revelação tem a mesma função que o Arcanjo Gabriel nas religiões semíticas. É normal que a Ave do Trovão seja para os índios o Protetor do Chanumpa sagrado, porque está, como o relâmpago, é o meio que une o céu à terra.

Que sejamos semelhantes a crianças recém nascidas!

Que renasçamos, ó *Wakan Tanka*!

Em seguida é derramada água sobre as pedras — quatro vezes para os Poderes das quatro Direções — e enquanto o vapor se eleva, entoamos um canto ou uma simples melodia; isto nos ajuda a compreender o mistério de todas as coisas, e o trovão amortecido de nosso tambor nos recorda os Seres do Trovão do Oeste que controlam as águas e que trazem a bondade.

A porta da cabana logo se abre pela segunda vez, o que representa a vinda dos Poderes purificadores do Norte, e nos faz ver a luz que expulsa as trevas, como a sabedoria que dissipa a ignorância.

Se da água ao oficiante sentado no lado Leste; ele a oferece aos demais homens mencionando seu grau de parentesco ou de idade de cada um deles, como descrevi mais acima.

O Chanumpa é introduzido novamente na cabana e entregue ao homem que está sentado ao Norte; este homem o oferece às seis Direções, o acende e, depois de dar algumas baforadas, assopra seu corpo com a fumaça; em seguida o Chanumpa dá a volta no círculo.

Quando todo o *kinnikinnik* foi consumido o Chanumpa volta ao Norte, onde é purificado; suas cinzas são depositadas perto do altar central. Depois é devolvida ao ajudante, que a enche de novo e a deposita sobre o montículo, com a haste voltada para o Leste; porque agora vamos invocar ao Poder desta direção.

A porta é fechada e o homem que está sentado no lado Leste da cabana envia agora sua voz:

Ó *Wakan Tanka*, por fim vimos a claridade, a luz da vida! Tu deste o Poder da sabedoria à estrela do amanhecer no lugar de onde sai o sol.

O Ser alado que guarda este caminho têm um alento poderoso, e com os dois dias sagrados que Destes a ele, ó *Wakan Tanka*, ele tem guardado o caminho da tribo!

Ó Tu que controlas o caminho de onde sai o sol, Olha-nos com teus dias vermelho e azul, e ajude-nos a enviar nossas vozes ao Grande Espírito!

Ó Tu que possuis o conhecimento, dá-nos uma parte de tua ciência para que nossos corações se iluminem e para que conheçamos tudo o que é sagrado!

Ó Estrela do Alvorecer, do lugar onde sai o sol!

Ó Tu que tens a sabedoria que nós buscamos, ajude-nos a nos purificar, assim como ao povo, para que nossas gerações futuras possuam a luz para caminhar pelo caminho sagrado!

Tu és quem conduz a Aurora quando avança, e também ao dia que lhe segue com sua luz, que é conhecimento.

Tu fazes isto para nós e para todos os povos que existem no mundo, para que vejam claro ao seguir o caminho e para que conheçam tudo o que é santo e cresçam em conformidade com o mistério.

Novamente é colocada água sobre as pedras; depois começamos a cantar.

Em seguida, quando o calor nos penetrou bem, é aberta a porta pela terceira vez e pela terceira vez a luz do Leste nos inunda.

Enquanto o Chanumpa passa às mãos do homem que está ao Leste, todos exclamam:

Hi ho! ;Hi ho! Graças sejam dadas!

E o oficiante levanta o Chanumpa para o Céu e envia sua voz:

Wakan Tanka, damos graças pela luz que nos destes por meio do Poder do lugar onde sai o sol.

Ajude-nos, ó Poder do Leste!

Seja misericordioso conosco!

O Chanumpa é aceso e é fumada por todo o círculo, e quando termina, o ajudante a pega e a deposita sobre o montinho com a haste apontando para o Sul.

É passada novamente a água pelas pessoas do círculo no sentido do movimento do sol, e cada um fricciona o corpo inteiro especialmente o topo da cabeça e o peito; depois disso a porta é fechada pela última vez.

É o homem sentado no lado Sul quem agora envia sua voz:

Avô *Wakan Tanka*, Olhe-nos!

Colocaste um grande Poder no lugar para o qual voltamos sempre, e muitas gerações têm vindo desta Direção e têm regressado a ela.

Há um Ser alado nesta Direção que guarda o caminho vermelho por onde têm vindo as gerações.

A geração que hoje está aqui deseja lavar-se e purificar-se a fim de renascer!

Queimaremos erva aromática como oferenda ao Grande Espírito, e seu olor se estenderá pelo Céu e pela Terra; e assim os quadrúpedes, os povos alados, os povos das estrelas do Céu, serão todos parentes.

De Ti, ó Avó Terra, que és humilde e nos levas em teu seio como uma mãe, emanará este perfume; que seu poder seja sentido em todo o Universo, e purifique os pés e as mãos dos homens para que avancem pela Terra sagrada levantando suas cabeças para o Grande Espírito!

Toda a água que resta é colocada agora sobre as pedras que estão ainda muito quentes, e enquanto o vapor se desprende e penetra em todas as coisas, cantamos ou modulamos um canto de mistério.

Em seguida o oficiante fala assim:

O ajudante abrirá a porta pela última vez dentro de uns instantes, e quando estiver aberta veremos a luz.

É desejo do Grande Espírito que a claridade entre nas Trevas para que possamos ver não só com nossos dois olhos, mas também com o Olho único que há no Coração — *Chante Ishta* — com o qual vemos e conhecemos tudo o que é verdadeiro e bom.

Damos graças ao ajudante; que suas gerações sejam benditas!

Está bem!

Terminamos! *Hechetu welo!*

Quando se abre a porta da cabana os homens exclamam:

Hi ho! Hi ho! Graças sejam dadas!

E todos são felizes, porque saíram das trevas e vivem agora na luz².

O ajudante trás rapidamente uma brasa do fogo sagrado e a põe no caminho ritual, enfrente ao umbral da cabana.

Enquanto queima erva aromática sobre esta brasa, diz:

Este é o aroma do Grande Espírito.

² A entrada na luz depois da permanência na obscuridade da tenda de purificação representa a liberação a respeito do Universo, ou também, desde o ponto de vista do microcosmos, a desapareição do *ego*; o *ego* e o mundo são «obscuros», não possuem mais que uma realidade relativa ou ilusória, porque, em último termo, não existe outra realidade distinta de *Wakan Tanka*, que é representado aqui pela luz do dia ou pelo espaço que rodeia a tenda. Esta liberação a respeito do cosmos, ou esta desapareição da individualidade, está particularmente bem representada no rito de Purificação dos índios osage: «Ao final da cerimônia, o chefe diz aos homens que peguem cada um deles uma das varas que formam a armação da pequena habitação, e quando todos o fizeram exclama: «Não há outra saída, amigos meus!, e juntos lançam a casinha ao ar em direção ao sol poente.» (Francis La Flesche, *War and Peace Ceremony of the Osage Indians*, Washington, 1939.)

Por ele, os bípedes, os quadrúpedes, os seres alados e todos os povos do Universo serão felizes e se alegrarão.

O oficiante principal diz então:

Este é o fogo que ajudará às gerações futuras se o empregarem segundo o mistério.

Mas se não fizerem um bom uso dele, este fogo terá o poder de causar-lhes um grande dano.

O oficiante purifica suas mãos e seus pés na fumaça e, em seguida, levanta os braços para o céu e reza:

Hi ho! Hi ho! Hi ho! Hi ho! Wakan Tanka, hoje foi um dia bom para nós, Te agradecemos por ele, ponho agora meus pés sobre a Terra.

Cheio de felicidade, caminho pela Terra sagrada, nossa Mãe, que as gerações futuras caminhem também desta maneira, segundo o mistério!

Todos os homens abandonam a cabana de suar seguindo o movimento do sol, e também eles purificam suas mãos e pés, e rezam ao Grande Espírito, como foi feito pelo oficiante.

Então o ritual termina, e os que tomaram parte nele estão como se tivessem nascido de novo; fizeram muito bem, não só a si mesmos, como também para toda a nação.

Que sabe também deva mencionar isso: sempre, quando estamos na cabana de suar, há crianças que introduzem sua cabeça no interior e pedem ao Grande Espírito que purifique sua vida.

Nós não lhes chamamos à atenção, porque sabemos que as crianças pequenas têm um coração inocente.

Quando saímos da cabana de suar somos semelhantes às almas que foram guardadas, tal como descrevi, e que regressam ao Grande Espírito depois de serem purificadas; também deixamos para trás, na cabana do *inipi*, tudo o que é impuro, a fim de viver como quer o Grande Espírito, e a fim de conhecer algo deste Mundo verdadeiro do Espírito que está escondido atrás deste mundo sensível.

Estes rituais de *inipi* são muito sagrados e são realizados antes de todas as coisas grandes que nos exigem pureza ou força; há muitos invernos, nossos homens — e também nossas mulheres — praticavam o *inipi* todo dia, e as vezes inclusive varias vezes ao dia; uma grande parte de nossa força nos veio disto.

Agora que temos descuidado destes rituais, perdemos grande parte deste poder; choro quando penso nisso.

E rezo para que o Grande Espírito queira mostrar a nossos jovens a importância de todas estas práticas veneráveis.

4

HANBLECHEYAPI:

IMPLORADO UMA VISÃO

Implorar por uma visão — *hanblecheyapi* —, igualmente aos ritos de purificação da *inipi*, já era praticada muito antes do Chanumpa chegar à terra.

Este tipo de reza é muito importante; é, de certo modo, o centro de nossa religião e graças a ele temos recebido muitos favores, tais como estes quatro grandes ritos: a dança do sol, o parentesco, a preparação da jovem, o lançamento da bola.

Todo homem pode implorar por uma visão; nos dias de antigamente, homens e mulheres imploravam constantemente.

O que assim se obtém depende em parte do caráter de quem implora; de fato, só os homens verdadeiramente qualificados recebem as grandes visões, e estas são rapidamente interpretadas por nossos homens santos; dão força e saúde à nossa tribo. Quando alguém deseja implorar, é muito importante que peça a ajuda e os conselhos de um homem santo — *wichasha wakan*¹—, a fim de que tudo se cumpra de uma forma correta, porque se as coisas não são feitas segundo as regras, pode acontecer alguma desgraça; poderia, por exemplo, aparecer uma serpente e se enrolar ao redor do implorante.

Todos já devem ter ouvido falar de nosso grande chefe e sacerdote *Tashunko Witko*, Cavalo Louco; mas provavelmente não sabem que seu grande poder lhe vinha sobre todo da imploração que praticava várias vezes ao ano, inclusive no inverno, com um clima muito frio e muito duro.

Recebeu as visões do Penhasco, da Sombra, do Texugo, do Cavalo que empina — daí seu nome—, do Dia e também de *Wambali Galeshka*, a Águia Pintada; e recebeu de todas estas visões muito poder e santidade².

Muitas razões podem incitar ao homem para se retirar ao cume de uma montanha para implorar.

¹ Traduzimos *wichasha wakan* por «homem santo» em vez de por «homem medicina», expressão incorreta empregada em muitas obras sobre os índios. O termo lakota que corresponde a «médico» ou «doutor» é na realidade *pejuta wichasha*. Para precisar claramente as coisas não podemos fazer nada melhor que citar a explicação dada por Espada, um sioux oglala, a J. R. Walker: «*Wichasha wakan* designa a um homem santo lakota da antiga religião; um homem medicina se chama, entre os lakotas, *pejuta wichasha*. Os brancos designam a nosso *wichasha wakan* como homem medicina, o que é um erro. Ademais, dizem que um *wichasha wakan* «faz medicina» (*is making medicine*) quando faz um ritual. Isto também é um erro. Os lakotas não chamam a uma coisa «medicina» mais que quando se utiliza para curar a um enfermo ou a um ferido, e então o termo exato é “*pejuta*”». (*Anthropological Papers of the American Museum of Natural History*, vol. XVI, parte II, p. 152.)

Alguns tiveram visões quando eram crianças e sem esperar³; neste caso, vão implorar para compreendê-las melhor.

Imploramos também quando desejamos aumentar nosso valor com vistas a uma grande prova, como a dança do sol, ou para nos preparar para partir pelo caminho da guerra.

Às vezes se implora para pedir algum favor ao Grande Espírito, como a cura de um parente; imploramos também para dar graças ao Grande Espírito por algum dom que nos concedeu.

Mas a razão mais importante para implorar é, sem duvida, que elo nos ajuda a dar conta de nossa unidade com todas as coisas, a compreender que todas as coisas são nossos parentes e então, em seu nome, pedimos ao Grande Espírito que nos dê o conhecimento de Si mesmo, Ele que é a fonte de tudo e que é maior que tudo.

Nossas mulheres também imploram, depois de se purificar na cabana de suar; outras mulheres as ajudam, mas elas não vão a uma montanha elevada e deserta; se retiram para uma colina do vale, porque que são mulheres e necessitam proteção.

Quando um índio deseja implorar, vai com um Chanumpa cheio até homem santo; entra em sua tenda sustentando a haste com a mão direita e se senta na frente do ancião que será seu guia.

O implorante põe o Chanumpa no solo com a haste apontada para si, porque é ele quem deseja adquirir o Conhecimento.

O homem santo eleva então as mãos para o Grande Espírito e depois para as quatro Direções, e pegando o Chanumpa pergunta ao homem que deseja.

Desejo implorar e oferecer meu Chanumpa ao Grande Espírito.

Tenho necessidade de tua ajuda e de teus conselhos, e desejo que envies uma voz por mim às Potências do alto.

Ao qual o ancião responde:

How! Está bem, e os dois saem da tenda; depois de andar um pouco, param e olham para o Oeste; o jovem está a esquerda do homem santo.

² O índio se identifica espiritualmente com a Qualidade cósmica — ou divina — do ser ou a coisa que lhe aparece numa visão, quer seja um mamífero, um pássaro, um dos elementos ou qualquer aspecto da criação. Para que este «Poder» nunca lhe abandone, o índio leva sempre encima alguma forma material que representa ao animal ou objeto de que tenha recebido seu «Poder». Estes objetos tem sido chamados «fétiches», o que é impróprio, porque correspondem mais precisamente ao que os cristãos denominam «Anjos da guarda»; para o índio, os animais e todas as coisas inanimadas são os «reflexos» — em uma forma material— dos Princípios divinos. O índio não se prende a forma como tal, mas sim ao Principio que está de certo modo «contido» na forma.

³ O próprio Alce Negro recebeu sua grande visão quando não tinha mais que nove anos. Para uma descrição desta visão, ver *Black Elk Speaks*, cap. III.

As pessoas que estão nas proximidades se unem a eles.

Todos levantam a mão direita, e o ancião reza, ao mesmo tempo em que dirige a haste do Chanumpa para o céu.

Hi-ey-Hey-i-i, diz quatro vezes, e depois continua:

Avô *Wakan Tanka*, Tu és o primeiro, e Tu tem sido sempre!

Todas as coisas Te pertencem.

Tu és quem criou todas as coisas.

Tu és misterioso e único, e nós Te enviamos uma voz.

Este jovem que está aqui presente se encontra em dificuldades e deseja Te oferecer o Chanumpa.

Pedimos-te que lhe ajude!

Dentro de poucos dias Te oferecerá seu corpo.

Porá seus pés sobre a Terra sagrada, nossa Mãe e Avó, conforme o mistério.

Todos os poderes do mundo, o céu e os povos das estrelas, e os dias sagrados vermelho e azul, todas as coisas que se movem no Universo, nos rios, os arroios, as fontes, todas as águas, todas as árvores que se erguem e todas as ervas da nossa Avó, todos os povos sagrados do Universo: escutem!

Este jovem pedirá um parentesco sagrado com todos vocês a fim de que suas gerações futuras cresçam e vivam segundo o mistério.

Ó Ser alado de onde o sol se põe, Tu que velas por nosso Chanumpa sagrado, ajude-nos!

Ajude-nos a oferecer este Chanumpa ao Grande Espírito para que dê sua benção a este jovem!

Então os demais gritam:

How!, e se sentam em círculo no solo.

O ancião oferece o Chanumpa às seis Direções, o acende e o dá primeiro ao jovem que vai implorar; este o oferece com uma reza, e todos os que formam o círculo fumam dele.

Quando o Chanumpa foi todo fumado, é devolvido ao homem santo, que o limpa, o purifica e o entrega de novo ao jovem perguntando quando deseja implorar; então se escolhe o dia.

Quando chega o dia eleito, o jovem que vai implorar só, vai vestido com sua pele de bisão, seu tapa sexo, e seus mocassins; chega, chorando, com seu Chanumpa à tenda do homem santo.

Assim que entra, põe sua mão direita sobre a cabeça do ancião, dizendo:

Unshimala ye! Tenha misericórdia de mim!

Põe seu Chanumpa em frente ao homem santo e pede sua ajuda.

O ancião responde:

Todos sabemos que o Chanumpa está cheia de mistério, e com ela você veio chorando.

Quero te ajudar, mas deverá se lembrar sempre do que vou te dizer; nos invernos futuros, procederás segundo as instruções e os conselhos que te darei.

Podes implorar de um a quatro dias ou até mais, se desejar: quantos dias escolhes?

Escolho dois dias.

Bem, eis aqui o que deves fazer: primeiro construirá uma cabana de suar, onde nos purificaremos, e para isto deves selecionar doze ou dezesseis salgueiros pequenos.

Mas antes de cortar os salgueiros, não esqueça de lhes fazer uma oferenda de tabaco, e quando estiver frente a eles, dirá:

Há muitas espécies de árvores, mas os escolhidos para que me ajudem.

Vou arrancá-los, mas outros virão em seu lugar.

Em seguida, levará estas árvores ao lugar onde construiremos a cabana.

Reunirá piedosamente pedras e salvia, e fará um feixe de cinco bastões grandes, e também outros cinco feixes de doze bastõezinhos que serão empregados como oferendas.

Deixará estes bastões apoiados no lado Oeste da cabana de suar estejamos prontos para purificar-los.

Também necessitaremos rolos de tabaco dos arikara, *kinnikinnik*, uma tabua para cortar o tabaco, uma pele de gamo para envolver as oferendas de tabaco, erva aromática, um saco de terra sagrada, uma faca e um machado de pedra.

Deverá procurar estes objetos você mesmo, e quando estiver preparado nos purificaremos. *Hechetu welo!*

Quando tiver a cabana de purificação e tiver reunido todos os utensílios, o homem santo entra nela e se senta ao Oeste; o implorante entra em seguida e se senta ao Norte; em

seguida um ajudante entra e se senta ao Sul do ancião.

Levam então para a cabana uma pedra fria que é colocada no lado Norte do altar central, onde o homem santo a purifica com uma breve reza; em seguida o ajudante volta a levá-la ao exterior.

É a primeira pedra destinada ao lugar perpetuo, — *Peta Owihankeshni*—, que foi feito ao Leste da cabana.

Ao Leste do altar central, na cabana de purificação, o ajudante rastela a terra e deposita uma brasa naquele lugar.

Então o homem santo caminha em círculo para o Leste e, se inclinando sobre brasa, coloca um pouco de erva aromática e reza assim:

Ó Avô *Wakan Tanka*, Olha-nos! Sobre a terra sagrada coloquei esta erva que Tu criaste.

A fumaça que sobe desde a terra é o fogo pertencerá a todo o que se move no Universo: aos quadrúpedes, aos voláteis, e a todo o que existe.

Te darão sua oferenda, ó *Wakan Tanka*!

Queremos consagrar a Ti tudo o quanto tocamos!

No momento em que se põe a erva aromática sobre a brasa, os outros dois homens da cabana exclamam:

Hay ye! Graças sejam dadas! e quando a fumaça sobe, o homem santo a espalha pelas mãos e nele em seguida as passa por seu corpo; o implorante e o ajudante se purificam da mesma maneira com a fumaça de mistério.

O saquinho de terra também é purificado e os três homens voltam a ocupar seus lugares a Oeste; todos os deslocamentos são feitos no sentido do movimento do sol.

A terra purificada é estendida cuidadosamente com um movimento circular no interior da cavidade central, e este gesto é feito lenta e respeitosamente, porque esta terra representa a todo o Universo.

O ajudante entrega bastão ao homem santo, que se serve dele para assinalar quatro movimentos ao redor da cavidade, ao Oeste, ao Norte, ao Leste, ao Sul; em seguida desenha uma cruz, uma cujas linhas vai de Leste a Oeste e a outra de Norte a Sul; e isto é particularmente sagrado, porque esta cruz estabelece os quatro grandes Poderes do Universo, assim como o centro nele reside o Grande Espírito.

Neste momento entra um ajudante que trás uma brasa sobre um bastão aforquilhado; caminha lentamente, se detém quatro vezes, e na quarta vez põe o carvão no centro da cruz.

O homem santo, suspendendo um pouco de erva aromática sobre a brasa, reza assim:

Avô e Pai meu *Wakan Tanka*, Tu és tudo, todas as coisas Te pertencem!

Vou por tua erva sobre este fogo. Seu olor Te pertence.

Então o ancião baixa lentamente a erva aromática até o fogo.

O ajudante pega o Chanumpa e, movimentando-se com ele no sentido do movimento do sol, o dá ao homem santo, que assim reza:

Ó *Wakan Tanka*, Olhe teu Chanumpa!

O suspendo sobre a fumaça desta erva.

Ó *Wakan Tanka*!, Olha também este movimento consagrado que temos feito.

Sabemos que seu centro é tua morada.

As gerações caminharão por este círculo.

Os quadrúpedes, os bípedes, os voláteis e os quatro Poderes do Universo contemplarão este lugar, que é Teu.

O homem santo suspende o Chanumpa na fumaça, dirigindo a haste primeiro para o Oeste e em seguida para o Norte, o Leste, o Sul e o Céu; depois toca a Terra com o pé do Chanumpa.

Purifica todos os objetos rituais e confecciona uns saquinhos de tabaco que amarra ao extremo dos bastões de oferendas.

O ancião está agora sentado ao Oeste; pega a tabua para cortar o tabaco e começa a cortar e a misturar o *kinnikinnik*.

Primeiro avalia cuidadosamente a capacidade do Chanumpa, porque deve colocar o tabaco somente para encher o forninho, não mais.

Cada vez que corta uma pitada de tabaco a oferece a uma das Direções do mundo e toma muito cuidado para que nenhuma caia da tabua, coisa que irritaria aos Seres do Trovão, quando a mistura é terminada, o ancião pega o Chanumpa com a mão esquerda e, levantando uma pitada de *kinnikinnik* com a mão direita, reza assim:

⁴ Esta humilhação pela que o índio se faz «mais baixo que a menor formiga», como dizia um dia Alce Negro, equivale ao que os cristãos chamam «humildade» ou «pobreza»; é o *faqr* do sufismo ou o *bâlya* do hinduismo; esta pobreza é a condição dos que se dão conta de que, em comparação com o Princípio, sua própria individualidade não é nada.

Ó *Wakan Tanka*, Pai e Avô meu, Tu és o primeiro e sempre foi!

Olhe para este jovem cuja alma está turva.

Ele deseja avançar pelo caminho sagrado; ele quer Vos oferecer este Chanumpa.

Seja misericordioso com ele e o ajude!

Os quatro Poderes e todo o Universo serão colocados no forninho do Chanumpa, e então este jovem Te oferecerá com a ajuda dos seres alados e com todas as coisas.

O primeiro a ser colocado no Chanumpa és Tu, ó Poder alado do lugar onde se põe o sol!

Tu e teus guardiões sois antigos e estão cheios de mistério.

Olha! Há um lugar para Ti no Chanumpa.

Ajuda-nos com teus dois dias sagrados vermelho e azul!

O homem santo põe este tabaco no Chanumpa e levanta em seguida outro pouco para o Norte, onde vive o gigante *Wazia*:

Ó Poder alado do lugar onde o gigante tem sua tenda, de onde vêm os ventos purificadores e fortes: há um lugar para Ti no Chanumpa; ajude-nos com os dois dias sagrados que Tu possuis!

O Poder desta Direção é introduzido no Chanumpa e uma terceira pitada de tabaco é oferecida ao Leste:

Ó Tu que está aí onde sai o sol, que guardas a luz e dá o Conhecimento, este Chanumpa vai ser oferecido ao Grande Espírito; Tu também terás um lugar nele; ajude-nos com teus dois dias sagrados!

O Poder do Leste é introduzido da mesma forma no Chanumpa e se eleva um pouco de tabaco para o Sul, o lugar para onde sempre retornamos.

Ó Tu que controla os ventos sagrados e que vive no lugar para onde sempre voltamos, teu sopro dá vida; de Ti vêm nossas gerações e para Ti retornam.

Este Chanumpa vai ser oferecido ao Grande Espírito; há um lugar nele para Ti!

Ajude-nos com os dois dias sagrados que você possuis!

Desta maneira os Poderes das quatro Direções foram introduzidos no forninho do Chanumpa, e o ancião levanta agora um pouco de tabaco para o Céu; é para *Wambli Galeshka*, a Águia Pintada, que está por cima de todas as coisas criadas e que manifesta diretamente o Grande Espírito.

Ó *Wambli Galeshka*, Tu que dá voltas pelos céus mais elevados, Tu vês tudo o que há no céu e na terra.

Este jovem vai oferecer este Chanumpa ao Grande Espírito a fim de obter o conhecimento.

Ajude-o, assim como aos que, por teu intermédio, enviam suas vozes ao Grande Espírito.

Há um lugar para Ti neste Chanumpa; dê-nos teus dois dias sagrados, vermelho e azul!

Com esta reza, a Águia Pintada é introduzida no forninho do Cachimbo; depois o ancião estende uma pitada de tabaco para a Terra rezando assim:

Ó *Unchi e Ina*, nossa Avó e Mãe, Tu estás cheia de mistério!

Sabemos que nossos corpos vieram de Ti.

Este jovem deseja ser um com todas as coisas; deseja adquirir conhecimento.

Pelo bem de todas as criaturas, ajude-o!

Há um lugar para Ti o Chanumpa; dê-nos teus dois dias sagrados vermelho e azul.

Assim, a Terra, que agora está realmente presente no tabaco, é introduzida no Cachimbo, e desta maneira os seis Poderes do Universo são convertidos em Um.

Mas, a fim de que todos os povos do mundo, sem exceção, sejam incluídos no Chanumpa, o homem santo oferece pequenas porções de tabaco para cada um dos povos alados seguintes:

Ó pássaro que voa nos dois dias sagrados; tu que crias tão bem a tua família, que nós possamos crescer e viver da mesma maneira!

Este Chanumpa logo será oferecido ao Grande Espírito e aqui há um lugar para ti. Ajude-nos!

Com uma reza idêntica, se oferece e se introduz no Cachimbo pequenas porções de tabaco para a cotovia dos prados, o melro, o pássaro carpinteiro, o pássaro da neve, o corvo, a gralha, a pomba, o falcão, o gavião, a águia careca, e o que sobra de tabaco é oferecido pelo bípede que vai implorar oferecendo a si mesmo ao Grande Espírito.

Em seguida o Chanumpa é selado com banha, porque o implorante o levará consigo quando for ao cume da montanha, e ali o oferecerá ao Grande Espírito; mas não o fumará antes de haver terminado o ritual e de haver se reunido novamente com o homem santo.

Todas as varas e todos os apetrechos, já purificados, são deixados fora da cabana, ao Oeste.

Os três homens saem e se preparam para o *inipi*, e retiram suas vestes com exceção do tapa sexo.

Todo aquele que está presente é autorizado a participar deste rito de purificação.

O implorante é o primeiro a entrar na cabana de suar; depois de dar a volta na cabana imitando o movimento do sol, se senta ao Oeste.

Pega sue Chanumpa, que foi deixado ali; depois se desloca no sentido do movimento do sol erguendo o Cachimbo com a haste voltada para o Leste; conservará esta posição durante a primeira parte do ritual.

O homem santo entra em seguida e, passando por detrás do implorante, se senta ao Leste, bem ao lado da porta.

Todos os que desejam tomar parte no ritual ocupam então o espaço que ficou livre e dois homens ficam do lado de fora na qualidade de ajudantes.

Um dos ajudantes enche um Chanumpa de forma ritual e o entrega ao homem que está sentado à esquerda do implorante.

A pedra que anteriormente foi purificada é introduzida com um bastão aforquilhado, porque está muito quente; esta pedra é deixada no centro do buraco consagrado.

Em seguida é colocada uma segunda pedra a Oeste, no mesmo buraco, e as outras são postas ao Norte, ao Leste e ao Sul.

Durante esta operação, o homem que está com o Chanumpa toca todas as pedras com o pé de do Cachimbo e no mesmo momento todos exclamam: *Hay ye! Hay ye!*

Em seguida o Chanumpa é aceso, e oferecido ao Céu, à Terra à quatro Direções, e fumado por todos.

A medida que passa de mão em mão, cada homem se dirige a seu vizinho chamando-o por seu grau de parentesco, e quando todos o fumaram, dizem em coro: *Mitakuye oyasin!* Todos somos parentes.

O homem que acendeu o Chanumpa o esvazia e deixa as cinzas sobre o altar central; depois de o purificar, o passa para seu vizinho da esquerda, que o passa para fora da cabana.

O ajudante o carrega novamente, e o põe sobre o montinho sagrado com a haste dirigida para o Oeste.

A porta da tenda é fechada, e o homem santo, sentado ao Leste, começa a rezar na obscuridade:

Olha! Tudo quanto se move no Universo está aqui!

Isto é repetido por todos, e para terminar, todos exclamam: *How!*

Depois gritam quatro vezes: *Hi-ey-hey-i-i!*, e também quatro vezes: *Wakan Tanka*, Avô, Nos veja!

Ó *Wakan Tanka*, Pai, nos veja!

Nesta grande ilha há um homem que diz querer oferecer-te um Chanumpa.

Hoje cumprirá sua promessa.

A quem enviaria uma voz, senão a Ti, *Wakan Tanka*, Avô e Pai nosso?

Ó *Wakan Tanka*, este homem Te pede para ser misericordioso com ele!

Diz que seu pensamento está turvo e que tem necessidade de tua ajuda.

Ao Te oferecer este Chanumpa, oferecerá todo seu corpo e toda sua alma.

É chegado o momento; logo irá a um lugar elevado e ali implorará para conseguir tua ajuda.

Seja misericordioso com ele!

Ó vocês, os quatro Poderes do Universo, vocês, alados do ar, e todos os povos que se movem no Universo, todos foram colocados no Chanumpa.

Ajudem a esse jovem com o conhecimento que o Grande Espírito lhes deu.

Sejam misericordiosos!

Ó *Wakan Tanka*, permita que este jovem tenha parentes!

Que ele não seja somente um com os Quatro Ventos, os quatro Poderes do Mundo, e com a luz do alvorecer.

Que compreenda seu parentesco com todos os povos alados e do ar.

Ele colocará seus pés sobre a terra sagrada do cume de uma montanha; que ele possa receber, lá no alto, a sabedoria; que suas gerações futuras permaneçam conforme o mistério!

Todas as coisas Te agradecem, ó *Wakan Tanka*!

Tu que és misericordioso e que ajuda a todos.

Pedimos de Ti tudo isto, sabendo que Tu és o Único e que teu poder se estende

sobre todas as coisas.

Enquanto se verte um pouco de água sobre as pedras ardentes, todos os homens cantam:

*Avô, envio uma voz!
Aos céus do Universo, envio uma voz
Para que meu povo viva!*

Enquanto os homens cantam e o vapor ascende, o implorante soluça, porque se humilha ao pensar em sua nulidade em presença do Grande Espírito⁴.

Alguns instantes depois, um ajudante abre a porta e o implorante abraça seu Chanumpa colocando-o sobre um ombro e depois sobre o outro, e suplicando sem cessar ao Grande Espírito:

Tenha piedade de mim, ajude-me!

O Chanumpa passa de mão em mão e todos o abraçam e choram como o implorante.

Deste modo é posto para fora da cabana, e os ajudantes também o abraçam; e depois o colocam sobre o montinho com a haste para o Leste; esta é a Direção em que se encontra a Fonte da luz e do conhecimento.

O segundo Chanumpa, que deve ser usado no rito de purificação e que estava sobre o montinho de terra sagrada com a haste para o Oeste, é introduzido na cabana e entregue à pessoa sentada imediatamente à esquerda do implorante.

Este Cachimbo é aceso e depois todos os membros do círculo fumam dele; depois é novamente levado para o exterior da tenda.

Em seguida se faz circular água e o implorante é autorizado a beber dela tanto quanto deseje, mas deve ter cuidado em não derramar nem uma gota, nem no solo nem sobre seu corpo, porque isto provocaria a ira dos Seres do Trovão que cuidam das águas sagradas e que poderiam aparecer pela noite enquanto implora.

O homem santo lhe diz para salpicar o corpo com salvia; a porta é fechada novamente, e um homem honrado que já tenha tido uma visão reza:

Sobre esta pedra cheia de mistério, os Seres do Trovão se mostraram misericordiosos comigo: deram-me um poder proveniente do lugar onde vive o gigante *Wazia*.

Apareceu-me uma águia.

Ela te verá também quando fores implorar uma visão.

Do lugar onde sai o sol me enviaram uma águia careca; ela te verá também.

Do lugar para onde sempre voltamos, me enviaram um ser alado.

Foram muito misericordiosos comigo.

Nas alturas do Céu há um Ser alado que está perto do Grande Espírito: é a Águia Pintada, e ela também te olhará.

Te olharão todos os Poderes e a Terra sagrada sobre onde estás.

Eles me indicaram um bom caminho para seguir nesta Terra; que possa você também conhecer este caminho!

Ponha teu espírito a compreender o significado destas coisas, e verá!

É assim, não esqueça! *Hechetu welo!*

Então este ancião reza (canta):

*Eles me enviam uma voz
Do lugar onde se põe o sol
Nosso Avô me envia uma voz.
Do lugar onde se põe o sol
Me falam quando vêm.
A voz de nosso Avô me chama.
Este Ser alado que está no lugar onde vive o Gigante
Me envia uma voz; me chama
Nosso Avô me chama!*

Enquanto o ancião canta se coloca água sobre as pedras, e depois de uns momentos de silêncio em meio a obscuridade e do vapor quente e cheiroso, é aberta a porta, e o ar fresco e a luz enchem a pequena cabana.

Novamente se retira o Cachimbo do montinho e a entregam, ao homem que está sentado ao Norte.

Depois que é fumada, é recolocada no montinho com a haste voltada para o Leste.

A porta é fechada novamente e o homem que está sentado ao Leste é quem reza:

Ó *Wakan Tanka*, observe quanto aqui fazemos e Te pedimos!

Ó Poder do lugar onde o sol se põe, Tu que controlas as águas: com o sopro de tuas águas este jovem se purifica.

E também vocês, ó pedras de uma idade imemorial que agora nos ajudam, escutem!

Estão firmemente fixadas nesta terra; sabemos que os ventos não podem vos mover.

Este jovem vai enviar uma voz e chorar para obter uma visão.

Vocês nos ajudam dando uma parte de seu poder; seu sopro o purifica.

Ó Fogo eterno do lugar onde sai o sol, contigo este jovem ganha em força e lucidez.

Ó árvores, o Grande Espírito vos deu o poder de permanecer em pé.

Que este jovem possa sempre tomar vocês como exemplo; que possa se juntar firmemente a vocês.

Que assim seja! *Hechetu welo!*

Novamente todos cantam; em seguida a porta é aberta e entrega o Chanumpa e é entregue ao homem santo sentado ao Leste, que o acende, dá umas baforadas e o faz circular por todo o grupo.

Quando o tabaco é consumido, o ajudante pega o Cachimbo e o coloca outra vez no montinho, com a haste dirigida para o Sul.

A porta da *inipi* é fechada pela última vez, e então o homem santo dirige sua reza às pedras:

Ó vocês, pedras antigas, estão cheias de mistério, não têm orelhas nem olhos, e assim mesmo vêem e ouvem todas as coisas.

Graças a seus poderes este jovem está purificado e digno de partir para receber uma mensagem do Grande Espírito.

Logo os homens que guardam a porta desta cabana sagrada a abrirão pela quarta vez e veremos a Luz do mundo.

Tenham piedade dos homens que guardam a porta.

Que suas gerações sejam benditas!

Verte-se água sobre as pedras que ainda queimam e, depois que o vapor enche rapidamente toda a cabana, a porta é aberta e os homens exclamam: *Hi ho! Hi ho!* Graças sejam dadas! (*pilamaya ye*)

O implorante é o primeiro a abandonar a cabana e, chorando sem cessar, vai sentar-se no caminho ritual, frente ao montinho onde descansa o Cachimbo.

Um dos ajudantes pega a pele de bisão purificada e a põe sobre os ombros do implorante; outro pega o Cachimbo e o apresenta ao jovem, que agora está preparado para ir a uma alta montanha implorar uma visão.

São trazidos três cavalos; em dois deles são carregados os paus das oferendas e certa quantidade de salvia; o implorante monta no terceiro, chorando que dá pena e erguendo seu Chanumpa a sua frente.

Quando chegam ao pé da montanha, os dois ajudantes se adiantam com todos os apetrechos para preparar lá encima o início do ritual: avançam na direção que lhes distancia mais depressa do acampamento e vão diretamente ao local que foi escolhido como centro; ali descarregam os apetrechos.

Começam fazendo um buraco no solo, e nele depositam um pouco de *kinnikinnik*; em seguida cravam ali uma vara comprida, em cujo extremo são atadas as oferendas.

Um dos ajudantes dá dez passos largos para o Oeste e crava ali outra vara, com oferendas.

Em seguida regressa ao centro, onde pega outra vara, que vai cravar ao Norte; em seguida volta ao centro.

De modo semelhante, crava uma vara ao Leste e outra ao Sul. Enquanto isso, o outro ajudante esteve ocupado preparando um leito de salvia no centro, é nele que o implorante, em seus momentos de fadiga, poderá repousar apoiando a cabeça na vara central e estendendo os pés para o Leste.

Quando todo está terminado, os ajudantes abandonam o local sagrado pelo caminho do Norte e se reúnem com o implorante, que espera ao pé da montanha.

O implorante tira então os mocassins e também o tapa sexo, porque, se desejamos sinceramente implorar, devemos ser pobres em bens mundanos; e sobe só até lá encima, erguendo seu Chanumpa a sua frente e levando sua pele de bisão, que usará durante a noite.

Enquanto caminha, chora e repete constantemente:

Wakan Tanka unshimala ye oyate wani wachin cha!

Ó *Wakan Tanka*, tenha piedade de mim para que meu povo viva!

Quando chega ao local consagrado, se dirige para a vara central e olha para o Oeste; e, levantando seu Chanumpa com as duas mãos, continua rezando entre lágrimas:

Oh *Wakan Tanka*, tenha piedade de mim para que meu povo viva!

Em seguida se aproxima bem lentamente da vara que está ao Oeste; ali oferece a mesma reza e regressa ao centro.

Do mesmo modo, vai até a vara do Norte, a do Leste e a do Sul, voltando toda vez ao centro; e depois de cada um destes trajetos, eleva seu Chanumpa ao Céu e pede aos seres alados e a todas as coisas que lhe ajudem, depois dirige a haste para o solo e pede a ajuda de tudo quanto cresce sobre nossa Madre.

Tudo isto é contado em pouco tempo; mas o implorante deve executar tão lentamente e de uma maneira tão solene, que às vezes necessita uma hora, ou até duas, para fazer um destes trajetos.

Não pode se movimentar de nenhuma outra maneira; mas enquanto percorre esta forma de cruz pode deter-se em qualquer ponto do trajeto, e durante o tempo que deseje.

Isso é feito durante todo o dia, rezando sem descanso, quer seja em voz alta ou silenciosamente em seu interior, porque o Grande Espírito está em todas as partes e por conta disso ouve tudo o que há em nossos pensamentos e em nossos corações; não é necessário lhe falar em voz alta.

O implorante não está obrigado a dizer sempre a reza que lhe foi indicado; pode permanecer em silêncio, concentrando toda sua atenção no Grande Espírito ou em um de seus Poderes.

Deve evitar cuidadosamente os pensamentos que lhe distraiam, mas, por outra parte, tem de permanecer desperto para reconhecer qualquer mensageiro que o Grande Espírito possa lhe enviar: estes mensageiros podem tomar a forma de um animal, às vezes tão minúsculo e aparentemente tão insignificante como uma formiga.

É possível que do Oeste venha para ele uma águia pintada, ou do Norte uma águia negra, ou do Leste uma águia careca, ou até, do Sul um pássaro carpinteiro de cabeça vermelha.

Ainda que a princípio nenhuma destas aves lhe fale, têm importância e devem ser observadas.

Se chegar um passarinho, ou uma lagartixa, o implorante também deve fixar-se nele.

Talvez a princípio os animais se mostrem selvagens, mas logo se tornem dóceis e os pássaros pousem sobre os paus, e também haverá formigas e pequenos insetos que se movam sobre o Chanumpa.

Todos estes povos são importantes, porque são sábios a sua maneira e podem ensinar muitas coisas aos bípedes, se adotamos uma atitude humilde ante eles.

Dentre todas as criaturas, as mais dignas de atenção são as aves; são elas que estão mais perto do céu e não estão atadas à terra como os quadrúpedes ou os pequenos povos répteis.

Convém lembrar que não é pó acaso que os humanos sejam bípedes como as aves; mas veja que estas abandonam a terra com suas asas e que nós, os homens, podemos também sair deste mundo, não com asas, mas com o espírito.

Isto os ajudará a compreender em parte por que consideramos sagrados e importantes todos os seres criados: toda coisa possui uma influência —*wochanghi*— que pode nos ser dada e graças a qual podemos adquirir um pouco mais de compreensão se estivermos atentos.

Durante todo o dia o implorante envia sua voz ao Grande Espírito para obter sua ajuda, e se movimenta seguindo o caminho ritual em forma de cruz; esta forma tem muito

poder: cada vez que voltamos ao centro é como se retornássemos ao Grande Espírito, que é o centro de todas as coisas; e ainda que acreditemos que nos distanciamos Dele, devemos regressar a Ele cedo ou tarde, junto com todas as outras criaturas.

Ao chegar a noite o implorante está muito cansado; porque ele não pode beber nem comer durante os dias que consagra para implorar uma visão.

Pode cochilar no leito de salvia que lhe foi preparado e deve apoiar a cabeça na vara central, porque, ainda que durma, permanece assim perto do Grande Espírito, e, com muita frequência, as visões mais poderosas aparecem durante o sono.

Não se trata de sonos normais, pelo contrario: as visões são muito mais reais e mais intensas que os sonhos; não provêm de nós mesmos, mas sim do Grande Espírito.

Pode acontecer que a primeira vez que imploramos não recebamos nenhuma visão nem nenhuma mensagem, mas devemos tentar da mesma forma; porque não devemos duvidar que o Grande Espírito está sempre disposto a ajudar a quem o busca com um coração puro.

Em consequência, muito depende da natureza de quem implora, de seu grau de purificação e de preparação.

Às vezes pela noite vêm os Seres do Trovão e, ainda que sejam terríveis, nos fazem um grande bem pondo a prova nossa força e nossa resistência. Eles também nos ajudam a nos dar conta de quão pequenos e insignificantes somos frente aos Poderes incomensuráveis do Grande Espírito.

Me recordo de um dia em que implorava; um grande furacão vinha do lugar em que se põe o sol, e eu conversava com os Seres do Trovão que vinham com o granizo, o trovão, os relâmpagos e uma chuva abundante; pela manhã vi que o granizo estava amontoado ao redor do local sagrado, mas este se achava completamente seco.

Creio que estavam me provando.

E houve uma noite em que os maus espíritos vieram para tirar as oferendas das varas, e ouvi suas vozes embaixo do solo e a um deles que dizia: Vamos ver ele implorar.

Ouvi ruídos de espíritos ruins, mas eles permaneciam fora do recinto sagrado e não podiam penetrar nele, porque eu estava decidido a não me assustar, e não parava de enviar minha voz ao Grande Espírito para ter sua ajuda.

Mais tarde, em algum lugar abaixo da terra, um dos maus espíritos disse:

Sim, certamente implora, e pela manhã vi que as varas e as oferendas continuavam em seu lugar.

Estava bem preparado, como podem ver, e não fraquejei, de forma que nenhum mal podia me acontecer.

O implorante deve se levantar na metade da noite e ir até as quatro Regiões,

voltando ao centro cada vez e sem deixar de enviar sua voz.

Deve já estar de pé com as primeiras luzes da manhã e iniciar caminhando para o Leste, dirigindo a haste de seu Chanumpa para a estrela de mistério e pedindo que lhe dê sabedoria; faz este pedido em silêncio, no fundo de seu coração, e não em voz alta.

Assim é como o implorante deve proceder durante os três ou quatro dias.

Ao final deste período vêm os ajudantes com os cavalos e levam novamente o implorante com seu Chanumpa ao acampamento; quando chega, entra no *inipi* que foi preparado para ele.

Se senta a Oeste, tendo constantemente o Chanumpa a sua frente.

O santo ancião que é seu guia espiritual entra imediatamente depois e, passando por trás do implorante, vai se sentar ao Leste; os demais homens ocupam o espaço livre que resta.

A primeira pedra ritual, que já foi aquecida, é introduzida na cabana e colocada no centro do altar; as demais pedras são trazidas em seguida, tal como foi descrito anteriormente.

Tudo isto é feito de maneira muito solene, porém mais rapidamente que antes, porque todos os homens estão impacientes para ouvir o implorante e por saber que grandes coisas lhe aconteceram na montanha.

Quando todo está pronto, o homem santo diz ao implorante:

Ho! enviaste uma voz ao Grande Espírito.

Desde agora este Chanumpa é muito sagrado, porque o Universo inteiro o viu.

Ofereceste este Chanumpa aos quatro Poderes celestes; o viram!

O Poder alado do lugar onde se põe o sol, que controla as águas, te ouviu!

As árvores que estão aqui presentes te ouviram!

E também te ouviu o Chanumpa muito sagrado que a tribo recebeu;

Nos diga a verdade e se assegure de que nada inventas!

Quem sabe inclusive as formigas minúsculas e os pequenos vermes vieram para te ver quando, lá encima, imploravas uma visão.

Nos diga tudo!

Você nos trouxe o Chanumpa que ofereceu.

Está terminado!

E visto que logo vais levar à boca este Chanumpa, nos dirá só a verdade.

O Chanumpa é santo e sabe tudo; não pode enganá-lo.

Se mentir, *Wakinyan Tanka*, a Ave do Trovão que cuida do Chanumpa, te castigará.

Hechetu welo!

O homem santo então se levanta de seu lugar ao Leste e, dando a volta na tenda no sentido do movimento do sol, vai se sentar à direita do implorante.

Diante dele são colocadas umas costelas secas de bisão e sobre elas se coloca o Chanumpa com a haste dirigida para o Céu.

O homem santo tira o selo de sebo do forninho e o põe sobre as costelas de bisão.

Com uma brasa tirada do fogo, acende o Chanumpa e, depois de lhe oferecer aos Poderes das seis Direções, dirige a haste para o implorante, que a toca apenas com os lábios.

O homem santo descreve então um círculo com a haste, fuma um pouco, o aproxima novamente dos lábios do implorante.

Torna a descrever um círculo com a haste e dá mais umas baforadas.

Isto é feito quatro vezes; depois o Chanumpa passa de mão em mão e todos os homens fumam.

Quando regressa a ele, o homem santo o esvazia golpeando-o quatro vezes no monte formado pelo selo de banha e as costelas de bisão, e em seguida o purifica.

Erguendo o Chanumpa frete a si, então diz ao implorante: Jovem, faz três dias que se foi daqui com teus dois ajudantes, que construíram para ti os cinco pilares do lugar consagrado.

Diga-nos tudo o que te aconteceu lá encima depois de tua partida.

Não omitas nada!

Temos rezado muito por ti ao Grande Espírito, e temos pedido ao Chanumpa para que seja misericordiosos.

Diga-nos agora o que aconteceu!

O implorante responde, e cada vez que diz algo importante, os homens que estão na tenda exclamam: *Hay ye!*

Fui para a montanha, e depois de adentrar no recinto consagrado, caminhei para

cada uma das quatro Direções, regressando sempre ao centro, como tu me ensinaste.

O primeiro dia, enquanto me encontrava de frente ao lugar onde se põe o sol, vi uma águia que voava para mim, e quando estava mais perto distingui que se tratava de uma águia pintada.

Pousou em uma árvore próxima a mim, mas não disse nada; depois alçou vôo para o lugar onde vive o gigante *Wazia*.

A isto todos os homens respondem: *Hay ye!*

Regressei ao centro e fui até o Norte, e enquanto estava ali vi uma águia que dava voltas no alto; e quando descia até mim notei que era uma águia jovem, mas ela também não me disse nada; e logo retornou e voou para o lugar que sempre olhamos.

Voltei ao centro, onde implorei e enviei minha voz, e depois me dirigi para o lugar onde sai o sol.

Ali percebi algo que voava em direção a mim e logo vi que era uma águia careca, mas ela também não me disse nada.

Implorando constantemente, regressei ao centro, e então, quando ia para o lugar a que sempre olhamos, vi um pássaro carpinteiro de cabeça vermelha pousado no pau das oferendas.

Quem sabe me deu algo de seu gênio, seu *wochangh*, porque ouvi que me dizia em voz muito baixa mas clara: *Wachin ksapa yo! Fique atento!*

E não tenha medo, mas não faça caso de qualquer coisa má que possa vir e te falar.

Todos dizem então em voz alta: *Hay ye*, porque esta mensagem da ave é muito importante.

O implorante continua:

Ainda que tenha implorado e enviado minha voz continuamente, isto é tudo o que vi e ouvi naquele dia.

Chegou a noite e me encostei com a cabeça no centro, e dormi, e durante meu sono ouvi e vi meu povo e notei que era feliz.

⁵ Quando um homem vai implorar uma visão, é costume que seus parentes e amigos se reúnam em sua tenda para cantar e rezar durante os dias e as noites que dura sua lamentação. Ao menos uma vez a cada noite, todos saem e olham em silêncio para o lugar em que se encontra o buscador; observam com atenção qualquer sinal que possa aparecer nessa direção; por exemplo um relâmpago, símbolo da Revelação, se considera um sinal particularmente favorável.

Me levantei no meio da noite e andei novamente até cada uma das quatro Direções, regressando sempre ao centro e enviando constantemente minha voz.

Logo antes de aparecer o luzeiro da manhã visitei novamente as quatro Direções, e quando cheguei ao lugar onde sai o sol, vi o luzeiro da manhã e observei que a princípio era vermelho; depois se tornou azul, depois amarelo e ao final vi que era branco; e nestas quatro cores discerni as quatro idades.

Mesmo assim esta estrela não me falou, mas mesmo assim, me ensinou muito.

Fiquei ali, esperando que saísse o sol, e no momento da aurora vi o mundo cheio de pequenos povos alados cheios de alegria.

Por fim, saio o sol, trazendo sua luz ao mundo; comecei então a implorar e retornei ao centro, e ali me deitei, deixando meu Chanumpa apoiado na vara central.

Enquanto me encontrava encostado ouvi a todo tipo de pequenos seres alados que estavam nas varas, mas nenhum deles me falou.

Olhei meu Chanumpa e vi duas formigas que caminhavam pela haste.

Quem sabe desejavam me falar, mas logo se foram.

Todo o tempo, enquanto implorava e enviava minha voz, se aproximavam pássaros e mariposas; uma vez uma mariposa branca veio a pousar no extremo da haste do Chanumpa, agitando suas belas asas.

Naquele dia não vi grandes quadrúpedes, só animais pequenos.

Logo antes do sol descer para ir repousar, vi que as nuvens se agrupavam, e vieram os Seres do Trovão.

O relâmpago enchia o céu e o trovão era aterrador, e creio que até me assustei um pouco.

Mas mantive mi Chanumpa levantado e segui enviando minha voz ao Grande Espírito, e logo ouvi outra voz que dizia: *Hi-ey-hey-i-i! Hi-eyhey- i-i!*

Quatro vezes o disse, e então perdi todo o medo, porque me recordei das palavras do pequeno pássaro e me senti cheio de coragem.

Ouvi também outras vozes que não pude compreender.

Ignoro quanto tempo fiquei ali com os olhos fechados.

Quando os abri, todas as coisas eram muito brilhantes, mais brilhantes ainda que durante o dia; e vi um grande número de homens que vinham para mim a cavalo, todos montavam cavalos de cores distintas.

Um dos cavaleiros se dirigiu a mim nestes termos:

Jovem, você oferece o Chanumpa ao Grande Espírito; nos alegramos muito que o faça!

Isto é tudo o que me disseram; depois desapareceram.

No dia seguinte, imediatamente antes de sair o sol, e enquanto visitava as quatro Regiões, vi o mesmo pequeno pássaro carpinteiro de cabeça vermelha; estava pousado na vara do lugar que nós voltamos sempre e me disse mais ou menos o mesmo que no dia anterior:

Amigo, esteja atento quando caminha!

Isto foi tudo; e pouco depois os dois ajudantes vieram me busca.

Isso é tudo quanto sei.

E digo a verdade e não inventei nada!

Assim é como o implorante termina seu relato.

O homem santo lhe dá seu Chanumpa, que ele abraça e faz circular.

Depois um ajudante o pega e o coloca, com a haste virada para o Oeste, no montinho sagrado, ao Leste da cabana.

São introduzidas mais pedras quentes; é fechada a porta e começa o *inipi*.

O homem santo se põe a rezar e agradece ao Grande Espírito:

Hi-ey-hey-i-i!, diz quatro vezes.

E depois: Ó Avô *Wakan Tanka*!

Hoje nos ajudou.

Foste misericordioso com este jovem ao lhe dar o conhecimento e um caminho que possa seguir.

Fizeste feliz a seu povo, e todos os seres que se movem no Universo se alegram!

Avô, este jovem Te ofereceu o Chanumpa ouviu uma voz que lhe dizia:

Esteja atento quando caminhar!

Deseja saber o que significa esta mensagem; agora deverá se explicar.

Esta mensagem quer dizer que deverá sempre se recordar de Ti, ó *Wakan Tanka*,

enquanto caminhar pele caminho sagrado da vida, e que deve prestar atenção a todos os sinais que nos deste.

Se sempre agir assim, se transformará em um homem sábio e será um guia para seu povo.

Ó *Wakan Tanka*. Ajude-nos a estar sempre atentos!⁶

Este jovem viu também as quatro idades nesta estrela do lugar onde sai o sol.

São as idades pelas quais devem passar todas as criaturas ao longo de sua viagem que vai do nascimento à morte.

Todos os povos e todas as coisas devem passar por estas quatro idades.

Ó *Wakan Tanka*, quando este jovem viu a aurora do dia, viu como tua luz vinha ao Universo; é a luz da sabedoria.

Revelas-te todas estas coisas porque tua vontade é que os povos do mundo não vivam nas trevas da ignorância.

Ó *Wakan Tanka*, Tu estabeleceste um parentesco com este jovem, e com este parentesco trará vigor a sua tribo.

Nós que estamos aqui sentados representamos a toda a nação e Te agradecemos, ó *Wakan Tanka*.

Elevamos agora as mãos para Ti e dizemos: Ó *Wakan Tanka*, agradecemos por este conhecimento e este parentesco que nos deste.

Seja sempre misericordioso conosco!

Que este parentesco exista até o fim.

⁶ A mensagem «Esteja atento!» expressa muito bem um estado de espírito característico dos índios; implica que em todo ato, em toda coisa, e em todo momento, o Grande Espírito está presente, e que se deve estar continua e intensamente «atento» à Presença divina. Esta presença de *Wakan Tanka* — e a consciência que dela se tem — é o que os santos cristãos denominaram «a vida no momento», ou «eterno agora», ou o que no Sufismo se designa com a palavra *waqt*, «instante», é dizer, «instantaneidade espiritual». Em lakota, esta presença é denominada *Taku Shkanshkan*..., o simplesmente *Shkan* na linguagem dos homens santos. Citemos a este respeito a conversação seguinte entre um homem santo lakota e J. R. Walkr: «Quem é o que faz cair as estrelas? *Taku Shkanshkan*... faz cair a tudo o que cai e se mover a tudo o que se move. Quando se faz um movimento, quem é o que lhe faz mover-se? *Shkan*. Quando se lança uma flecha com um arco, quem é o que faz que se movimente no ar? *Shkan* ... *Taku*

Shkanshkan dá o espírito ao arco e lhe faz lançar a flecha. Quem é o que faz subir a fumaça? *Shkan*. Quem é o que faz com que a água corra, em um rio? *Shkan*. Quem é o que faz que as nuvens se movam por cima do mundo? *shkan*. Alguns lakotas me disseram que este *Shkan* é o Céu; é assim? Se. *Shkan* é um Espírito, e o azul do céu é tudo o que a humanidade pode ver Dele, mas está em todas as partes? *Shkan é Wakan-Tanka?* Sim.» (*Anthropological Papers of the American Museum of National History*, vol. XVI, p. 11.)

Em seguida todos os homens cantam:

Avô ,me olhe!

Avô ,me olhe!

Ergui meu Chanumpa e Te ofereci

Para que meu povo viva!

Avô ,me veja!

Avô , me veja!

Te dou todas estas oferendas

Para que meu povo viva!

Avô ,me veja!

Avô ,me veja!

Nós, que representamos a toda a nação,

Nos oferecemos a Ti

Para que vivamos!

Depois deste canto se verte água sobre as pedras e se prossegue o *inipi* da maneira que já descrevi descrito.

Este jovem que implorou uma visão pela primeira vez se tornará quem sabe em um homem santo; se caminhar com o pensamento e o coração fixos no Grande Espírito e em seus Poderes, como lhe foi ensinado, andará certamente pelo caminho vermelho que conduz à bondade e à santidade.

Mas deverá implorar uma visão por uma segunda vez, e então os maus espíritos podem lhe tentar; mas se é realmente um eleito resistirá firmemente e vencerá a todos os pensamentos dispersantes; será purificado de todo o que é nocivo e poderá receber então alguma grande visão que dará vigor para a nação.

Se depois desta segunda lamentação ainda tiver dúvidas, deverá tentar uma terceira e ainda uma quarta vez; e se permanece sincero e se humilha frente todas as coisas, receberá ajuda com certeza, porque o Grande Espírito ajuda sempre aos que lhe imploram com o coração puro⁷.

⁷ Em nossos dias, alguns lakotas recorrem a um ritual diferente do que se descreve neste capítulo. As mulheres estabelecem o recinto sagrado no cume da montanha preparando primeiro um leito de salvia disposto em direção Oeste-Leste e que tem uma pedra como almofada; se colocam como oferendas umas flâmulas azuis, brancas, vermelhas e amarelas nas quatro esquinas, que formam um retângulo ao redor do leito; nestes paus se colocam a como oferendas umas bolsas de tabaco. Três largos cordões, em cada um dos quais se atam uma centena de saquinhos de tabaco, são colocados nas varas, do Sul ao Oeste, do Oeste ao Norte, e do Norte ao Leste, deixando assim aberto o lado Sul; então se crava no solo, a frente da almofada de pedra, um bastão de madeira de cerejeira que representa a árvore da vida e que tem uma pluma de águia na ponta. O implorante, que já jejuou todo o dia e que acaba de realizar os ritos de purificação, se aproxima então do lugar; ele e todas as pessoas presentes se viram para as quatro Regiões e oferecem uma reza apropriada a cada uma. Em seguida entra no recinto sagrado, com seu Chanumpa e vestido só com seu tapa sexo e uma manta; a cadeia de saquinhos de tabaco se fecha detrás dele e o implorante começa a se lamentar, pedindo ajuda ao Grande Espírito; e fica neste recinto, rezando sem cessar, durante um período que vai de um a quatro dias. Não é raro que lhe atem fortemente suas mãos, braços e pés, o que é uma forma de sacrifício extremadamente penosa, porque inclusive no verão as noites são muito frias no Estado de Dakota.

5

WIWANYAG WACHIPI:

A DANÇA DO SOL

A «dança que olha o sol» - *wiwanyag wachipi* - é um de nossos maiores rituais e foi instituído muitos invernos depois que nosso povo recebeu o Chanumpa da Mulher Bisão Branco.

É realizado todos os anos durante a lua da engorda (junho) ou a lua das cerejas que enegrecem (julho), sempre na lua cheia, porque o crescimento e a diminuição da lua nos recorda nossa ignorância que vai e vem; mas quando a lua está cheia é como se a Luz eterna do Grande Espírito estivesse estendida por todo o mundo.

Mas agora quero contar como este ritual chegou a nosso povo e como se realizou na origem.

Um dia, nosso povo acampava em um lugar propício, em círculo como sempre, e os anciãos estavam sentados celebrando o conselho; logo observaram que um de nossos homens, *Kablaya* - Aquele Que Se Estica -, havia deixado cair seu manto até a cintura e dançava só a certa distancia com as mãos erguidas para o céu.

Os anciãos pensaram que talvez estivesse louco e enviaram alguém para ver o que estava acontecendo; mas o enviado enrolou também o manto na cintura e começou a dançar com *Kablaya*.

Achando a coisa estranha, os anciãos foram ver por si mesmos.

Então *Kablaya* lhes explicou:

Faz muito tempo, o Grande Espírito nos disse como devíamos rezar com o Chanumpa sagrado; mas nós temos relaxado na prática da reza e nossa gente perde vigor.

Uma nova maneira de rezar acaba de me ser revelada em uma visão; o Grande Espírito veio em nossa ajuda.

Ao ouvir estas palavras, todos os anciãos exclamaram: *How!* e mostraram uma grande alegria.

Celebraram conselho e enviaram dois homens ao guardião do Chanumpa sagrado, a quem correspondia dar sua opinião sobre as questões deste gênero.

O guardião respondeu aos mensageiros dizendo que se tratava certamente de algo muito bom; porque nos foi prometido que teríamos sete maneiras de rezar ao Grande Espírito, e esta é seguramente uma delas, já que Aquele Que Se Estica recebeu instruções sobre ela em uma visão; pois bem, assim é como nos foi dito que receberíamos nossos ritos.

Os dois mensageiros transmitiram estas notícias aos anciãos, que pediram a Kablaya que lhes instruisse sobre o que teriam de fazer.

Ele disse então:

Esta será a Dança do Sol: não podemos fazê-la em seguida, pois devemos esperar quatro dias, que dedicaremos aos preparativos, tal como me foi ensinado em minha visão.

Esta dança será uma oferenda de nossos corpos e nossas almas ao Grande Espírito, e estará cheia de mistério.

Que se reúnam todos os nossos homens sábios e anciãos; que se construa um grande pavilhão e que se adorne seu interior com salvia.

Necessitamos também um Chanumpa e os seguintes objetos:

Um rolo de tabaco da tribo dos arikara; casca de salgueiro vermelho; erva aromática; uma faca de osso; um machado de pedra(sílex); medula de bisão; um crânio de bisão; uma bolsa de couro cru; uma pele curtida de bisão jovem; peles de coelho; plumas de águia; pintura de terra vermelha; pintura azul; uma pele sem curtir; plumas do peito de uma águia; apitos feitos de ossos de águia pintada.

Quando todos estes objetos rituais estavam reunidos, Kablaya pediu aos que sabiam cantar que fossem até sua casa naquela mesma noite para aprender os cantos revelados; avisou que também deviam trazer um grande tambor feito de pele de bisão, e também umas baquetas com a ponta recoberta de pele de bisão com o lado do pelo virado para fora.

Como o tambor é com freqüência o único instrumento que utilizamos em nossos ritos, deverei lhes explicar agora por que é particularmente venerável e importante para nós: é porque a forma redonda do tambor representa o Universo e seu toque regular e forte é o pulso, o coração que bate no centro do Universo.

É como a voz do Grande Espírito, e este som nos põe em movimento e nos ajuda a compreender o mistério e o poder de todas as coisas.

Naquela noite, os cantores, quatro homens e uma mulher, se juntaram a Aquele Que Se Estica, que lhes falou nestes termos:

Ó parentes meus, durante muito tempo temos enviado nossas vozes ao Grande Espírito.

Isto é o que Ele nos disse para fazer.

Lhe pedimos de muitas maneiras e graças a esta santa maneira de viver, nossas gerações têm aprendido a caminhar pelo caminho vermelho com passo firme.

O Chanumpa está sempre no centro de nossa nação e com ele o povo tem avançado e continuará avançando de uma maneira conforme ao mistério.

Neste novo rito que acabo de receber, um dos povos que estão sempre de pé foi escolhido para estar no nosso centro: é o *wagachun*, a árvore murmurante, o álamo; ele será nosso centro e também nossa tribo.

Esta árvore sagrada representará também o caminho do povo, porque, não se eleva a árvore desde a terra até o céu?¹.

Esta nova maneira de enviar nossas vozes ao Grande Espírito será muito poderosa; seu uso se difundirá, e todos os anos, durante esta estação, muita gente rezeará ao Grande Espírito.

Antes de ensinar os cantos sagrados, vamos oferecer o Chanumpa a nosso Pai e Avô *Wakan Tanka*.

Ó Avô e Pai *Wakan Tanka*, vamos cumprir tua vontade como nos ordenou em minha visão.

Sabemos que será uma maneira muito poderosa de enviar nossas vozes; que nossa nação receba, graças a ela, a sabedoria! que nos ajude a avançar pelo caminho sagrado com todos os Poderes do Universo!

Nossa reza será verdadeiramente a reza de todas as coisas, porque na realidade todas elas não são mais que uma.

Tudo isto foi visto em minha visão.

Que os quatro Poderes do Universo nos ajudem a realizar bem este ritual!

Ó *Wakan Tanka*, tenha piedade de nós!

Todos fumaram do Chanumpa e depois Kablaya se começou a lhes ensinar os cantos misteriosos.

Ao redor dos cantores se reuniram muitas outras pessoas, e Aquele Que Se Estica lhes disse que enquanto escutavam deviam gritar de vez em quando: Ó Avô *Wakan Tanka*, Te ofereço o Chanumpa para que meu povo viva!

O primeiro canto que ensinou o profeta era sem palavras; era uma simples melodia que se repetia quatro vezes com um forte retumbe de tambor.

As palavras do segundo canto eram as seguintes:

Wakan Tanka tenha piedade de nós, Para que nosso povo viva.

¹ No *Atharva Vêda Sanhitâ* das Escrituras hindus, o significado simbólico da árvore do mundo é de todo idêntico ao que tem a árvore entre os lakotas: «A árvore do mundo, cujo tronco é também a coluna do sol, o poste do sacrifício e o *axis mundi* que se eleva sobre o altar que há no umbigo da terra, penetra pela porta do mundo e se estende por cima d teto do mundo (*Atharva Veda Sanhitâ*, X, 7-21), como «a rama não existente (não manifestada) que nossos defuntos conhecem como ele Supremo».

O terceiro era assim:

Chega uma manada de bisões,

Já estão aqui!

Sua benção nos alcançará.

Já está conosco!

O quarto canto era uma melodia sem palavras.

Depois Kablaya ensinou aos homens o modo de utilizar os apitos de osso de águia que haviam trazido; lhes indicou, ainda, as coisas que deviam preparar e explicou o significado de cada objeto ritual:

Fareis um colar de pele de lontra nele colocará um aro com uma cruz inscrita.

Nos quatro pontos em que a cruz se junta com o aro se colocam umas plumas de águia que representarão os quatro Poderes do Universo e as quatro idades.

No centro do aro fixaras uma pluma arrancada do peito da águia, porque este é o lugar mais próximo ao coração da ave sagrada.

Esta pluma representará o Grande Espírito que mora nas profundidades dos Céus e que é o centro de todas as coisas.

Devem procurar apitos de osso de águia; e por uma pluma no extremo de cada um.

Ao soprar vossos apitos lembrem sempre de que é a voz da Águia Pintada e de que nosso Avô *Wakan Tanka* a ouve constantemente; devem compreender que é realmente sua própria voz.

Recortarão uma lua, em forma de quarto crescente, em uma pele sem curtir; a lua representa uma criatura e também todo o criado, porque todas as coisas criadas se fazem e se desfazem, vivem e morrem.

Devem compreender, também, que a noite representa a ignorância, mas que a lua e as estrelas trazem a luz do Grande Espírito a estas trevas.

Como sabem, a lua vai e vem, mas o sol vive sempre; ele é a fonte da luz, e por esta razão é semelhante ao Grande Espírito.

Recortarão em uma pele sem curtir uma estrela de cinco pontas.

Será a estrela sagrada da alma, que está entre a obscuridade e a luz, e que representa o Conhecimento.

Farão um círculo de pele sem curtir que represente o sol; estará pintado de

vermelho, mas o centro será um círculo azul, porque este centro, que é o mais íntimo, representa o Grande Espírito em seu aspecto de Avô nosso.

A luz deste sol ilumina a todo o Universo, e da mesma forma as chamas do sol nos chegam com a aurora, assim também desce sobre nós a Luz do Grande Espírito, que ilumina a todas as criaturas.

Esta é a razão pela qual os quadrúpedes e os seres alados se alegram quando aparece a luz.

Durante o dia podemos ver, e esta visão é algo profundo, porque representa a visão do Mundo real que podemos obter através do Olho do coração.

Ao levar este sinal misterioso durante a dança, recordamos de que trazemos luz ao Universo, e obterás um grande proveito se os concentrar nestes diversos significados.

Recortarão um redondo, que será pintado de vermelho e representará a Terra.

A Terra está cheia de mistério, porque nela colocamos os pés e dela enviamos nossas vozes ao Grande Espírito.

É parenta nossa e sempre que a chamamos Avó e Mãe devemos nos recordar dele.

Quando rezamos, levantamos a mão para o céu e depois tocamos o solo; por acaso nosso espírito não vem do Grande Espírito e nossos corpos da Terra?

Somos parentes de todas as coisas: a terra, as estrelas, todos elevamos a mão para o Grande Espírito e só rezamos a Ele.

Recortarão também um círculo em uma pele sem curtir e a pintarão de azul para representar o céu.

Quando dançar, levantarão a cabeça e a mão para o Céu, e o olharão, porque se fizerem isso, nosso Avô os verá.

Ele é o dono de tudo; não há nada que não lhe pertença, e por tanto só a Ele rezarão.

Por último, recortarão em uma pele sem curtir a forma de *tatanka*, o bisão: representa a nação, e também o Universo, e deve ser tratado sempre com respeito; não estava ele aqui antes que os povos bípedes, e acaso não se mostra generoso a nos proporcionar nossas tendas e nosso alimento?

O bisão é sábio em muitas coisas e, por isso, devemos aprender dele e saber sempre que estamos aparentados com ele.

Cada homem levará um destes símbolos sobre seu peito e será consciente de seu significado, tal como acabo de lhes explicar.

Neste grande ritual vocês irão oferecer vosso corpo em sacrifício em nome de toda a tribo; graças a vocês, a tribo ganhará em sabedoria e em força.

Sejam sempre conscientes destas coisas que hoje eu disse; são sagradas.

No dia seguinte teria de ser escolhida a árvore murmurante que devia levantar-se no centro do grande recinto;

Aquele Que Se Estica disse a seu ajudante que tipo de árvore devia buscar e para a marcar com salvia para que os guerreiros pudessem localizá-la e leva-la ao acampamento.

Lhes indicou também como teriam que delimitar o terreno ao redor da árvore sagrada, é nele que se construirá o pavilhão ritual da dança do sol, e como teriam que assinalar com ramos verdes a entrada do Leste.

Os exploradores, designados pelos homens santos, foram a escolher uma boa árvore; uma vez que o fizeram, regressaram ao acampamento e, depois de dar a volta no sentido do movimento do sol no local onde se construiria o pavilhão, se precipitaram para a entrada, tratando de lhe acertar um golpe.

Em seguida pegaram um Chanumpa e, depois de oferecê-lo para as seis Direções, juraram dizer a verdade.

Aquele Que Se Estica falou então aos homens:

Pegaram o Cachimbo santo; por conseguinte, devem nos contar verdadeiramente o que viram.

Sabem que ao longo da haste do Cachimbo há um caminho que vai direto ao centro e ao coração do Chanumpa; que vossos pensamentos sejam tão retos como este caminho.

Que vossas línguas não estejam, fendidas.

Se os envie para que encontrem uma árvore que será de muito proveito para nossa nação; nos contem, fielmente, o que foi encontrado.

Então o profeta fez quatro vezes um movimento circular com o Chanumpa e dirigiu a haste para o explorador que ia fazer o relato.

Subi uma colina e vi ali um grande número destes povos sagrados que estão sempre de pé.

Em que direção olhava, e o que viu atrás da primeira colina?

Estava de frente para o Oeste - respondeu o explorador -, continuei adiante e olhei mais além da segunda colina; e vi muito mais povos dos que estão sempre de pé que viviam ali.

O explorador foi interrogado desta maneira quatro vezes; como devem saber, todas as coisas boas são quatro vezes; além disso, quando vamos pelo caminho da guerra sempre interrogamos deste modo a nossos exploradores; pois bem, nós consideramos esta árvore como um inimigo a quem vamos matar².

Depois que os exploradores nos informaram, todos se vestiram como se fossem ir pelo caminho da guerra; depois saíram do acampamento como se fossem atacar um inimigo.

Muitos homens seguiram os exploradores, e quando estavam perto da árvore escolhida todos se juntaram ao seu redor.

Aquele Que Se Estica chegou por último com seu Chanumpa; ergueu a haste em direção para a árvore e falou assim:

Entre os numerosos povos que estão sempre de pé, ó álamo sussurrante, foi escolhido de uma maneira conforme ao mistério; ira ao centro sagrado da nação; representarás a tribo e nos ajudará a cumprir a vontade do Grande Espírito.

És uma árvore benévola e de bela aparência; os povos alados tem criado suas famílias sobre ti; em ti, desde a ponta de teus ramos altivos até tuas raízes, os povos alados e os quadrúpedes tem feito suas moradas.

Quando for levantada no centro do círculo sagrado será a nação, e será como o Chanumpa, estendido entre o céu e a terra.

Os débeis se apoiarão em ti e será um suporte para a tribo.

Com a ponta de teus ramos sustentará os dias sagrados vermelho e azul.

² Alce Negro nos explicou um dia que a árvore sagrada destinada à dança do sol é capturada como um inimigo pela razão seguinte: «Pouco tempo depois de que nos entregaram o Chanumpa sagrado, fugimos de caça e colhemos a cabeleira de um inimigo; fixamos esta cabeleira no Chanumpa para guardar assim uma alma em nosso centro, com o fim de que também os bípedes, junto com todos os demais seres do Universo, estivessem representados no Chanumpa. Em lembrança deste feito pegamos a árvore como se fosse um inimigo, porque, como vês, a árvore também vai agora a nosso centro como o fez a alma do inimigo morto. Os nossos não matavam jamais como o fazem os brancos; para nós era uma coisa sagrada e honrávamos grandemente aos mortos na batalha, inclusive quando eram inimigos» cremos que não é demais completar este relato de Alce Negro com esta explicação de origem omaha: «Meu filho viu uma árvore maravilhosa. As Aves do Trovão vão e vem ao redor desta árvore, e formam uma estrela de fogo que deixa atrás de si quatro caminhos de erva queimada que se estendem para os Quatro Ventos. Quando as Aves do Trovão pousam nesta árvore, esta estrala em chamas e o fogo ascende até a cúspide. A árvore arde, mas ninguém pode ver o fogo, salvo pela noite. A tribo deliberou sobre o que isto podia significar, e os chefes disseram: “Iremos busca-lo; ponham seus ornamentos e se preparem como se fossem ao combate.” Os homens se pintaram, colocaram seus adornos e foram em busca da árvore, que se achava perto de um lago. Se precipitaram para ele como se lhe atacassem, como se fosse um guerreiro inimigo. Todos correram. O primeiro a alcançar a árvore foi um ponca, e a golpeou como havia feito com um inimigo. Derrubaram a árvore, e quatro homens em fila a levaram sobre seus ombros até o povo.» (Fletcher and La Flesche, *The Omaha Tribe*, ano 27º, *Rep. Amer. Bur. Ethnol.*, pp. 217-219.)

Se levantará onde se cruzam os quatro caminhos de mistério, ali tu serás o centro dos grandes Poderes do Universo.

Que os homens sigam sempre teu exemplo, porque vemos como olhas constantemente para o céu.

Logo, com todos os povos do mundo, te levantará no centro; trará o bem a todos os seres e a todas as coisas. *Hechetu welo!*

O profeta ofereceu em seguida seu Chanumpa ao Céu e à Terra, com a haste tocou a árvore pelo lado Oeste, Norte, Leste e Sul; em seguida acendeu o Chanumpa e fumou.

Creio que devo explicar agora porque consideramos sagrado o álamo.

Para começar direi que, em tempos muito remotos, ele nos ensinou a construir nossas tendas cônicas, já que suas folhas são um modelo exato da *tipi*; aprendemos assim: uns anciãos observaram uns meninos que confeccionavam com estas folhas umas cabanas para brincar.

Isto é, também, um exemplo de que os adultos podem sempre aprender dos pequenos, porque os corações dos pequenos são puros; o Grande Espírito pode lhes mostrar muitas coisas que passam despercebidas aos maiores.

Outra razão pela que escolhemos o álamo para o colocar no centro de nosso pavilhão, é que o Grande Espírito nos ensinou que, ao cortar um membro superior desta árvore, aparece na fibra uma perfeita estrela de cinco pontas, a qual representa para nós a presença do Grande Espírito.

Quem sabe você já tinha notado que a voz do álamo é ouvida inclusive com a brisa mais tênue; compreendemos que isto é sua reza ao Grande Espírito³, porque não só os homens, mas todas as coisas e todos os seres rezam continuamente, ainda de formas diferentes.

Os chefes fizeram uma dança da vitória ao redor da árvore, cantando seus cantos de chefe, e enquanto cantavam e dançavam escolheram o homem que teria a honra de tocar a árvore com a lança⁴; este homem deve ter um bom caráter e tem que se ter mostrado valente frente o sacrifício de si mesmo no caminho da guerra.

Desta forma foram eleitos três mais, e cada um destes quatro homens se situou de um dos quatro lados da árvore, com o guia a Oeste.

³ Yalâl ed-Dîn Rûmî disse, falando dos demônios e o combate espiritual: «Há homens que dançam e giram no campo de batalha; neles uns músicos tocam os tambores: em seu êxtase, os mares estalam em espuma. Vocês não vêem, mas, para seus ouvidos, até as folhas das árvores batem palmas ...há que possuir o ouvido espiritual, não o do corpo.» (Yalâl ed-Dîn Rûmî, *Matnawi*.)

⁴ Esta lança ou vara servia para «contar golpes» (*to count coups*), é dizer, para tocar ao inimigo — não para o mata —, o qual era considerado como uma grande proeza.

Este último contou então suas façanhas guerreiras e quando terminou os homens o aclamaram e as mulheres lançaram trêmulos; depois ameaçou três vezes a árvore com seu *tomahawk*, e na quarta a golpeou.

Depois dele, os outros três bravos relataram por sua vez suas proezas na guerra, e quando terminaram golpearam a árvore do mesmo modo, e a cada golpe que davam as pessoas exclamavam: *Hi hey!*

Quando a árvore estava a ponto de cair, os chefes se misturaram com a multidão e elegeram uma pessoa de caráter tranqüilo e piedoso, que deu o último golpe na árvore; sua queda foi saudada com aclamações e as mulheres fizeram o trêmulo.

Foram tomadas grandes precauções para que ao cair, o tronco não tocasse o solo, e ninguém estava autorizado a passar por cima dele.

Em seguida, seis homens transportaram a árvore ao acampamento, mas, antes de chegar a ele se detiveram quatro vezes; depois da última parada imitaram o grito do coite, tal como fazem os combatentes que regressam do caminho da guerra; depois se precipitaram ao acampamento e depositaram a árvore sobre umas estacas - já que não deve tocar o solo - e com a base dirigida para o buraco que havia sido preparado, e a copa para o Oeste.

Ainda não se havia levantado o pavilhão ao redor da árvore, mas já estavam prontas todas as varas e o equipamento necessário para o construir.

Então Aquele Que Se Estica, junto contou os que iam participar na dança, se dirigiu a uma grande tenda; lhes deu instruções, e eles se prepararam para o ritual.

A tenda foi fechada completamente, e inclusive foram postas folhas ao redor de sua base.

Kablaya, profeta e grande homem santo, se encontrava sentado a Oeste.

Em primeiro lugar escavou o solo a sua frente e mandou colocar uma brasa naquele local; acendeu nela erva aromática e disse:

Queimamos esta erva para o Grande Espírito, a fim de que todos os povos bípedes e alados do Universo sejam parentes próximos.

E assim haverá muita felicidade.

Em seguida foi construído um pequeno modelo de secador de carne com três paus, dois aforquilhados cravados no solo e um reto posto encima, e os pintaram de azul; porque o secador de carne representa o céu, e nós rezamos para que nossos secadores estejam sempre tão cheios como os céus.

Logo, depois de purificar com a fumaça, se apoiou o Cachimbo no secador, porque desta forma representa nossas rezas; ela é o caminho que leva da terra ao Céu.

Todos os objetos que seriam utilizados na dança foram então purificados na fumaça da erva aromática: as figuras de pele, as pinturas, a pele de bezerro, as bolsas de couro; e também se purificaram os dançarinos.

Quando tudo isto estava feito, o grande homem santo levantou seu Chanumpa para o céu e rezou:

Ó Avô *Wakan Tanka*, Tu és o Criador de todas as coisas!

Tu foste sempre e será sempre.

Mostraste-te bom com teu povo, porque nos ensinou uma forma de rezar com o Cachimbo que nos deste; e agora me mostrou em uma visão a dança de mistério que ensinarei a meu povo.

Hoje queremos fazer tua vontade.

Em pé sobre esta Terra sagrada sobre a qual as gerações de nosso povo têm vivido, envio uma voz para Ti oferecendo este Cachimbo.

Me veja, ó *Wakan Tanka*, porque represento ao povo inteiro.

Neste Chanumpa quero colocar aos quatro Poderes e a todos os seres alados do Universo; junto com eles, que não serão mais que um só, quero Te enviar uma voz.

Veja-me e Ilumina meu pensamento com tua luz imortal!

Ofereço este Chanumpa ao Grande Espírito, primeiro contigo, ó Poder alado do lugar onde se põe o sol; há um lugar para ti neste Chanumpa: ajude-nos com estes dois dias, vermelho e azul, que santificam a nação!

Aquele Que Se Estica pegou então uma pitada de tabaco, e depois de mostrá-la ao Céu, à Terra e às quatro Regiões, a colocou no forninho; em seguida, ao mesmo tempo em que pronunciava as rezas que vou dizer, colocou no Chanumpa um pouco de tabaco para cada uma das demais Direções:

Ó Poder alado do lugar onde vive *Wazia*, vou oferecer este Chanumpa ao Grande Espírito: ajude-me com os dois dias bons, o vermelho e o azul, que Tu possuis – dias que purificam ao povo e ao Universo.

Há um lugar para Ti no Chanumpa, ajude-nos!

Ó Poder do lugar onde sai o sol, que dá o conhecimento e cuidas da aurora do dia, ajude-nos com teus dois dias vermelho e azul que dão a compreensão e a luz.

Há um lugar para Ti neste Chanumpa que vou, oferecer ao Grande Espírito ajude-nos!

Ó Poder santíssimo do lugar para onde sempre voltamos, Tu que és a fonte da vida, que guarda a nação e as gerações futuras, ajude-nos com teus dois dias vermelho e azul!

Há um lugar para Ti no Chanumpa.

Ó Águia Pintada do Céu, sabemos que possuis olhos penetrantes que vêem até o menor objeto que se move sobre a Avó Terra; Tu que está nas alturas do Céu e sabe tudo, ofereço este Chanumpa ao Grande Espírito! Nos ajude com teus dois dias bons vermelho e azul!

Ó Avó Terra, que está estendida sustentando a todas as coisas, sobre Ti se levanta um homem que oferece um Chanumpa ao Grande Espírito.

Tu estás no centro dos dois bons dias vermelho e azul, há um lugar para Ti no Chanumpa, nos ajude!

O profeta e grande homem santo colocou então um pouco de tabaco no Chanumpa para cada uma das aves seguintes: o papa-moscas, o peito vermelho, a cotovia, que cantam nos dois dias bons; o pássaro carpinteiro, o gavião, que faz a vida tão difícil aos demais povos alados; o falcão, a coruja, que sabe tudo; o melro, e muitos outros pássaros; de forma que todos os objetos da criação e as seis Direções do espaço foram introduzidos no forninho do Chanumpa; então ela foi selada com banha e medula de bisão, e apoiada no pequeno secador azul.

O profeta pegou então outro Chanumpa, o encheu e se dirigiu para onde repousava o árvore sagrada.

Trouxeram uma brasa, e a árvore e o buraco foram purificados com a fumaça da erva aromática.

Wakan Tanka! rezou Aquele Que se Estica elevando seu Chanumpa com uma mão, veja esta árvore misteriosa que logo será colocada nesse buraco!

Se erguerá junto com o Chanumpa sagrado; será o Chanumpa!

A toco com a cor vermelha poderosa de nossa Avó e com a banha do bisão quadrúpede, ao tocar este ser árvore com a terra vermelha, nos recordamos de que as gerações de tudo quanto se move provêm de nossa Mãe Terra.

Com tua ajuda, ó árvore, logo oferecerei meu corpo e minha alma al Grande Espírito, e comigo, em mim, ofereço meu povo e todas as gerações futuras!

O grande homem santo pegou então a pintura vermelha, a ofereceu às seis Direções e se dirigiu novamente a árvore sagrada:

Ó árvore, vai se colocar em pé, seja misericordiosa com meu povo para que, embaixo de ti, prospere!

Então pintou uma linha vermelha nos lados Oeste, Norte, Leste e Sul da árvore, e

fez na parte mais alta uma marca bem pequena para o Grande Espírito; em seguida colocou na base um pouco de pintura para a Mãe Terra.

Por último, pegou uma pele de bisão jovem e disse:

Nossa nação vive deste ser bisão; ele nos proporciona nossas tendas, nossas roupas, nosso alimento, tudo o que nos faz.

Ó jovem bisão, te dou agora um lugar sagrado encima da árvore.

Ela te terá em suas mãos e te elevará para o Grande Espírito.

Veja o que vou fazer!

Graças a ele, todas as coisas que se movem e que voam na terra e no céu serão felizes.

E levantou um pequeno broto de cereja e continuou rezando:

Veja isto, ó *Wakan Tanka*, porque é a árvore da nação e pedimos para que tenha fruto abundante.

Colocaram arvorezinha no álamo sagrado, logo abaixo da pele de bisão, assim como também um saquinho de pele de lontra que continha um pouco de sebo.

Kablaya levantou então as imagens de couro de bisão e de homem, e as oferecendo às seis Direções, pediu:

Veja, ó Avô, este bisão que nos deste; ele é o chefe de todos os quadrúpedes que há sobre nossa Mãe sagrada; a nação vêm dele, e com ele caminha pelo caminho de mistério.

Veja, também, ao homem que representa a tribo.

Eles são os dois chefes desta grande ilha; pedimos que lhes conceda todos os favores que te pedem, ó *Wakan Tanka*!

Estas duas imagens se colocam logo abaixo do lugar onde a árvore se bifurcou; em seguida o profeta levantou um saquinho de sebo - que será posto mais tarde embaixo da árvore - e rezou assim:

Ó Avô *Wakan Tanka*, veja este sebo sagrado sobre o que este ser árvore se levantará, que a terra seja sempre tão fértil e fecunda como este sebo!

Ó árvore, este dia é sagrado para ti e para todos os nossos; a terra deste círculo te pertence, ó árvore, e é aqui, debaixo de ti, onde vou oferecer meu corpo e minha alma por amor à tribos.

Aqui estarei te enviando minha voz, ó *Wakan Tanka*, com a oferenda do Chanumpa de mistério.

Tudo isto é sem dúvida muito difícil de fazer, mas deve se cumprir, pelo bem de todos.

Ajude-me, ó Avô, e me de valor e força para suportar os sofrimentos que me esperam.

Ó árvore, és agora admitida no pavilhão.

Entre muitas exclamações e trêmulos estridentes, a árvore foi posta em pé bem lentamente, porque os homens se detiveram quatro vezes antes de pô-la erguida e a deslizar para o buraco preparado para ela.

Todo o mundo, os bípedes, os quadrúpedes e os seres alados se alegraram; todos iam prosperar embaixo da proteção da árvore.

Ela nos ajudará a ir pelo caminho sagrado; podemos nos apoiar nela, e ela nos guiará e fortalecerá sempre.

Foi feita uma dança em torno da base da árvore, e se começou a construir o recinto a seu redor cravando um amplo círculo com vinte oito postes aforquilhados, encima de cada um dos quais foi posto uma vara que ia se unir com a árvore, situada no centro.

Devo explicar agora que, ao edificar o pavilhão da dança do sol, construímos realmente uma imagem do Universo; porque debes compreender que cada um dos postes representa algum objeto particular da criação, de forma que o círculo completo é a criação inteira, e a árvore única do centro, sobre ela que descansam as vinte oito varas, é o Grande Espírito, que constitui o centro de todas as coisas.

Tudo provêem Dele, e tudo regressa a Ele cedo ou tarde.

Tenho que dizer também por que empregamos vinte oito varas: já vos expliquei a razão dos números quatro e sete serem sagrados; se contar quatro vezes sete, obterá vinte oito.

A lua vive vinte oito dias, que formam nosso mês; cada um destes dias representa algo que para nós é sagrado.

Dois destes dias representam o Grande Espírito; outros dois Mãe Terra; quatro, os quatro Ventos; um dia, a Águia Pintada, outro o sol e outro a lua; há um dia para a Luz da aurora e quatro dias para as quatro idades; sete dias representam nossos sete grandes ritos, um dia o bisão, um dia o fogo, um o água, outro a rocha e, por último, um dia representa o povo bípede.

^s Falando propriamente, o ato espiritual não concerne ao indivíduo, mas sim a estado de existência do qual o ser singular é uma expressão, e *a fortiori* a Divindade da que é como um reflexo. Um ato tal implica sempre a consciência da indistinção entre o «eu» e o «próximo», e logo, em um grau mais elevado, a da indistinção entre o «nós» e o «Si mesmo».

Se somar estes dias, obterá um total de vinte oito.

Além disso, debes saber que o bisão tem vinte oito costelas, e que em nossos cocares de guerra empregamos normalmente vinte oito plumas.

Como vê, todas as coisas têm seu significado, e é bom saber e recordar disso.

Mas voltemos à dança do sol.

Os guerreiros se vestiram e se pentearam.

Entraram no recinto e dançaram ao redor da árvore central; deste modo o solo se purificava e se nivelava.

Os chefes se reuniram e escolheram os valentes, um dos quais ia ser o diretor da dança.

Estes homens escolhidos dançaram avançando primeiro para o Oeste e voltando ao centro, depois para o Norte e novamente ao centro, depois para o Leste e regressando outra vez ao centro,



Cabana da Dança do Sol

e finalmente para o Sul e de novo ao centro; deste modo fizeram um caminho em forma de cruz.

Mas antes de realizar a dança do sol, os homens tinham que se purificar na cabana de suar.

O profeta entrou em primeiro lugar na cabana do *inipi* com o Chanumpa já carregado, e se sentou a Oeste; os demais homens que iam participar na dança entraram em seguida, evitando passar pela frente dele; a última a entrar foi uma mulher, que se sentou perto da porta.

Todas as roupas de pele de bisão que seriam usadas na dança foram colocadas encima da cabana do *inipi*, porque assim se purificariam.

As cinco pedras aquecidas que representavam às cinco Direções foram então introduzidas e colocadas sobre o altar em seu lugar respectivo, depois do qual se pos no caminho ritual uma sexta pedra.

Aquele Que Se Estica pegou o Chanumpa que devia servir para a dança; mas para o ritual de *inipi* se encheu um segundo Chanumpa, que foi dado ao grande homem santo para que o benzer e o acender.

Este Cachimbo foi fumado de maneira ritual, e depois de purificado a levaram para fora da cabana. Se fechou a porta; era o momento em que o profeta explicaria ao povo sua visão:

Parentes meus, me escutem todos!

O Grande Espírito tem sido bom conosco e nos estabeleceu em uma terra sagrada; nela estamos sentados agora.

Acabam de ver as cinco pedras colocadas no centro, e esta sexta pedra que foi posta no caminho representa a nação.

Para o bem de todos nós, o Grande Espírito me ensinou em uma visão uma maneira de adoração que vou lhes ensinar.

Os céus são sagrados, porque neles vive nosso Avô, o Grande Espírito; estes céus são como um manto para o Universo; este manto está agora sobre mim, que estou aqui frente vocês.

Ó *Wakan Tanka*, Te mostro o círculo de nossa nação, este círculo que está aqui e nele há uma cruz; esta cruz é levada por um de nós sobre o peito.

E Te mostra a Terra que Tu fizeste e que fazes sem cessar; está representada por este círculo vermelho que levamos.

Também levamos a luz inextinguível que muda a noite em dia, a fim de que esteja entre os nossos e eles possam ver.

Te mostro também o luzeiro do alvorecer, que nos dá o conhecimento.

O bisão quadrúpede que puseste aqui abaixo antes que os bípedes estivessem conosco.

E igualmente está aqui a mulher celeste que veio a nós de um modo tão misterioso.

Todos estes povos e estas coisas, que são santas, escutam neste momento o que digo.

Logo, junto com meus parentes que se encontram aqui, sofrerei e suportarei grandes penas em favor de meu povo.

Em meio das lágrimas e o sofrimento elevarei meu Chanumpa e lançarei minha voz para Ti, ó *Wakan Tanka*!

Oferecerei meu corpo e minha alma para que meu povo viva.

Ao Te enviar minha voz, ó *Wakan Tanka*, utilizarei o que une a Ti às quatro Regiões, ao Céu e à Terra.

Tudo quanto no Universo se move, os quadrúpedes, os insetos, os seres alados, se alegram e nos ajudam, a mim e a minha tribo.

E entoou um canto de mistério:

Ouçó vir ao sol, a luz de mundo,

Vejo seu rosto enquanto chega,

Faz felizes aos seres da terra, e eles se alegram,

Ó Wakan Tanka, Te ofereço este manto de luz!

O Chanumpa que seria usado na dança foi então envolto em salvia e a mulher o tirou da cabana; o levou pele caminho sagrado para o Leste e o colocou encima do crânio de bisão, cuidando que a haste ficasse dirigida para o Leste.

A mulher ficou fora da cabana de suar e ajudou a abrir e fechar a porta.

O *inipi* começou então da maneira que já descrevi.

Depois de se fechar a porta pela segunda vez, o profeta rezou assim:

Avô *Wakan Tanka*, nos veja!

O Chanumpa sagrado que nos deste e com o que temos criado a nossos filhos logo irá ao centro do Universo, junto com o bisão que ajudou a fortalecer nossos corpos.

A mulher de mistério que veio nos tempos antigos ao centro de nosso círculo voltará a nosso centro; e um homem que sofrerá por seu povo irá igualmente ao centro.

Ó *Wakan Tanka*, que quando estivermos todos no centro, não tenhamos em nossos pensamentos e em nossos corações mais que a Ti!

E cantou então outro canto que havia recebido em sua visão:

O ouço vir. Vejo seu rosto.

Teu dia és sagrado. Eu Te ofereço.

O ouço vir. Vejo seu rosto.

Naquele dia sagrado, Insiste em me rodear o bisão.

Fizeste um dia feliz para o mundo.

⁶ Se trata da tira de couro sem curtir que vai da árvore central ao peito do dançarino.

Eu Te ofereço todas as coisas.

Em seguida foi derramada água sobre as pedras ardentes enquanto o grande homem santo rezava:

Ó *Wakan Tanka*, neste momento nos purificamos para ser dignos de elevar nossas mãos para Ti!

Então, levantando sua mão direita, todos os homens cantaram:

Avô, Te envio uma voz.

Avô, Te envio uma voz.

Junto com todo o Universo, Te envio uma voz.

Para que eu viva.

Quando se abriu a porta pela terceira vez, os homens puderam beber um pouco de água, mas esta foi a única vez durante todo o ritual que lhes foi permitido fazê-lo.

Enquanto os homens recebiam a água, o profeta lhes disse:

Vos dou a água, mas lembrem-se Daquele que, no Oeste, guarda as águas e também o mistério de todas as coisas.

Vão beber água, que é vida; não despedissem uma só gota.

Quando terminar, levante a mão para dar graças ao Poder do lugar em que se põe o sol; ele os ajudará a suportar os sofrimentos que vais experimentar.

Se fechou a porta pela última vez, e de novo todos os homens cantaram, enquanto o calor e o vapor os purificava, e quando ao final se abriu a porta todos saíram conduzidos pelo profeta e levantaram a mão para as seis Direções dizendo: *Hay ho! Hay ho! Pilamaya ye!*

Cada um dos dançarinos tinha um ajudante encarregado de retirar de encima da cabana de suar uma das peles de bisão purificadas e de colocá-la ao redor do seu corpo.

Kablaya pegou então seu Chanumpa, que descansava sobre o crânio do bisão, e voltou com todos os homens ao grande *tipi* onde haviam se reunido antes da consagração da árvore e antes do ritual do *inipi*.

O grande homem santo deixou seu Chanumpa apoiado no pequeno secador que havia sido pintado de azul para representar o céu.

Colocou erva aromática sobre uma brasa e todos se purificaram na fumaça sagrada.

Ato seguido, ao tempo que benzia e purificava o tambor e as baquetas, o profeta disse:

Este tambor é o bisão e irá ao centro.

Tocando o tambor com estas baquetas, é certo que venceremos nossos inimigos.

Todos as roupas e apetrechos foram purificados, assim como os quatro crânios de bisão que um dos homens irá levar cravados em sua carne até que se desprenda.

O profeta explicou aos homens que seus corpos purificados eram agora sagrados e nem sequer podiam ser tocados por suas próprias mãos.

Em consequência os dançarinos deviam levar no cabelo uns palitos com os quais se coçariam, se fosse necessário, e que utilizariam para se pintar com a pintura de terra vermelha.

Kablaya colocou ao redor do pescoço o círculo de couro pintado de azul que representava o Céu, e os demais levaram cada um, um símbolo diferente: o círculo com a cruz, o da terra vermelha, o sol, a lua, o luzeiro da aurora, o bisão; a mulher levava o Chanumpa, já que representava a Mulher Bisão Branco.

Assim mesmo, os homens se puseram peles de coelho sobre os braços e as pernas, porque o coelho representa a humildade, por ser manso, doce e sem presunção, qualidade que todos devemos possuir quando vamos ao centro do mundo.

Por último, os homens se colocaram plumas no cabelo, e uma vez terminados os preparativos o profeta lhes explicou o que tinham que fazer quando estivessem no pavilhão da dança sagrada.

Quando formos ao centro do círculo, todos derramaremos lágrimas, porque devemos saber que tudo o que entra, mediante o nascimento, neste mundo que vêem em nosso redor, deve sofrer e suportar dores.

Agora vamos sofrer no centro do círculo sagrado, e por fazê-lo, que tomemos sobre nós uma grande parte do sofrimento de nosso povo!

Cada homem declarou então que sacrifício sofreria e o profeta expressou seu voto em primeiro lugar:

Sujeitarei meu corpo às correias do Grande Espírito que descem até a terra.

Esta será minha oferenda.

Devo dizer aqui que a carne representa a ignorância e, por conseguinte, quando dançamos e nossa carne desgarrada se desprende das correias, é como se nos liberássemos dos laços da carne.

Acontece o mesmo quando se doma um potro: a princípio o cabresto é indispensável, mas quando o potro está domado a corda já não é necessária.

Também nós somos como potros quando começamos a dançar, mas logo ficamos dominados e cometidos ao Grande Espírito.

O segundo dançarino disse:

Quero unir-me aos quatro Poderes do mundo que o Grande Espírito estabeleceu.

Neste caso o dançarino estará situado efetivamente no centro, porque se encontrará em meio a quatro postes e o lado direito de seu peito se sujeitará ao poste do Leste, e lado esquerdo ao poste do Norte, o ombro direito ao poste do Sul e o ombro esquerdo ao poste do Oeste.

Dançará nesta posição até que as quatro correias se desprendam de sua carne.

O terceiro dançarino fez seu voto:

Quero levar quatro de meus parentes mais próximos, o antigo bisão.

O dançarino quer dizer com isso que se fixarão quatro correias a sua espalda, as quais se colocarão quatro crânios de bisão; estas quatro ataduras representam os puxões da ignorância: esta deverá estar sempre detrás de nós, visto que devemos nos girar para a luz da verdade que está frente a nós.

O quarto dançarino disse:

Quero deixar doze pedaços de minha carne ao pé da árvore sagrada.

Um é para nosso Avô *Wakan Tanka*, ouro para nosso Pai *Wakan Tanka*, um terceiro para nossa Avó, a Terra, e um quarto para nossa Mãe, a Terra.

Quero deixar quatro pedaços de carne para os Poderes das quatro Direções, abandonarei outro para a Águia Pintada, outro para o Luzeiro da aurora, outro para a lua e, por último, outro para o Sol.

O quinto dançarino disse:

Quero fazer uma oferenda de oito pedaços de minha carne: dois serão para o Grande Espírito, dois para a Terra, e quatro para os Poderes das quatro Direções.

O sexto dançarino disse:

Quero abandonar na árvore sagrada quatro pedaços de minha carne: um será para o Grande Espírito, outro para a Terra sobre a que caminhamos, um para a nação, a fim de que caminhe com passo firme, e um para os povos alados do Universo.

O sétimo dançarino disse:

Quero deixar um pedaço de minha carne para o Grande Espírito e outro para a Terra.

O oitavo dançarino, que era a mulher disse:

Quero oferecer um pedaço de minha carne ao Grande Espírito e em favor de todas as coisas que se movem no Universo, para que elas dêem seus poderes à tribo, a fim de que esta avance com seus filhos pelo caminho vermelho da vida.

Quando terminaram de se pronunciar, o grande homem lhes disse que se purificariam salpicando o rosto e todo o corpo com salvia, porque vamos nos aproximar agora do lugar sagrado onde se lança a árvore; a árvore é também o Chanumpa que se estende desde o céu até a terra.

Temos de ser dignos de ir a este centro.

Todos os membros da tribo haviam se reunido ao redor do pavilhão de mistério; no interior, ao sul, estavam os cantores junto com as mulheres que lhes ajudavam, e todos levavam coroas de folhas na sua frente e tinham nas mãos raminhos de plantas sagradas.

Então chegaram os dançarinos conduzidos pela mulher que levava o Chanumpa e seguidos pelo profeta que levava o crânio de bisão, e ao final desta fila vinham os ajudantes com todos os apetrechos.

Caminharam lentamente ao redor do pavilhão imitando o movimento do sol e chorando lastimosamente sem cessar:

Ó *Wakan Tanka*, tenha misericórdia de mim para que meu povo viva!

É por ele que me sacrifico!

Enquanto os dançarinos cantavam desta forma, os demais choravam, porque eles eram a nação pela qual os dançarinos iam sofrer.

Estes entraram no pavilhão do sol e se colocaram a Oeste.

O profeta colocou o crânio de bisão entre os dançarinos e a árvore sagrada, com o osso nasal dirigido para o Leste; a sua frente colocou os três bastões pintados de azul, e sobre este cavalete a mulher colocou o Chanumpa.

Então os cantores entoaram um dos cantos inspirados:

Wakan Tanka, tenha misericórdia de nós!

Queremos viver!

Esta é a razão por que fazemos isto.

Dizem que vem uma manada de bisões;

Já estão aqui.

O Poder do bisão vem a nós;

Já está aqui!

Quando o canto cessou, todos romperam em pranto; e durante o resto do dia e toda a noite dançaram.

Esta dança da primeira noite representa o povo perdido na obscuridade da ignorância; porém não são dignos de se encontrar com a luz do Grande Espírito, que brilhará sobre eles quando chegar o dia seguinte; devem sofrer e se purificar antes de serem dignos de morar no Grande Espírito.

No último momento, antes da aurora, a dança se deteve e então os dançarinos ou seus parentes depositaram oferendas fora do pavilhão, no lugar correspondente a cada uma das quatro Regiões.

Com a aurora, os dançarinos voltaram a entrar no pavilhão, e o guardião do Chanumpa sagrada ia com eles; o profeta lhe havia pedido que construísse o altar sagrado, mas aquele homem venerável respondeu:

Tu tiveste a visão, *Kablava*, e a ti corresponde fazer o altar; mas eu estarei a teu lado, e quando você terminar oferecerei a reza.

E assim foi como o profeta e grande homem santo dispôs o local sagrado; primeiro traçou no solo, a sua frente, um círculo, em cujo centro depositou uma brasa⁷; em seguida, colhendo algumas ervas aromáticas e erguendo-as sobre sua cabeça, rezou:

Ó Avô *Wakan Tanka*, esta é tua erva misteriosa, que ponho no fogo; sua fumaça se estenderá por todo o mundo e chegará também até o céu; os povos quadrúpedes e alados e todas as coisas saberão que o é esta fumaça e se alegrarão.

Que esta oferenda ajude a estabelecer um parentesco entre todas as coisas, todos os seres e nós!

Que todos eles nos dêem seus poderes para que possamos suportar os sofrimentos que nos esperam.

Veja, ó *Wakan Tanka*, ponho esta erva aromática no fogo e a fumaça se elevará para Ti.

⁷ Esta brasa foi tirada de um fogo que tem estado ardendo durante toda a noite anterior, e que arderá todas as noites enquanto dure a dança. Está situado ao Leste, fora do pavilhão, e, segundo Alce Negro, se mantém aceso para recordar a eterna presença de *Wakan Tanka*. Durante o dia este fogo não é necessário, porque já está o sol para recordar esta presença

Enquanto punha a erva no fogo cantou este canto de mistério:

Faço fumaça sagrada;

Desta maneira faço fumaça;

Que todos os povos a vejam!

Faço fumaça sagrada;

Que todos estejam atentos e vejam!

Que os seres alados e os quadrúpedes

Estejam atentos e a vejam!

Desta maneira faço fumaça;

Em todo o Universo se alegrarão!

A faca destinada a cortar o peito dos dançarinos foi então purificada na fumaça, assim como uma pequena machadinha de pedra e um pouco de terra.

Aquele Que Se Estica pode então fazer o altar, mas antes rezou:

Ó Avô, *Wakan Tanka*, quero agora converter isto em um lugar sagrado.

Quando fizer este altar, todas as aves do ar e todas as criaturas da terra se alegrarão e aparecerão de todas as direções para contemplá-lo.

Todas as gerações de meu povo se alegrarão.

Este lugar será o centro dos caminhos dos quatro grandes Poderes.

A aurora do dia verá este lugar santo.

Quando tua luz aparecer, ó *Wakan Tanka*, tudo quanto se move no Universo se alegrará.

Depois de ser oferecida ao Céu e à Terra, se colocou uma pitada de terra purificada no centro do local ritual.

Outro pouco mais foi oferecido ao Oeste, ao Norte, ao Leste e ao Sul, e depositado no lado Oeste do círculo; da mesma forma, se colocou terra nos lugares das demais direções e depois se esparramou por todo o círculo por igual.

Esta terra representa aos bípedes, os quadrúpedes, os seres alados e tudo o que há no Universo.

Então o grande homem santo começou a construir o altar neste local sagrado: pegou primeiro um bastão, o dirigiu para as seis Direções e depois, abaixando-o para o solo, traçou um pequeno círculo no centro; este círculo indica a morada do Grande Espírito.

Em seguida, depois de haver dirigido novamente o bastão para as seis Direções, traçou uma linha desde o Oeste até a borda do círculo; e do mesmo modo traçou uma linha desde o Leste até a borda do círculo, e repetiu a operação desde o Norte e o Sul.

Construindo o altar desta maneira vemos que todo conduz, e regressa, ao centro; e este centro que está aqui, e que sabemos se encontra em todas as partes, é o Grande Espírito.

Kablaya recolheu então um pequeno maço de salvia e, o ofereceu ao Grande Espírito, e rezou:

Ó *Wakan Tanka*, Nos veja! O mais próximo aos bípedes, o chefe dos quadrúpedes, é *tatanka*, o bisão.

Eis aqui seu crânio seco; ao vê-lo, sabemos que também nós nos converteremos em crânios e esqueletos, e deste modo caminharemos juntos pelo caminho de regresso ao Grande Espírito.

Quando chegarmos ao final de nossos dias, seja misericordioso com nós, ó *Wakan Tanka*!

Aqui, na terra, vivemos com o bisão e lhe estamos agradecidos por ele, porque ele nos dá nosso alimento e faz bem ao povo.

Por esta razão, dou agora erva a nosso parente o bisão.

Fez então um pequeno leito de salvia ao Leste do altar e, trazendo o crânio pelos chifres e olhando o Leste, rezou:

Dou erva ao bisão;

Que o povo o contemple

Para que viva!

Depois, girando e levantando o crânio para o Oeste, o grande homem santo rezou:

Dou tabaco ao bisão;

Que o povo o contemple

Para que viva!

Virando para o Norte, rezou:

Dou uma roupa ao bisão;

Que o povo o contemple

Para que viva!

E, voltando-se para o Sul, rezou:

Dou pintura ao bisão;

Que o povo o contemple

Para que viva!

Então, de pé sobre a salvia, rezou:

Dou água ao bisão;

Que o povo o contemple

Para que viva!

Em seguida, o crânio de bisão foi colocado no leito de salvia, olhando ao Leste, e Kablaya lhe colocou umas bolinhas de salvia nas órbitas; depois atou um saquinho de tabaco no chifre que apontava ao Sul, e um pedaço de pele de gamo no chifre que apontava ao Norte, porque esta pele representa a roupa oferecida ao bisão.

Em seguida pintou uma linha vermelha ao redor da cabeça e outra linha vermelha que ia desde a frente ao osso nasal, e enquanto o fazia, disse:

Ó bisão, você é a Terra.

Que compreendamos isto e tudo o que é feito aqui! *Hechetu welo!* Está bem!

Quando terminaram as oferendas ao bisão, os dançarinos deram à volta no pavilhão e se detiveram na entrada, olhando o Leste para saudar ao sol do amanhecer.

Veja estes homens, ó *Wakan Tanka*», pediu o grande homem santo levantando a mão direita, o rosto da aurora encontrará seus rostos; o dia que chega sofrerá com eles.

Será um dia sagrado, porque Tu, ó *Wakan Tanka*, está aqui presente!

Então, no preciso momento em que o sol começou a despontar, os dançarinos cantaram uma melodia inspirada sem palavras, e o profeta entoou um de seus cantos de mistério:

O Pai se levanta!

A luz do Grande Espírito está sobre meu povo;

Volta brilhante a toda a terra.

Meu povo é feliz agora!

Todos os seres que se movem se alegram!

Enquanto os homens cantavam sem palavras e o profeta cantava as fórmulas sagradas, todos dançavam, e ao fazê-lo se movimentavam de maneira que seus rostos olhavam ao Sul, depois ao Oeste, ao Norte, para se deter novamente no Leste, olhando esta vez para a árvore sagrada.

Os cantos e os toques de tambor cessaram e os dançarinos foram se sentar ao Oeste do pavilhão, nos leitos de salvia que lhes haviam sido preparados.

Os ajudantes salpicaram os corpos dos dançarinos para tirar a pintura e depois colocaram sobre suas cabeças coroas de salvia e plumas de águia; as mulheres fizeram o mesmo em seus cabelos.

Durante toda a dança do sol levamos coroas de salvia na cabeça, porque é sinal de que nossos pensamentos e nossos corações estão perto do Grande Espírito e de seus Poderes, já que a coroa representa as coisas celestes, as estrelas e os planetas, que estão cheios de mistério.

Kablaya indicou então aos homens como deviam se pintar: a parte superior do corpo, a partir do ventre, de vermelho, e o rosto também de vermelho; o vermelho representa, tudo o que é sagrado, e especialmente a Terra; assim, porque, devemos recordar de que nossos corpos vêm da Terra, e de que voltarão a ela.

Temos que pintar um círculo negro ao redor do rosto, porque este círculo nos ajuda a recordar do Grande Espírito, que, como o círculo, não tem fim.

Como eu disse a pouco, há muito poder e o círculo; os pássaros o sabem, visto que voam em círculo e constroem seus ninhos nesta forma; também os coiotes o sabem, porque vivem na terra em buracos redondos.

Deve se traçar uma linha negra da testa até entre as sobrancelhas, e outra linha em cada bochecha, assim como no queixo: estas quatro linhas representam os quatro Poderes das quatro Direções.

Pintam-se, também, raias negras ao redor da munheca, do cotovelo, da parte superior do braço e dos tornozelos; deveis saber que o negro é a cor da ignorância, e portanto estas raias são como os laços que nos atam à terra.

Devemos observar, também, que estas raias partem da terra não sobem mais acima dos seios, porque é ali onde as correias estão presas ao corpo; estas correias são como raios de luz do Grande Espírito.

Assim, quando tiramos estas correias até nos desprender delas, é como se o Espírito fosse liberado de nossos corpos obscuros.

Quando se executou esta dança pela primeira vez, todos os homens iam pintados de esta maneira, e é desde uma época recente que cada dançarino vai pintado de um modo diferente segundo a visão que possa ter tido.

Quando todos terminaram de se pintar, os dançarinos se purificaram com a fumaça da erva aromática e colocaram os diversos símbolos que já descrevi.

O dançarino que havia feito voto de carregar os quatro crânios de bisão levava uma forma de bisão sobre o peito, e na cabeça uns chifres feitos com salvia.

Quanto os preparativos haviam terminado, os dançarinos se situaram ao pé da árvore sagrada, a Oeste; e, olhando a copa da árvore, levantaram a mão direita e tocaram seus apitos de osso de águia; enquanto, o grande homem santo rezou:

Ó Avô *Wakan Tanka*, inclina-te e dirige-me uma olhada quando elevo a mão para Ti.

Veja aqui os rostos de meu povo.

Tu vês os quatro Poderes do Universo e nos viu agora em cada uma das quatro Direções.

Viste o lugar sagrado e o centro que estamos fixados, e onde vamos sofrer.

Te ofereço todo meu sofrimento pelo bem de meu povo.

Há um bom dia a minha frente, visto que estou frente a Ti, e isto me aproxima Ti, ó *Wakan Tanka*!

É Tua luz a que vem com a aurora e a que atravessa os céus.

Estou de pé sobre tua Terra sagrada.

Tenha misericórdia de mim, oh *Wakan Tanka*, para que meu povo viva!

§ Os sioux também pintam de negro seus rostos por ocasião da dança que se executa quando regressam do caminho da guerra, porque, como dizia Alce Negro: «Sabemos que indo pelo caminho da guerra fazemos algo mau e desejamos ocultar nossos rostos de *Wakan Tanka*.»

Então todos os cantores se puseram a cantar em coro:

Ó Wakan Tanka!

Tenha misericórdia de mim!

Faço isto para que meu povo viva!

Os dançarinos giraram em círculo para o Leste, olhando para a copa da árvore, a Oeste; e, levantando as mãos, cantaram:

Nosso Avô *Wakan Tanka* me deu um caminho que é sagrado.

Indo agora para o Sul e olhando para o Norte, os dançarinos tocaram seus apitos de osso de águia, enquanto os outros cantavam:

Vem um bisão, dizem;

Já está aqui!

O Poder do bisão vem;

Já está sobre nós!

Durante este canto, os dançarinos se movimentaram em círculo para o Oeste e ficaram frente ao Leste tocando sem descanso seus estridentes apitos de osso de águia.

Depois foram ao Norte e ficaram de frente ao Sul, e finalmente foram novamente ao Oeste e ficaram de frente ao Leste.

Então todos os dançarinos romperam em soluços; o profeta recebeu uma correia e dois alfinetes de madeira, foi ao centro e, inclinando-se frente a árvore sagrada, soluçou:

Ó *Wakan Tanka*, tenha misericórdia de mim!

Faço isto para que meu povo viva!

Chorando continuamente, foi ao Norte e dali deu a volta completa ao recinto, se detendo em cada um dos vinte oito postes.

Levando consigo seus alfinetes e suas correias, os dançarinos fizeram como ele, e quando todos estavam no Norte, de frente ao Sul, o profeta foi novamente ao centro e tocou com as duas mãos a árvore sagrada.

Enquanto os cantores e os tambores aceleravam o ritmo de seus cantos e batidas, os ajudantes se levantaram de um salto, agarraram rudemente ao grande homem santo e o lançaram ao solo; um deles tirou a pele do seio esquerdo do grande homem santo e cravou nele um bastãozinho afiado, e fez o mesmo com o seio direito.

A larga correia de couro cru foi fixada pelo meio ao redor da árvore sagrada, perto do cume, e seus dois extremos foram atados nos alfinetes cravados no peito de Aquele Que Se Estica.

Os ajudantes lhe colocaram em pé rudemente; começou a tocar seu apito de osso de águia e, inclinado para trás e sustentado por suas correias, se pos a dançar.

Dançará nesta posição até que as correias se desprendam de sua carne.

Quero lhes explicar agora por que utilizamos duas correias que, para dizer a verdade, não são mais que uma bem larga, colocada no centro da árvore e feita com uma tira de pele de bisão cortada circularmente.

Isto deve nos recordar que, se bem parece que haja duas correias separadas, estas não são em realidade mais que uma só: só o ignorante vê como múltiplo o que realmente é único.

Esta verdade da unidade de todas as coisas podemos compreender um pouco melhor participando deste ritual e oferecendo nós mesmos em sacrifício.

O segundo dançarino foi ao centro e, da mesma forma que o profeta, abraçou a árvore e rompeu em soluços.

Os ajudantes se precipitaram sobre ele e, depois de o atirar rudemente ao solo, perfuraram seus seios e sua espalda direita e esquerda; cravaram em sua carne umas agulhas de madeira as quais ataram quatro correias curtas.

Este valente foi então atado entre quatro postes, tão fortemente que não podia se mover para nenhum lado.

Primeiro chorou, não de dor como um menino, mas porque sabia que sofria por seu povo e compreendia a santidade da união em seu corpo das quatro Direções, em cujo centro se convertia realmente.

Elevando as mãos para o céu e tocando seu apito, este homem ia dançar até que as correias saíssem de sua carne.

O terceiro dançarino, o que queria levar quatro crânios de bisão, foi ao centro e, depois de abraçar a árvore sagrada, foi a sua vez derrubado e posto de cara ao solo; lhe cravaram quatro bastõezinhos que atravessaram a carne de sua espalda onde colocaram os quatro crânios de bisão.

Os ajudantes se asseguraram de que os crânios estavam presos firmemente; depois deram o apito de osso de águia ao dançarino, que o tocou sem cessar enquanto dançava.

Creio que compreendem até que ponto isto era doloroso para ele, porque a cada movimento os chifres pontiagudos dos crânios penetravam sua pele, mas naqueles tempos nossos homens eram valorosos e não mostravam o menor sinal de sofrimento; estavam realmente contentes de sofrer pelo bem de todos.

Parentes e amigos se aproximavam às vezes dos dançarinos e dançavam a seu lado para lhe dar forças, uma moça que amava a um deles pegava uma erva que havia mastigado e a punha na boca deste dançarino para lhe dar forças e acalmar sua sede.

A batida dos tambores, os cantos e a dança nunca paravam, e se podia ouvir, dominando aos demais sons, o som agudo dos apitos de osso de águia.

O quarto homem, o que havia formulado o voto de dar doze pedaços de sua carne, avançou e se sentou ao pé da árvore, ao que acariciou com as duas mãos; os ajudantes pegaram uma agulha talhada em um osso e em diversos lugares levantaram a carne, da que cortaram seis pedacinhos no lado direito e outros seis no lado esquerdo.

Esta carne foi deixada como oferenda ao pé da árvore, e o homem se pos em pé e se juntou à dança com os demais.

De igual modo, o quinto dançarino sacrificou oito pedaços de sua carne; o sexto deu quatro da sua e o sétimo sacrificou dois.

Por último, a mulher abraçou a árvore, se sentou e disse entre lágrimas:

Pai *Wakan Tanka*, neste único pedaço de carne me ofereço a Ti, a teus Céus, ao Sol, à Lua, ao Luzeiro da Aurora, aos quatro Poderes e a todas as coisas.

Continuaram dançando, e as pessoas aclamavam ao profeta, lhe dizendo que tirara a mais forte das correias, o qual fez força até que por fim uma delas se soltou, e todos gritaram *hi ye!*

Caiu, mas lhe ajudaram a se levantar e continuou dançando até que a outra correia se rompeu, caiu novamente, mas se pôs em pé e levantou as mãos ao céu, e então todo o mundo lhe aclamou com grandes vozes.

Lhe carregaram até que chegou ao pé da árvore sagrada, onde descansou em um leito de salvia; tirou da carne palpitante de seus seios e arrancou doze pedaços, que pôs ao pé da árvore.

Os homens de medicina puseram uma erva curativa sobre suas feridas e o mudaram para um lugar na sombra onde ele descansou uns instantes; depois se levantou e continuou dançando com os demais.

Ao final, o homem que havia dançado muito tempo com os quatro crânios perdeu dois, e então o profeta ordenou que lhe cortassem a pele de modo que os ouros dois crânios se desprenderam.

⁹ Isto é evidente, porque o índio devia suportar os piores sofrimentos sem uma queixa. Todos os povos guerreiros são estóicos, mas nenhum há superado aos peles vermelhas no domínio da dor. As lágrimas em questão tem por finalidade apiedar a Divindade.

Mas apesar de se libertar dos quatro crânios, este valente continuou dançando.

Então, o que havia dançado no centro dos quatro postes rompeu duas de suas ataduras; o profeta disse que já havia suportado bastante, e com uma faca lhe cortaram a pele, de modo que se viu livre das outras duas ataduras,

Estes dois homens ofereceram então cada um doze pedaços de sua carne a árvore sagrada, e todos os dançarinos e muitas outras pessoas prosseguiram a dança até que o sol estava a ponto de se por.

No momento que precede ao por do sol foi levado um Chanumpa aos dançarinos e aos cantores como sinal de que a dança havia terminado e de que podiam fumar.

Então os dançarinos e o guardião do Chanumpa se sentaram a Oeste do pavilhão, e a mulher pegou em suas mãos o Chanumpa que havia ficado frente a ela; levantando a haste do Chanumpa, caminhou ao redor do crânio de bisão e se deteve frente ao guardião do Chanumpa; e rezou assim:

Ó Pai santo, tenha piedade de mim!

Ofereço meu Chanumpa ao Grande Espírito!

Ó Avô *Wakan Tanka*, ajude-me!

Faço isto para que meu povo viva e para que cresça conforme ao mistério.

A mulher ofereceu três vezes o Chanumpa ao guardião, e na quarta vez o entregou.

How, disse o guardião ao receber o Chanumpa; depois se distanciou e ficou embaixo da árvore sagrada, ao Norte, e gritou quatro vezes: *Hi-ey-hey-i-i!*

E rezou assim:

Avô *Wakan Tanka*, Tu estás mais perto de nós que qualquer outra coisa, hoje viste quanto fizemos.

Agora está acabado, nossa tarefa está terminada.

Hoje um ser bípede levou a cabo um ritual muito sagrado que Tu ordenaste realizar.

Estes oito homens aqui presentes Te ofereceram seus corpos e suas almas.

Com seu sofrimento enviaram suas vozes para Ti; inclusive ofereceram uma parte de sua carne, que está agora ao pé desta árvore sagrada.

O favor que eles Te pedem é que seu povo caminhe pelo caminho da vida e que cresça segundo o mistério¹⁰.

Veja este Chanumpa que Te oferecemos, junto com a Terra, os quatro Poderes, e todas as coisas.

Sabemos que somos parentes, que formamos uma unidade com tudo o que há no Céu e na Terra, e sabemos que todas as coisas que se movem são um povo como nós.

Todos desejamos viver e crescer segundo o mistério.

O luzeiro do amanhecer e a aurora que vêm com ele, o sol da noite (a lua, *hanhepi wi*) e as estrelas do céu tem estado todos aqui reunidos.

Tu nos ensinou nosso parentesco com todas as coisas e todos os seres, e Te damos graças por isso, agora e sempre. Que sejamos continuamente conscientes deste parentesco existente entre os quadrúpedes, os bípedes e os voláteis.

Que todos possamos nos alegrar e viver em paz!

Veja este Chanumpa, que é o que o quadrúpede¹¹ trouxe para a nação¹²; com ele temos cumprido sua vontade.

Ó *Wakan Tanka*, colocaste a teu povo em um caminho sagrado; que possamos segui-lo com passo firme e seguro, segurando as mãos de seus filhos, e que os filhos de seus filhos caminhem também segundo o mistério.

Tenha piedade, ó *Wakan Tanka*, das almas que retornaram à terra e partiram.

Que estas almas sejam dignas de caminhar pelo grande caminho branco que estabeleceste!

Vamos acender e fumar o Chanumpa, e sabemos que esta oferenda é muito boa.

A fumaça que se elevará se estenderá por todo o Universo, e todos os seres se alegrarão.

Então os dançarinos se sentaram a Oeste do pavilhão e o guardião tirou o selo do forninho do Chanumpa e o colocou sobre uma costela purificada de bisão.

O Chanumpa foi aceso com uma brasa e, depois de oferecê-lo às seis Direções e de dar umas baforadas, o guardião o passou a Kablaya, que a sua vez o ofereceu entre lágrimas, deu umas baforadas e o passou à pessoa que tinha ao lado.

¹⁰ Repetimos que o *ego* se identifica sempre com a coletividade. «Que todos os seres sejam felizes», diz a reza Budista. Por outra parte, não faz falta dizer que a vida «sagrada» e a conformidade com o «mistério» coincidem com a obtenção da salvação.

¹¹ A Bisão celeste.

¹² A «nação» ou o «povo» se identifica em último termo com o «gênero humano». Contando em milênios, a separação em «tribos» é relativamente tardia; isto é o que expressam os sioux quando dizem que todas as tribos índias se separaram deles no transcurso dos tempos, que eles são a humanidade primitiva. Outros índios afirmam o mesmo de sua própria tribo.

Cada um dos homens, depois de oferecer e fumar, o devolvia ao grande homem santo, que o oferecia ao homem mais próximo.

Uma vez todos fumaram, o profeta depositou lenta e cuidadosamente as cinzas no meio do altar e rezou:

Ó *Wakan Tanka*, este lugar sagrado é teu.

Nele foi realizado tudo... Nos alegramos por ele.

Dois ajudantes puseram então sobre o altar umas cinzas do fogo de mistério situado a Leste do pavilhão; de igual modo, se colocou sobre o altar barro purificado, e depois todas as grinaldas, as peles, as plumas e os símbolos utilizados na dança foram amontoados no centro do local sagrado.

Isso foi feito porque estas coisas eram demasiado sagradas para ser conservadas, e deviam regressar à terra.

Só se conservaram o vestido de pele de bisão e os apitos de osso de águia; estes objetos serão sempre considerados como particularmente veneráveis, já que foram empregados na primeira grande festa da dança do sol.

Encima do monte formado pelos objetos utilizados no ritual se colocou o crânio de bisão; este crânio nos recorda a morte e também nos ajuda a recordar que aqui se consumou um ciclo.

Então todos se alegraram, e as crianças foram autorizadas a brincar e dar trotes nos mais velhos, mas ninguém se preocupou com isso e não as castigaram, porque todo mundo estava contente.

Mas ainda, os dançarinos não haviam terminado: pegaram suas roupas de pele de bisão e voltaram à tenda dos preparativos; uma vez ali, tiraram suas roupas com a exceção do tapa sexo e entraram na cabana do *inipi*, salvo a mulher, que estava encarregada de cuidar da porta.

Se introduziram as cinco pedras e se fumou o Chanumpa por turno; mas antes de fumar os homens o apoiavam em uma das pedras.

Se fechou a porta e o grande homem santo disse o seguinte:

Parentes, desejo dizer umas palavras.

Escutem com atenção!

Hoje fizeram uma coisa cheia de mistério, porque deram vossos corpos ao Grande Espírito.

Quando regressarem com os vossos recordem sempre de que graças a este ato foram santificados.

No futuro vocês serão os guias de vosso povo, e deveis ser dignos deste piedoso dever.

Sejam misericordiosos com os vossos, sejam bons com eles e ame-os!

Mas recordem sempre disto: que vosso parente mais próximo é vosso Avô e Pai *Wakan Tanka*, e que depois Dele vem vossa Avó e Mãe a Terra.

Se derramou água sobre as pedras quentes, e quando o vapor subiu enchendo a pequena cabana e nela fazia muito calor, se abriu a porta e se introduziu água.

Se molhou erva aromática na água e se aplicou aos lábios dos dançarinos, e esta foi toda a água que naquele momento puderam receber.

Se passou o Chanumpa por todo o círculo, se fechou a porta e novamente o profeta se dirigiu aos homens:

Graças a vossas ações, hoje reforçaram o círculo de nossa nação.

Fizeram um centro sagrado que estará sempre com vocês, e criaram um parentesco mais estreito com todas as coisas do Universo.

Novamente se derramou água sobre as pedras, e enquanto o vapor subia, os homens cantaram.

Quando se abriu a porta pela terceira vez, os homens foram autorizados a beber um gole de água, e o Chanumpa percorreu o círculo como antes.

De novo se fechou a porta, e enquanto das pedras se elevava o vapor, todos os homens cantaram:

Envio uma voz a meu Avô!

Envio uma voz a meu Avô!

Escuta-me!

Junto com todas as coisas do Universo

Envio uma voz ao Grande Espírito!

O profeta disse:

Os quatro caminhos dos quatro Poderes são vossos parentes próximos.

A aurora e o sol do dia são vossos parentes.

A estrela da aurora e todas as estrelas dos céus sagrados são vossos parentes.

Recordem sempre disto.

A porta foi aberta pela quarta e última vez, e os homens beberam tanta água quanto desejaram, e quando terminaram de beber, Aquele Que Se Estica disse estas últimas palavras:

Viram agora quatro vezes a luz do Grande Espírito.

Esta luz estará sempre com vocês.

Recordem de que há quatro passos que conduzem ao final do caminho sagrado¹³.

Mas chegarão até ali!

Está bem!

Está terminado! *Hechetu welo!*

Os homens voltaram então para a tenda dos preparativos, onde lhes foi servido muita comida, e todo mundo estava feliz e contente.

Havia se realizado uma grande coisa; nos futuros invernos, a vida da nação receberia muita força graças a este grande ritual.

¹³ Os quatro passos representam para os sioux as quatro idades ou fases de um ciclo: a idade da rocha, a idade do arco, a idade do fogo e a idade do Chanumpa; a rocha, o arco, o fogo e o Chanumpa constituem cada um deles o principal suporte ritual da idade respectiva. As quatro idades podem também se referir, desde o ponto de vista microcosmico, às quatro fases da vida humana, desde o nascimento à morte.

5

HUNKAPI:

O PARENTESCO

No ritual do parentesco —*hunkapi*— estabelecemos um vínculo que reflete no plano terreno o parentesco real que nunca deixou de existir entre o homem e o Grande Espírito.

Visto amarmos a *Wakan Tanka* em primeiro lugar, e mais que a nenhuma outra coisa, devemos amar também a nosso próximo e reforçar os laços que podem nos unir, ainda no caso em que pertençam a outras tribos.

Realizando este ritual que vou descrever, e assistindo a ele, cumprimos a vontade do Grande Espírito, pois este é um dos sete rituais que, na origem, a Mulher Bisão nos prometeu.

Outras tribos dizem que este ritual teve sua origem nelas, mas não é assim, visto que foi o lakota *Mato-Hokshila* - Jovem Urso - um homem muito santo, foi quem recebeu este rito, em uma visão, de parte do Grande Espírito.

Devem saber que a planta sagrada, o milho, não provém do país dos Sioux; mas Jovem Urso a viu em uma visão e, mais tarde, estando em viagem, encontrou um pequeno campo de milho, exatamente parecido ao que havia visto em sua visão; e levou este milho a seu povo, sem saber que era propriedade da tribo dos arikara¹, com a qual os sioux estavam em guerra há muito tempo.

Agora bem, o milho era tão sagrado para os arikara como o Chanumpa para nosso povo; por isto, pouco depois de que seu milho desapareceu, os arikara enviaram mensageiros ao acampamento dos sioux com muitos presentes e muito tabaco trançado do que eles fazem e que nós apreciamos enormemente; e pediram que lhes devolvesse seu milho.

Os sioux aceitaram a proposta de paz; e Jovem Urso, que compreendeu então o sentido de sua visão, a explicou a seu povo e disse que, mediante o ritual que dele resultava, os sioux deviam estabelecer um parentesco perpétuo com os arikara, uma paz que duraria até o fim dos tempos e que seria um exemplo para as demais tribos.

Todo o mundo aceitou com alegria, e os sioux conferiram a Jovem Urso autoridade e poder para fazer a paz com ajuda do ritual *hunkapi*, o parentesco.

Jovem Urso explicou então que sempre que se realizava este rito, quem desejava

¹ Os arikara pertencem à família lingüística dos caddo; são, por tanto, parentes próximos dos pawnees.

aparentar-se com alguém seria considerado como um arikara, e que seria ele quem deveria cantar sobre o outro.

Jovem Urso disse depois aos arikara que construísem uma tenda ritual e escolhessem a um de seus homens para representar a toda sua tribo; ele seria quem deveria cantar sobre Jovem Urso, quem, a sua vez, representaria à tribo dos sioux.

Depois de um tempo, Jovem Urso encheu seu Chanumpa, se aproximou do arikara escolhido para representar a sua tribo e, ao mesmo tempo em que lhe oferecia o Chanumpa, fez este discurso:

Desejo lhes ajudar realizando este rito que me foi dado em uma visão pelo Grande Espírito para o bem de nossa tribo.

É sua vontade que façamos isto.

Ele, que é nosso Avô e Pai, estabeleceu um parentesco com meu povo, os sioux; nosso dever é fazer uma imagem deste parentesco entre as distintas nações.

Que isto que fazemos sirva de exemplo para outros povos!

Tu representas a toda a tribo dos arikara e eu represento aos sioux.

Vieste aqui para fazer a paz, e nós aceitamos teu oferecimento; mas, como vês, vamos estabelecer algo mais profundo que o que nos pediu.

Ao pedir a paz nos trouxe vosso tabaco, que apreciamos muito, e, do mesmo modo, nós vamos te dar o milho sagrado que vocês amam por cima de todo. Ambas as coisas são sagradas, pois provem do Grande Espírito.

Ele as fez para nós!

Jovem Urso ensinou então aos arikara como devia se fazer a oferenda destinada aos sioux, e enumerou tudo o que se necessitava para o ritual, a saber: uma Chanumpa, tabaco; quatro talos de milho com espigas; um talo sem espigas; um crânio de bisão; três bastões para fazer um cavalete; carne de bisão seca; pintura vermelha e azul escuro; penas grandes de águia; uma faca; erva aromática; uma bexiga seca de bisão.

Quando já haviam reunido todas estas coisas, Jovem Urso pegou uma faca e escavou o solo para purificá-lo.

Neste lugar consagrado foram colocadas quatro brasas, e nelas Jovem Urso queimou um pouco de erva aromática, e rezou assim:

Ó Avô *Wakan Tanka*, Nos veja!

Neste lugar queremos criar parentes e fazer a paz; tua vontade é que isto se cumpra.

Faço fumaça com esta erva aromática que te pertence, e ela ascenderá para Ti.

Em tudo quanto fazemos, Tu és o primeiro, e depois vem nossa Mãe Terra; e depois dela vêm às quatro Regiões do Universo.

Ao observar este rito queremos realizar tua vontade nesta terra, e queremos estabelecer uma paz que deverá durar até o fim dos tempos.

A fumaça da erva aromática estará com todas as coisas do Universo.

Está bem!

Todos os objetos rituais foram então purificados na fumaça; os três bastões foram dispostos em forma de secador de carne, e o Chanumpa foi apoiado neste cavalete.

Jovem Urso colocou então a bexiga de bisão frente a si, e erguendo um pouco de tabaco para o Oeste, rezou:

Ó Tu que guardas o caminho onde se põe o sol e que controlas as águas: vamos estabelecer um parentesco e uma paz sagrada.

Tu tens dois dias de mistério; que o povo desfrute deles e caminhe pelo caminho da vida com passo firme!

Deves ser incluído neste parentesco e nesta paz que estamos dispostos a estabelecer; ajuda-nos!

Realizamos aqui, na terra, o parentesco que sempre existiu entre o Grande Espírito e seu povo.

Este tabaco, a partir de agora identificado com o Poder do Oeste, foi depositado na bexiga.

Devo lhes dizer que esta bexiga é tão sagrada para muitas tribos como nosso Chanumpa o é para nós, porque também ela pode conter todo o Universo.

Então se ofereceu uma pitada de tabaco ao Norte com esta reza:

Tu, lugar onde mora o gigante *Wazia*; Tu, que controlas os ventos purificadores, deves ser colocado nesta bolsa sagrada; ajuda-nos, com teus dois dias de mistério, e ajuda-nos para que possamos caminhar pelo reto caminho da vida!

O Poder do Norte, identificado agora com o tabaco, foi introduzido na bolsa; depois, Jovem Urso ofereceu um pouco de tabaco ao Poder do Leste:

Ó Tu, que controlas o caminho de onde sai o sol; Tu, que das o conhecimento, estás incluído nesta oferenda; ajude-nos, com teus dois dias sagrados!

Por último, depois de colocar o Poder do Leste na bexiga, Jovem Urso ofereceu uma pitada de tabaco à Região para a qual sempre nós voltamos, e rezou assim:

Ó Cisne Branco; Tu, que controlas o caminho por onde caminham as gerações, há um lugar para Ti nesta bolsa sagrada; ajude-nos, com teus dois dias vermelho e azul!

Depois de colocar o Poder do Sul na bolsa ritual, Jovem Urso ofereceu uma pitada de tabaco ao Céu:

Avô e Pai *Wakan Tanka*, que nós conheçamos este parentesco quaternário que nos ata a Ti; que empreguemos este conhecimento fazendo a paz com outra tribo.

Ao estabelecer parentescos aqui na terra, sabemos que cumprimos tua vontade.

Ó *Wakan Tanka*, Tu estás por cima de todas as coisas, mas hoje estás aqui conosco!

Depois de por o tabaco para o Grande Espírito na bolsa de mistério, Jovem Urso rezou assim:

Avó Terra, escuta-me!

Vamos estabelecer sobre Ti um parentesco com um povo, igual a que Tu estabeleceste conosco ao nos dar nosso Chanumpa sagrado².

Os bípedes, os quadrúpedes, os seres alados e tudo quanto se move sobre Ti³ somos teus filhos.

Queremos ser, com todas as criaturas e todas as coisas, como os membros de uma só família; igual a nosso parentesco contigo, ó Mãe, também queremos fazer a paz com outro povo, e seremos parentes deles.

Que caminhemos com amor e misericórdia por este caminho que é sagrado!

Ó Avó e Mãe Te colocamos nesta bolsa de mistério.

Ajude-nos a estabelecer um parentesco e uma paz perpetua!

E deste modo a Terra foi introduzida na bolsa, que foi fechada e sobre a qual se colocaram pelos de bisão e erva aromática.

Jovem Urso disse então ao representante da tribo dos arikara:

² Não devemos esquecer que o bisão é como uma encarnação animal do princípio Terra, cuja manifestação material é a terra visível; mas a Terra -Princípio é evidentemente divina, e esta é a razão pela que a Mulher Bisão Branco veio do Céu. Terra e Céu — as regiões visíveis — tem seu protótipo eterno no Divino; estes protótipos formam uma dupla, não se confundem; mas *Wakan Tanka*, em sua unidade suprema, supera esta dualidade. O fato de que o Chanumpa seja trazido por um Bisão fêmea celeste significa que aquele é um dom da dupla Terra Céu: a matéria do Chanumpa indica a Terra, e a fumaça, o Céu.

Cuidarás desta bolsa, porque está cheia de mistério, e a tratará tal como estas coisas devem ser tratadas; é realmente semelhante ao Chanumpa sagrado que receberam os sioux, e fará a paz entre muitas tribos.

Mas devem recordar sempre disto: nossos parentes mais próximos são nosso Avô e Pai *Wakan Tanka*, e nossa Avó e Mãe Terra.

Com esta bolsa sagrada, vá junto aos chefes dos sioux, e com ela se estabelecerá o parentesco.

Então se envolveu a bolsa com uma pele de gamo que costuraram pelos dois lados com uma correia de couro, de maneira que se podia transportar o saquinho facilmente; assim terminou o primeiro dia do ritual.

No dia seguinte, no momento da saída do sol, Jovem Urso pegou seu Chanumpa e foi para a tenda do arikara.

Depois de oferecer o Chanumpa para as seis Direções, fumou um pouco e depois a deu ao arikara; este disse: *Hi ho! Hi ho!* e abraçou o Chanumpa, fumou um pouco e a passou aos demais homens presentes na *tipi*.

Quando todo mundo fumou o Chanumpa voltou a Jovem Urso, que o purificou e o colocou novamente em sua bolsa.

Depois disto, Jovem Urso foi a sua tenda; ali esperou, junto com os demais chefes sioux e com os sábios da tribo, a chegada do arikara, que devia lhes trazer sua oferenda de acordo com as instruções que recebeu no dia anterior.

Quando os sioux vieram chegar o homem dos arikara gritaram: *Hi ho! Hi ho* e quatro deles foram a seu encontro e o conduziram à tenda.

O arikara deu a volta seguindo o movimento do sol, se parou em pé frente a Jovem Urso, que estava sentado a Oeste e colocou ante ele a bolsa das oferendas.

Jovem Urso queimou erva aromática em uma brasa e depois ergueu o saquinho de mistério sobre a fumaça.

Em seguida gritou:

Hi ho! Hi ho abraçou o saquinho e rezou:

Avô e Pai *Wakan Tanka*, Nos veja!

Sobre esta terra cumprimos tua vontade.

³ E cujos protótipos se encontram incluídos no princípio Terra.

Estabeleceste um parentesco conosco ao nos dar o Chanumpa, e agora fazemos extensivo este parentesco a outro povo fazendo a paz com ele depois de haver estado em guerra.

Sabemos que realizamos um dos sete ritos que nos foram prometidos na origem.

Que estes dois povos, graças a este rito, estejam sempre em paz e sirvam de exemplo a outras nações.

Com esta oferenda minha tribo se alegrará.

Este é um dia sagrado!

Está bem, vamos abrir agora este saquinho de mistério, e mediante esta oferenda ficaremos vinculados a Ti e a Teus Poderes.

Wakan Tanka contemple o que fazemos.

Depois de pronunciar esta reza, Jovem Urso tirou as correias da bolsa e desenrolou lentamente a pele de gamo, e quando viram a bexiga de bisão, exclamaram: *Hi ye*, porque todos sabiam por que esta bexiga era tão *wakan* - sagrada.

Jovem Urso ergueu então a bexiga na fumaça das ervas aromáticas, a abraçou e repetiu sem cessar: *Hi ye*, e depois rezou:

Seja misericordioso!

Agora que veio a nós, o povo caminhará pelo caminho do mistério segurando a mão de seus filhos.

Eu sou o povo (sioux), e te amo, quero ter carinho por você, e quero cuidar sempre de ti.

O povo de onde vens (os arikara) deverá também te amar sempre, e saber sempre que é santa.

Depois deste discurso, Jovem Urso ofereceu a bexiga às seis Direções, e quando a abraçou e beijou sua abertura, todo o povo gritou: *Hi ho!*

Jovem Urso se virou para o arikara e disse:

Para nossa tribo esta oferenda significa que desejas a paz e estabelecer um vínculo de parentesco conosco.

É por esta razão que trouxeste um objeto tão sagrado?

O arikara respondeu: Sim!

Desejamos ter um vínculo de parentesco com vocês, e que seja tão estreito como o parentesco entre vocês e o Grande Espírito.

Esta resposta agradou aos sioux; então tiraram a bexiga de mistério para fora da tenda para que toda a tribo pudesse abraça-la e beija-lar como fez Jovem Urso.

Depois a colocaram na ponta da vigésima oitava vara da *tipi* para mostrar que a proposta de paz dos arikara havia sido aceita, e para colocar o saquinho que continha a bexiga no lugar mais sagrado.

Como já expliquei, esta vigésima oitava vara representa o Grande Espírito, porque é a vara chave que sustenta as outras vinte sete varas da tenda.

Assim terminou o ritual da oferenda.

Os mensageiros dos arikara regressaram a suas *tipis*, onde começaram os preparativos para o dia seguinte, e Jovem Urso preparou uma tenda especial para novos rituais.

A cada lado da entrada se colocaram umas peles que formavam um caminho de um comprimento de dez passos; o tapume de peles tinha uma altura de quatro pés; este é o caminho da vida, que conduz a tenda.

O que entra por ele não pode se desviar do caminho, porque os tapumes o impedem; deve, então, caminhar em linha reta para o centro.

No dia seguinte, quatro homens dos arikara foram escolhidos para representar a toda a tribo; com seus apetrechos rituais, se dirigiram para a tenda que Jovem Urso lhes havia preparado.

Jovem Urso estava sentado a Oeste; antes de preparar o altar lhes disse:

O milho que agora os sioux têm pertence na realidade aos arikara, porque eles o amam e o consideram coisa sagrada, igual ao que nós fazemos com nosso Chanumpa; porque eles também receberam seu milho do Grande Espírito através de uma visão.

É vontade do Grande Espírito que tenham seu milho.

Por esta razão, nós queremos, não só lhes devolver seu milho perdido, mas também estabelecer um ritual mediante o qual criaremos a paz ao mesmo tempo em que um parentesco real que será um reflexo do vínculo de parentesco existente entre nós e *Wakan Tanka*.

Quero produzir agora uma fumaça aromática que chegará até os céus e também até o Luzeiro da aurora, que divide o dia em escuridão e luz; chegará também até os quatro Poderes que cuidam do Universo.

Esta fumaça ascenderá desde nossa Avó, a Terra.

Jovem Urso colocou então erva aromática sobre as brasas e purificou na fumaça o Chanumpa, a espiga de milho, o machado e os demais objetos rituais; agora já estava

pronto para preparar o altar.

Pegou o machado, o dirigiu para as seis Direções, e depois golpeou o solo a Oeste.

Repetindo o mesmo movimento, golpeou o solo ao Norte e depois, da mesma maneira, ao Leste e ao Sul; depois levantou o machado para o céu e golpeou o solo duas vezes no centro para a Terra e depois duas vezes para o Grande Espírito.

Depois Jovem Urso escavou o solo e, com um bastão que havia purificado na fumaça e oferecido para as seis Direções, traçou uma linha que ia do Oeste até o centro, em seguida, outra do Leste ao centro e, por último, outra do Sul ao centro; depois ofereceu o bastão ao céu e tocou o centro, e à terra e tocou o centro.

Assim foi como se fez o altar; como já disse, temos fixado aqui o centro da terra, e este centro, que na realidade está em todas as partes, é a morada do Grande Espírito⁴.

Jovem Urso pegou então uma espiga de milho e cravou um bastão em um de seus extremos; e no outro colocou uma grande pena de águia.

Este milho pertence na realidade aos arikara - disse Jovem Urso - e lhes será devolvido porque o amam como nós amamos a nosso Chanumpa.

A espiga de milho que aqui vês têm doze significados importantes, porque está formada por doze fileiras de grãos, e os recebe dos diversos Poderes do Universo.

Ao pensar nas diferentes coisas que o milho pode nos ensinar, não devemos esquecer, sobre tudo, a paz e o parentesco que estabelece entre nós.

Devemos recordar, antes que nada, de que nossos parentes mais próximos são nosso Avô e Pai *Wakan Tanka*, nossa Avó e Mãe Terra, os quatro Poderes do Universo, os dias vermelho e azul (luz e escuridão), o Luzeiro da aurora, a Águia Pintada que guarda todo o que é sagrado no milho; nosso Chanumpa também é como um parente, porque protege a tribo, e através dele pedimos ao Grande Espírito.

O penacho que cresce na ponta da espiga de milho, e que temos assinalado com uma pena de águia, representa a presença do Grande Espírito; porque, igualmente ao pólem que se estende desde o penacho e dá a vida, assim a presença do Grande Espírito dá a vida a todas as coisas.

Esta pena que está sempre fixa na ponta da planta é o primeiro a ver a luz da aurora; vê também à noite, a lua e todas as estrelas, por todas estas razões é *wakan* - sagrado.

E este bastãozinho que cravei na espiga de milho é a árvore da vida, que se estende desde a terra até o céus, e o fruto, que e a espiga com todos os seus grãos, representa ao povo e a todas as coisas do Universo.

⁴ Esta definição é muito notável, porque contem a doutrina do altar primordial, do santuário como tal.

É necessário recordar destas coisas para poder compreender os ritos que vamos realizar.

Jovem Urso apoiou então a espiga de milho no cavalete que estava montado perto do altar; este cavalete é uma imagem do secador onde se seca a carne de bisão; agora é o secador do milho, porque o milho é tão importante para os arikara como o bisão o é para os sioux.

Jovem Urso arrancou uma espiga de seu talo, a estendeu ao representante da tribo dos arikara, e falou assim:

É vontade de *Wakan Tanka* que este milho volte a vocês.

Deste modo faremos a paz e estabeleceremos um parentesco que será um exemplo para todas as nações.

Falamos a pouco dos Doze Poderes do Universo; uniremos estes doze Poderes, com os sioux e os arikara, em um só.

Ao fazê-lo, os arikara deverão cantar sobre os sioux; eu representarei a meu povo, e vosso chefe representará ao vosso; nos converteremos em parentes, e por isso nossos dois povos serão como um só e viverão em paz.

No passado, os homens que o Grande Espírito colocou nesta ilha⁵ têm sido inimigos, mas este ritual trará a paz, e no futuro outras nações desta ilha se aparentarão graças a ele.

Vocês, arikara, devem fazer agora como se estivessem no caminho da guerra contra nós; devem se distanciar em busca do inimigo cantando seus cantos de guerra.

Depois de ouvir estas palavras, o arikara pegou uma espiga de milho com a mão direita e o talo com a esquerda, e declarou que os homens de sua tribo buscavam ao inimigo, os Sioux; e, entoando seus cantos de guerra, agitaram os talos de milho.

Este balanceio dos talos representa o milho quando o sopro do Grande Espírito o acaricia: quando sopra o vento, o palem cai do penacho a tela que rodeia a espiga, e isto é o que faz com que o fruto madureça e seja fértil.

Podem ver como o exemplo do milho representa o parentesco que vamos estabelecer entre estes dois povos.

Enquanto os mensageiros dos arikara simulavam buscar a seus inimigos, os sioux, todo mundo se juntou para observa-los, e todos eram felizes, porque compreendiam o que ia acontecer.

⁵ A analogia com o simbolismo cosmológico dos povos antigos mais diversos aparece aqui de um modo particularmente impressionante; nos limitaremos a recordar a este propósito ao fresno *Ygdrasil*, o centro do mundo na mitologia germânica.

Logo os arikara pararam frente o *tipi* onde esperavam os quatro sioux, e o chefe arikara disse a seus valentes:

Quem de vocês foi o primeiro a tocar o inimigo⁷ no caminho da guerra?

Agora iremos contar os golpes sobre esta tenda e entrar nela para capturar Jovem Urso; depois faremos prisioneiros aos outros.

Mas antes devem relatar os atos de bravura que realizaram no caminho da guerra.

Então o arikara se pôs a contar suas façanhas guerreiras, e depois de cada frase todos os assistentes gritavam: *Hi ho!Hi ho*, e as mulheres mostraram seu júbilo lançando trêmulos.

Quando terminou, se precipitou para a tenda, a tocou (*contou golpe*), depois entrou e saiu com jovem Urso; os demais arikara também entraram e tiraram aos outros quatro sioux.

Os arikara continuaram cantando seus cantos de guerra, e todos os assistentes, sioux e arikara, estavam contentes e se trocavam presentes, alimentos ou roupas, ou até cavalos.

Formou-se então um cortejo dirigido pelo arikara, que agitava continuamente os talos de milho atrás dele iam os quatro sioux capturados, entre os quais havia uma mulher, um menino e uma menina, a fim de que toda a tribo estivesse representada.

Os arikara levavam as crianças sobre seus ombros, e acompanhando o cortejo iam os cantores, os tambores e todas as pessoas das duas tribos.

O cortejo se deteve quatro vezes, e cada vez as pessoas uivavam igual aos coiotes, tal como fazem os grupos guerreiros quando regressam ao acampamento.

Logo chegaram ao *tipi* sagrado que havia sido preparado no centro do acampamento⁶, e os sioux capturados foram conduzidos para uns leitos localizados ao Oeste da tenda, sobre eles haviam sido amontoados muitos presentes oferecidos pelos arikara.

Os ajudantes arikara pegaram então umas roupas de pele de bisão e os ergueram frente aos cinco sioux e o chefe arikara: isto se chama «esconder aos parentes próximos».

Então um guerreiro arikara e uma mulher desta tribo deslizaram por detrás desta cortina e pintaram os rostos dos sioux.

⁶ O continente pele vermelha, a terra que se estende entre os dois oceanos.

⁷ É sabido que tocar ao inimigo armado, sem mata-lo, com uma vara adornada com plumas (*coup-stick*), era considerado como uma façanha particularmente meritória.

A mulher pintou de vermelho os rostos da mulher sioux e da menina, enquanto o guerreiro fez o mesmo com os homens sioux e o menino, pintando um círculo azul ao redor de seus rostos e uma linha azul na testa, na bochecha e também no queixo.

Durante todo este tempo os arikara agitaram os talos de milho e cantaram cantos de mistério.

Depois retiraram as penas de águia das espigas e as colocaram nos cabelos dos sioux; enquanto, pintavam de vermelho um crânio de bisão, e os quatro Poderes foram representados por quatro linhas; rechearam com salvia as órbitas e o nariz do crânio, e este foi colocado, de frente para o Leste, sobre um montinho cuja terra havia sido tirada do lugar consagrado.

Então se separaram as roupas de bisão, de modo que todo mundo podia ver aos sioux com o rosto pintado.

Talvez deva lhes explicar o que isto significa: mediante a pintura, os homens foram transformados; experimentaram um novo nascimento e adquiriram com ele novas responsabilidades, novas obrigações e um novo parentesco⁹.

Esta transformação é tão sagrada que deve ter lugar na escuridão¹⁰: deve ser escondida da vista da maioria; mas quando se retira a cortina aparecem puros, livres de ignorância, e terão esquecido as inquietudes do passado.

Agora não são mais que um com os arikara; o parentesco foi realizado¹¹.

Enquanto agitavam seus talos de milho, os arikara entoaram este canto:

Todos estão aparentados (huntka),

Todos estes são parentes.

Depois, voltando-se para cada uma das quatro Direções, cantaram:

Ó Poder de onde o sol se põe,

Tu és um parente!

⁸ Recordemos que os povoados índios estão dispostos em círculo.

⁹ Este papel da pintura ritual se encontra também no hinduísmo; na maior parte das civilizações a pintura foi substituída pela indumentária, como no caso do vestido ocre do *sannyâsi* ou do hábito monacal.

¹⁰ Também esta obscuridade é simbólica: indica o passo mais ou menos «caótico» de um plano de consciência a outro.

¹¹ Por transposição espiritual: o eu não é mais que um com o próximo. O simbolismo iniciático desta passagem é particularmente explícito.

Ó Poder de onde vive o gigante,

Tu és um parente!

Ó Poder de onde sai o sol,

Tu és um parente!

Ó Poder dali onde sempre olhamos,

Tu és um parente!

Depois, olhando o céu, cantaram:

Este é nosso parente.

E se inclinando para a terna, e também sobre o crânio de bisão, cantaram:

A Terra é nosso parente.

Finalmente, agitando o milho sobre os sioux, cantaram:

Estes cinco são nossos parentes; todos estamos aparentados; todos somos um !

Em seguida, Jovem Urso se levantou, pegou o Chanumpa que estava apoiado no cavalete, se colocou no meio da tenda e, levantando sua mão direita e elevando o Chanumpa com a mão esquerda, rezou:

Ó Wakan Tanka, elevo minha mão para Ti!

Hoje está muito perto de nós.

Te ofereço meu Chanumpa .

Também a vocês, Poderes alados que habitam no lugar onde se põe o sol, vos oferecemos este Chanumpa.

Neste dia Wakan unimos tudo o que há de sagrado no Universo; neste dia foi feita uma grande paz.

Ó Avô Wakan Tanka, que esta paz dure sempre; que nenhum homem nem nenhuma circunstancia a destrua!

Estes povos caminharão juntos por este caminho único que é vermelho e sagrado.

Virando para as pessoas que assistiam, Jovem Urso disse:

Os rituais chegaram ao fim; estamos unidos, somos um!

Vocês, arikara, este milho que amam, mas que haviam perdido, vos será devolvido.

Ao ouvir estas palavras, os homens mostraram júbilo e as mulheres fizeram o tremulo, e os cantos começaram de novo; os arikara que agitavam os talos de milho dançaram para a porta do Leste, e se precipitaram cinco vezes para os cinco sioux; depois estes movimentos e estas danças cessaram.

Então se trouxe muita comida para a tenda; o chefe arikara, pegando um pedaço de carne seca e o purificou na fumaça de ervas aromáticas, rezou assim:

Ó *Wakan Tanka*, Veja – me e tenha misericórdia de mim!

Esta carne é a semente: deve ser introduzida em nossa boca e se converte em nosso corpo e nossa alma, que o Grande Espírito, em sua bondade, nos deu.

Assim como Ele é misericordioso convosco, assim devem ser vocês com os demais.

Com estas palavras, o chefe arikara colocou a carne consagrada na boca de cada um dos quatro sioux; ele e Jovem Urso se sentaram um de frente ao outro no meio da tenda.

Jovem Urso tenha frente a si o crânio de bisão e o Chanumpa, e frente ao chefe dos arikara estava a espiga de milho e os quatro talos.

O chefe arikara pegou então um pedaço de carne de bisão e depois de purificá-lo na fumaça, o estendeu para Jovem Urso e disse:

How, filho meu!

Vou ser teu pai.

Neste dia que a Ele pertence, o Grande Espírito viu nossos rostos; a aurora deste dia nos viu, e nossa Avó a Terna nos escutou.

Estamos no centro, e os quatro Poderes se unem em nós.

Quero por esta carne em tua boca, e a partir deste dia jamais deverá temer a minha casa, porque minha casa é tua casa¹² e você é meu filho.

O chefe colocou a carne na boca de Jovem Urso; a tribo dos arikara se alegrou e agradeceu, porque, mediante este ato, os dois povos se convertiam em um só.

Então Jovem Urso pegou igualmente um pedaço de carne, o purificou na fumaça e, o ofereceu ao arikara, e disse:

How, pai meu!

Fizemos a paz segundo a vontade do Grande Espírito, não só entre nós, mas também dentro de nós e com todos os Poderes do Universo.

A aurora deste dia certamente nos viu, e o Bisão, que é a fonte de nossa vida nesta terra e que protege a tribo, esteve conosco; e nosso Chanumpa, que deu a nosso povo o alimento para suas almas, tem estado conosco; e tivemos conosco vosso milho, que é sagrado e com ele realizamos o parentesco.

Quero por este alimento em tua boca para que nunca tema a minha casa, que será tua casa.

Que, por fazer isto, *Wakan Tanka* seja misericordioso conosco!

Jovem Urso colocou a carne na boca do chefe arikara, e todos os sioux deram mostras de júbilo e agradeceram.

Em seguida, Jovem Urso pegou o Chanumpa, o acendeu, a ofereceu para as seis Direções, e depois de dar quatro baforadas a ofereceu ao arikara, dizendo:

How, pai meu! Toma isto e fuma-o, e que em teu coração não haja mais que a verdade.

O arikara pegou o Chanumpa, o ofereceu para as seis Direções, e depois de dar quatro baforadas, o passou aos assistentes.

Todos os arikara e todos os sioux que se encontravam presentes o fumaram, e inclusive quando o fogo havia se apagado assim mesmo colocavam o Chanumpa na boca e o abraçavam.

Enquanto isso, o chefe arikara disse a Jovem Urso:

How, filho meu!

Devolveu-nos a espiga de milho que o Grande Espírito nos deu, mas que você colheu por causa de uma visão que teve.

Como queríamos que nos devolvesse nosso milho, viemos a propor a paz; mas nos deste mais que isto ao realizar hoje mesmo o mistério do parentesco.

Com o fim de nos ligar ainda mais intimamente, te dou uma parte do milho com o direito de empregá-lo em vossos ritos.

Desde agora, também para vocês será sagrado, como o é para nós.

O povo estava feliz ao ver que esta grande coisa se tinha cumprido, e fez uma festa que durou toda a noite.

Desejo mencionar aqui que com estes ritos se estabeleceu uma tripla paz.

¹² Se nota a curiosa coincidência com a fórmula de cortesia árabe: «Minha casa é tua casa» (*dârî dârek*).

A primeira paz é a mais importante: é a que surge na alma dos homens quando se dão conta de seu parentesco, de sua unidade, com o Universo e todos seus Poderes, e quando se dão conta de que no centro do Universo mora o Grande Espírito, e que na realidade este centro está em todas as partes; está em cada um de nós.

Esta é a paz real; as outras pazes não são senão reflexos dela.

A segunda paz é a que se estabelece entre dois indivíduos; a terceira é a que acontece entre nações.

Mas devem compreender que nunca pode haver paz entre nações antes que se saiba e sinta que a verdadeira paz, como já disse, está na alma dos homens.

6

ISHNA TA AWI CHA LOWAN:

PREPARAÇÃO DA MOÇA PARA OS DEVERES DE MULHER

Os ritos de preparação da menina - *ishna ta awi cha lowan*, «estão cantando sobre você» se realizam depois do primeiro período menstrual; neste momento a moça se converte em mulher; deve compreender o significado desta mudança e deverá ser instruída nas obrigações que deverá cumprir a partir de então.

É necessário que se dê conta de que a mudança produzida nela é algo sagrado, porque desde agora será como a Mãe Terra e poderá trazer filhos, que deverão ser educados conforme os caminhos do Grande Espírito.

Além disso, deve saber que a cada mês, quando vem seu período, ela leva uma influencia com a qual há de ter cuidado, porque a presença de uma mulher neste estado pode tirar o poder de um homem santo¹.

Portanto, deve observar com cuidado os rituais de purificação que vou descrever, e que nos foram dados pelo Grande Espírito em uma visão.

Antes de receber a revelação deste rito, era costume que durante o período menstrual, a mulher ou a moça se retirasse para um pequeno *tipi* fora do círculo do acampamento; uma mulher lhe levava a comida e ninguém mais podia se aproximar da tenda.

Quando uma moça tinha seu primeiro período menstrual, uma mulher mais velha que ela lhe instruía nas coisas que toda mulher deve saber, inclusive na arte de confeccionar mocassins e roupas.

Esta mulher de mais idade, é quem purifica a moça com a ajuda da fumaça aromática, deve ser uma pessoa boa e pura, porque suas virtudes e seus costumes passam para a moça a quem purifica.

Antes que lhe fosse permitido regressar com sua família, a jovem tinha de se purificar na cabana *inipi*.

¹ Os índios nos falaram de uma mulher que, por inadvertência, entrou um dia na tenda de um «homem de mistério» e com sua presença tirou o poder não só do homem, mas também de sua «bolsa de mistério», que estava pendurada na *tipi*. Feitos semelhantes, ainda que menos extremados — o caso citado parece ser muito especial —, se encontram na maioria das tradições; há incompatibilidades de correntes sutis às que normalmente há que ter em conta, mas que podem também se descuidar quando se encontram neutralizadas por outras influências. Se trata, em todo caso, do plano psíquico e não do plano espiritual; não obstante, o espiritual pode depender em certa medida — não em si mesmo, mas em sua manifestação — dos veículos psíquicos, o que explica as prescrições de purificação que se encontram nas mais diversas religiões.

Mas agora quero lhes contar como recebemos nossos novos ritos de preparação ao estado de mulher casada.

Faz muitíssimo tempo, um lakota chamado *Tatanka Hunkeshni* – Bisão Lento - teve uma visão: uma mãe bisão limpava uma pequena bisão, sua filha. Graças ao poder desta visão, Bisão Lento se converteu em um homem santo (*wichascha wakan*), e compreendeu que lhe havia sido revelado um rito para as jovens de sua tribo.

Uns meses depois de que Bisão Lento recebera sua visão, uma moça de quatorze anos, chamada A Mulher Bisão Branco Aparece, teve suas primeiras regras, e seu pai, Pluma Na Cabeça, se recordou imediatamente da visão de Bisão Lento; pegou um Chanumpa cheio de tabaco e o ofereceu a Bisão Lento, que aceitou o Chanumpa, dizendo:

Hi ho! Hi ho! Porque razão me traz este Chanumpa sagrado?

Pluma Na Cabeça respondeu:

Tenho uma filha que tem suas primeiras regras, e quero que a purifique e a prepare para seu papel de mulher, porque sei que teve uma visão muito poderosa na qual aprendeu um modo mais eficaz e mais santo de fazer o que temos seguido até agora.

Certamente, farei o que deseja, respondeu Bisão Lento.

O povo dos bisões, foi instruído pelo Grande Espírito e que nos deu este rito, está perto dos homens; ele é nossa fonte de vida em muitos aspectos².

Na origem, a Mulher Bisão Branco nos deu nosso muito santo Chanumpa, e desde então temos sido irmãos dos quadrúpedes e de tudo quanto se move.

Tatanka, o bisão, é o parente mais próximo que temos entre os quadrúpedes; vivem como uma tribo, igual a nós³.

É vontade de nosso Avô *Wakan Tanka* que seja assim; e sua vontade é que este rito se realize entre homens na terra; é por isto que agora queremos estabelecer este rito, que será muito proveitoso para o povo.

É certo que os quadrúpedes e todos os povos que se movem no Universo possuem este rito de purificação, especialmente nossos parentes os bisões.

Vi que eles também purificam a seus filhos e os preparam para levar fruto.

² Há que recordar que os índios, como todos os povos de espírito primordial, vêem, em primeiro lugar, não o plano de existência que limita, mas sim a essência que atravessa os planos de existência: o bisão visível «é» o Bisão Princípio, mas o é em um determinado nível de manifestação cósmica. Os peles vermelhas não «adoram», evidentemente, ao animal bisão, visto que o matam; sem dúvida, jamais esquecem o «gênio» da espécie, no sentido mais elevado do termo.

³ O bisão, como o índio, leva uma vida nômade e se movimenta em grandes rebanhos.

Será um dia sagrado quando fizermos isto, e agradecerá ao Grande Espírito e a todos os povos que se movem.

Primeiro deverá por em teu Chanumpa todos estes povos e a todos os Poderes do Universo para que, junto com eles, possamos enviar uma voz ao Grande Espírito.

Vou preparar um local consagrado para tua filha, que é pura⁴ e que está a ponto de se converter em uma mulher, A aurora, que é a luz de *Wakan Tanka*, estará neste lugar, e tudo será sagrado.

Amanhã deverá levantar uma tenda, fora do círculo de nosso acampamento; deverá ter um caminho de acesso protegido, exatamente como o rito do parentesco; e deverá reunir os objetos seguintes: um crânio de bisão, um copo de madeira, umas quantas cerejas, água, erva aromática, salvia, um Chanumpa, um pouco de tabaco trançado dos arikara, tabaco *kinnikinnik*, uma faca, um machado de pedra, pintura vermelha e azul.

Pluma Na Cabeça deu a Bisão Lento cavalos e outros presentes, e foi preparar todas as coisas para o dia seguinte.

No dia seguinte tudo estava pronto na tenda ritual, e toda a população se reuniu ao seu redor, com exceção das mulheres que preparavam o festim que poria fim ao ritual.

Bisão Lento estava sentado a Oeste do *tipi*; diante dele havia se escavado o solo e neste local se colocou uma brasa.

Erguendo a erva aromática por cima da brasa, Bisão Lento pronunciou esta reza:

Avô e Pai *Wakan Tanka*, Te ofereço tua erva sagrada.

Avó Terra, da que viemos, e Mãe Terra que trás muitos frutos, escuta!

Vou fazer uma fumaça que penetrará nos Céus e que chegará inclusive até nosso Avô *Wakan Tanka*, se estenderá por cima de todo o Universo e tocará todas as coisas.

Depois de por erva aromática sobre a brasa, Bisão Lento purificou o Chanumpa e todos os objetos destinados ao ritual.

Depois disse:

Tudo o que hoje se fará, será realizado com a ajuda dos Poderes do Universo.

Que nos ajudem a purificar e a tornar *wakan* – sagrada - a esta moça que agora vai se converter em mulher.

⁴ Com estas palavras o vidente declara expressamente que a impureza menstrual não alcança ao próprio indivíduo.

⁵ Estendendo as mãos sobre a fumaça e espalhando-a pelo corpo.

Encho este Chanumpa de mistério e, ao fazê-lo, ponho nela todos os Poderes que hoje nos ajudarão.

Bisã Lento se purificou primeiro ele mesmo no fumaças, e depois, erguendo o Chanumpa com a mão esquerda pegou uma pitada de tabaco com a mão direita e rezou:

Avô *Wakan Tanka*, vamos enviar uma voz para Ti mediante nosso Chanumpa.

Este é um dia eleito, porque vamos purificar esta moça.

A Mulher Bisão Branco Aparece.

Há um lugar neste Chanumpa para todos os Poderes do Universo; tenha, então, piedade de nós e aceita nossas oferendas!

Ó Poder de onde se põe o sol, que guarda o Chanumpa, e que aparece de modo tão terrível para purificar ao mundo e seus habitantes⁶, queremos oferecer este Chanumpa ao Grande Espírito e necessitamos tua ajuda e tuas águas purificadoras; estamos preparados para purificar e santificar não só uma moça, mas também a toda uma geração.

Ajude-nos com teus dois dias bons, vermelho e azul!

Há um lugar para Ti no Chanumpa.

Bisã Lento colocou este tabaco no Chanumpa e, erguendo um pouco de tabaco para o lugar de onde vêm os ventos purificadores⁷, rezou:

Ó gigante *Wazia*, Poder do Norte, que preserva a saúde da tribo com teus ventos e que purifica a terra branqueando-a: Tu és quem guarda o caminho por onde caminha nosso povo, ajude-nos hoje com teu influxo purificador; vamos santificar uma virgem, A Mulher Bisão Branco Aparece; dela sairão as gerações de nossa tribo.

Há um lugar para Ti neste Chanumpa; ajude-nos com teus dois dias bons!

O Poder do Norte foi posto no Chanumpa; depois, erguendo um pouco de tabaco na direção de onde vem a luz, Bisã Lento continuou rezando:

Ó *Huntkas*, Ser e Poder do lugar de onde vem a aurora do dia e a luz do Grande Espírito, Tu que és de grande alento e que dá o conhecimento aos homens, dá hoje um pouco de tua sabedoria a esta virgem, A Mulher Bisão Branco Aparece, que vai ser purificada.

Ajude-nos com teus dois dias vermelho e azul!

Há um lugar para Ti no Chanumpa.

Depois de por o Poder do lugar de onde vem a luz no Chanumpa, e erguendo um pouco de tabaco na direção do lugar para onde sempre nós voltamos, rezou:

Ó Cisne Branco, Poder do lugar para onde sempre nos voltamos, que controla o caminho das gerações e de tudo quanto se move, vamos purificar uma virgem para que suas gerações futuras possam caminhar de um modo conforme ao mistério pelo caminho que Tu controlas.

Há um lugar para Ti no Chanumpa.

Ajude-nos com teus dois dias vermelho e azul!

O Poder do Sul foi posto no Chanumpa e, dirigindo uma pitada de tabaco para o céu, Bisão Lento continuou:

Ó *Wakan Tanka*, Avô, veja!

Vamos Te oferecer o Chanumpa.

Depois, dirigindo o tabaco para a terra:

Ó Avó, sobre quem as gerações da tribo tem caminhado, que A Mulher Bisão Branco Aparece, com suas gerações futuras, caminhe sobre Ti conforme ao mistério nos invernos vindouros!

Ó Mãe Terra, que dá frutos sem conta, e que é como uma mãe para as gerações, esta virgem que está hoje aqui será purificada e consagrada; que seja igual a Ti, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, caminhem pelo caminho sagrado em conformidade com o mistério.

Ajude-nos, ó Avó e Mãe, com teus dias vermelho e azul!

A Terra, em sua qualidade de Avó e Mãe, estava agora no tabaco e se encontrava no Chanumpa; e Bisão Lento elevou ainda uma pitada de tabaco para os céus e rezou:

Ó *Wakan Tanka*, nos veja!

Vamos Te oferecer este Chanumpa.

Em seguida, e dirigindo o mesmo tabaco para o crânio do bisão:

Ó parente quadrúpede, vocês que entre todos os povos quadrúpedes é o mais próximo a nós, também debes ser posto no Chanumpa, porque nos ensinou como limpas a teu rebento, e ao purificar a, A Mulher Bisão Branco Aparece queremos imitar tua maneira de fazer.

⁶ O vento do Oeste, as tormentas.

⁷ O vento do Norte purifica pelo frio.

⁸ Sem dúvida, o pássaro carpinteiro de cabeça vermelha, cujo nome corrente é *kankecha*; este pássaro vive no Leste, de onde vem a luz.

Te dou como oferenda, ó quadrúpede, água e pintura, suco de cerejas, e também erva.

Há um lugar para Ti no Chanumpa; ajude-nos!

Deste modo o povo quadrúpede dos bisões foi colocado no Chanumpa, e Bisão Lento elevou pela última vez um pouco de tabaco para o Grande Espírito, e pediu:

Ó *Wakan Tanka* e todos os Poderes alados do Universo, nos vejam!

Te ofereço este tabaco, Chefe de todos os Poderes, Tu que és representado pela Águia Pintada que vive nas profundidades dos Céus, e que guarda tudo quanto há neles.

Vamos purificar uma moça que logo será mulher.

Proteja as gerações que sairão dela!

Há um lugar para Ti no Chanumpa; ajude-nos com teus dias vermelho e azul!

O Chanumpa, que agora continha o Universo, foi apoiado no pequeno secador, com o pé tocando o solo e a boca olhando o céu⁹.

Bisão Lento começou então a preparar o local ritual, e só os parentes próximos de A Mulher Bisão Branco Aparece foram admitidos na tenda; os ritos que iam acontecer a seguir não eram para todo mundo.

O Grande Espírito - disse Bisão Lento - deu aos homens um parentesco quaternário: seu Avô, seu Pai, sua Avó e sua Mãe.

Estes são sempre nossos parentes mais próximos.

Visto que todo o que é bom se faz de um modo quaternário, os homens passarão através de quatro idades; assim, se assemelharam a todas as coisas.

Nosso parente mais próximo entre os quadrúpedes é *Tatanka*, o bisão; quero dizer que ele estabeleceu um parentesco comigo.

Me disponho a preparar um local consagrado para esta virgem, A Mulher Bisão Branco Aparece, e recebi do bisão o poder para fazê-lo.

Todas as coisas e todos os seres foram reunidos aqui para que sejam testemunhas disto, para nos ajudar.

⁹ É sabido que a cabeça de um Chanumpa tem forma de “T” invertida, ao menos entre os sioux e a maior parte das outras tribos; a parte que sobre passa o «fornilho» —que é o «altar»— se considera como o «pé» do Chanumpa, enquanto que a boquilha é sua «boca».

É assim! *Hechetu welo!*

Se fez fumaça com a erva aromática e Bisão Lento, purificou a todo seu corpo.

Antes de preparar o lugar sagrado, era necessário que Bisão Lento demonstrasse possuir realmente um poder do bisão, por isto cantou o canto de mistério que ele lhe ensinou:

Venham ver isto!

Vou fazer um lugar que é sagrado.

Venham ver aquilo!

A Mulher Bisão Branco Aparece

Esta sentada de uma maneira sagrada.

Todos venham a vê-la!

Quando terminou este canto, Bisão Lento emitiu um grande *huh*, semelhante ao mugido do bisão, e de sua boca saiu um pó vermelho, igual como faz uma bisão fêmea quando tem um bezerro.

Bisão Lento fez isso seis vezes e lançou a fumaça vermelha sobre a moça e depois sobre o lugar consagrado; todo o *tipi* estava cheio deste pó vermelho; os meninos que espiavam por uma abertura da porta se assustaram e fugiram depressa, porque era um espetáculo verdadeiramente aterrorizador.

Bisão Lento pegou então seu machado de pedra, e depois de purificá-lo na fumaça de erva aromática, golpeou o solo no centro da tenda e fez uma cavidade semelhante a um leito de bisão; com a terra que tirou fez um pequeno monte a Leste da cavidade.

Em seguida pegou um pouco de tabaco e depois de dirigi-lo para o céu o colocou no centro do local ritual; depois traçou com tabaco uma linha que ia de Oeste a Leste e outra que ia de Norte a Sul, formando uma cruz.

Todo o Universo se encontra agora contido neste espaço de mistério.

Por último, Bisão Lento pegou um pouco de pintura azul e depois de dirigi-la ao céu tocou com ela o centro da cruz; depois colocou pintura azul sobre as linhas de tabaco, primeiro em direção Oeste-Leste e depois em direção Norte-Sul.

O uso desta cor azul é muito importante; sua santidade é evidente quando se compreende seu significado, porque, como já disse, o poder de uma coisa ou de um ato reside na compreensão de seu significado.

O azul é a cor dos céus; ao por o azul sobre o tabaco, que representa a terra, unimos o céu e a terra, e tudo fica unificado.

Bisão Lento colocou então o crânio do bisão sobre o montinho, com o rosto virado para o Leste; depois pintou um círculo vermelho ao redor do crânio e uma linha reta da mesma cor desde a parte superior da cabeça - entre os chifres - até a frente, e colocou umas bolas de salvia nas órbitas; por último colocou o copo de madeira cheia de água na frente da boca do bisão.

Então colocou as cerejas na água; deviam representar os frutos da terra, que são semelhantes aos frutos dos homens¹⁰.

A cereja que vês é o Universo, e se estende desde a terra até o céu; os frutos que leva a árvore, e que são vermelhos como nós, os homens, são como os frutos de nossa Mãe Terra; e é por isto - e por mais razões que não poderia enumerar - porque que esta árvore é para nós muito *wakan* - muito sagrada.

Bisão Lento confeccionou um pequeno nó com ervas aromáticas, casca de cereja e pelos de um bisão vivo.

Estes pelos são sagrados porque provêm de uma árvore viva¹¹; já vemos que o povo dos bisões também têm uma religião: esta é a oferenda que fizeram para a árvore¹².

Então A Mulher Bisão Branco Aparece teve de se levantar, e Bisão Lento, erguendo o pequeno nó de substancias misteriosas sobre a cabeça dela, falou assim:

O que está encima de tua cabeça é como o Grande Espírito, porque, quando está de pé, te estendes da terra para o céu, e tudo o que há por cima de tua cabeça é como o Grande Espírito.

Você é a árvore da vida.

Agora será pura e santa; que tuas gerações levem muito fruto!

Onde quer que pousem teus pés o solo será santificado, porque desde agora levará contigo um influxo poderoso.

Que os quatro Poderes do Universo te ajudem a se purificar, porque no mesmo momento em que eu pronunciar o nome de cada Poder, salpicarei cada lado de teu corpo de cima abaixo com este pequeno nó.

¹⁰ É dizer, os frutos são a terra o que os filhos são aos homens.

¹¹ Os bisões se raspam contra as árvores e deixam nelas pelos que os índios recolhem e conservam piedosamente.

¹² Aqui é a árvore o que é divinizado porque une a terra com o céu, enquanto que o bisão é considerado neste caso em seu aspecto puramente terrestre. Os índios consideram todas as coisas da natureza alternativamente desde o ponto de vista da essência universal, que vincula as coisas com o Divino, e desde o da acidentalidade existencial, que as limita ao nível de sua aparência imediata. Este modo de ver as coisas se encontra, por demais, em todas as tradições de caráter mais ou menos primordial ou mitológico, com tal que conservaram uma vitalidade suficiente.

Que as águas purificadoras do lugar onde se põe o sol desçam para te purificar!

Que seja como a neve purificadora que vem do lugar onde vive *Wazia*!

Que o luzeiro da aurora te dê sabedoria quando a aurora do dia descer sobre ti!

Que o Poder do lugar para onde sempre voltamos te purifique, e que os povos que caminharam por este caminho reto e bom te ajudem a se purificar!

Que seja como o Cisne Branco que vive no lugar para onde olhas, e que teus filhos sejam tão puros como os filhos do Cisne!

A moça se sentou, e Bisão Lento contou para a assistência como, em sua visão, havia recebido seu poder do bisão:

Vi uma grande tribo que levantava seu acampamento e se preparava para partir.

Dirigia-me para lá quando rapidamente se agruparam em círculo, e me encontrei em meio a eles.

Conduziram uma menina até o centro e me disseram que esta menina havia de ser purificada segundo o costume de sua tribo.

Então prepararam um local ritual em forma de leito de bisão e colocaram nele a menina, depois me pediram para assoprar sobre ela para purificá-la.

Soprei sobre ela, depois me disseram que queriam me ensinar sua maneira de fazê-lo, que é melhor, e imediatamente se transformaram em bisões, e chegou um grande bisão e soprou, desprendendo um pó vermelho, sobre o pequeno bezerro que estava no centro; e estando o bezerro ali estendido, todos os bisões vieram e o lamberam, e cada vez que o lambiam respiravam ruidosamente e uma misteriosa fumaça vermelha saía de seus narizes e suas bocas.

Me disseram que assim é como purificam a seus filhos, e que o pequeno bezerro, agora que já estava purificado, continuaria vivendo e levaria fruto santamente, e que, continuando sua vida, chegaria ao final das quatro idades.

Esta menina, disseram, iria pelo caminho sagrado sendo guia de seu povo e ensinaria a seus filhos a caminhar de uma maneira santa pelo caminho do mistério.

Depois de me mostrar isto estabeleceram um parentesco comigo; me mostraram um bisão adulto e me disseram: Ele será teu avô; e me mostrando um mais jovem, me disseram: Ele será teu pai; depois me mostraram um bisão fêmea e me disseram: Ela será tua avó; e por último me mostraram um bisão fêmea mais jovem e me disseram: Ela será tua mãe.

Disseram que eu devia regressar para junto meu povo com este parentesco quaternário e lhe ensinar o que havia aprendido.

Isto é o que eu vi e isto é o que estou fazendo ao purificar deste modo a uma moça

de minha própria tribo; esta virgem, A Mulher Bisão Branco Aparece, é o pequeno bezerro que vi.

Agora quero lhe deixar beber água sagrada, e esta água é a vida.

Bisão Lento cantou então outro canto de mistério:

Estes povos são sagrados.

De todas as partes do Universo vem ver isto.

A Mulher Bisão Branco Aparece

Está sentada aqui de uma maneira sagrada.

Todo vem vê-la.

Bisão Lento levantou o crânio de bisão pelos chifres, e enquanto cantava saiu fumaça vermelha pelo nariz do crânio; depois, fazendo como se fosse um bisão, se colocou a investir na moça com o crânio, empurrando-a para o copo cheio de água; uma vez ali, a jovem se agachou e bebeu quatro goles, e ao ver isso todos os presentes se alegraram.

Então deram um pedaço de carne de bisão a Bisão Lento, e depois de purificá-lo na fumaça de ervas aromáticas e de oferecê-lo para as seis Direções, o ergueu na frente da moça e disse:

Ó A Mulher Bisão Branco Aparece, tens rezado ao Grande Espírito; de agora em diante caminharás entre a tribo segundo o mistério e serás um exemplo para eles.

Amarás as coisas que no Universo são mais sagradas; serás como nossa Mãe Terra, humilde e fecunda.

Que teus passos e os passos de teus filhos sejam firmes e respeitosos!

Assim como o Grande Espírito foi misericordioso contigo, também você será misericordiosa com os demais, sobre tudo com as crianças sem pais.

Quando uma destas crianças vier a tua *tipi*, mesmo só tenhas um pedaço de carne que tenhas posto já na boca, o retirará e o dará a esta criança.

Será assim de generosa!

Quando por esta carne em tua boca nos recordaremos todos da misericórdia do Grande Espírito que atende a nossas necessidades; do mesmo modo, você atenderá as necessidades de teus filhos.

Bisão Lento colocou a carne na boca da moça; em seguida, o copo de água com as cerejas deu a volta e todo mundo bebeu um gole dela.

Depois Bisão Lento pegou o Chanumpa que estava apoiado no secador, e, erguendo a haste para o alto, disse quatro vezes: *Hi-ey-hey-i-i*, e pronunciou esta reza:

Avô *Wakan Tanka*, no veja!

Este povo e todas as gerações futuras são Tuas.

Veja esta virgem, A Mulher Bisão Branco Aparece, que foi purificada e honrada neste dia feliz.

Que tua luz que nunca se apaga esteja sempre com ela e com todos os seus parentes!

Avó e Mãe Terra, a tribo caminhará sobre Ti; que ela siga o caminho de mistério com a luz, sem a escuridão da ignorância!

Que se recorde sempre de seus parentes das quatro Regiões, e lembre que é parente de tudo quanto se move no Universo, e antes que ninguém do bisão, que é o chefe dos quadrúpedes e ajuda a criar a tribo!

Ó *Wakan Tanka*, ajude-nos e tenha misericórdia de nós, para que vivamos de uma maneira feliz e santa!

Tenha misericórdia de nós para que vivamos!

Então todos exclamaram: *Hi ho! ;Hi ho* e se alegraram.

Levaram a, A Mulher Bisão Branco Aparece para fora da tenda e as pessoas se precipitaram a tocá-la com as duas mãos, porque agora ela era mulher e o ritual que se havia realizado para ela, lhe haviam conferido muita força misteriosa.

A tribo estava em festa; as pessoas lhe deram muitos presentes e todos ficaram contentos por causa do grande acontecimento daquele dia.

Assim foram instituídos os ritos de preparação de uma moça ao estado de mulher; que têm sido fonte de muita força espiritual, não só para nossas mulheres, mas também para toda a tribo.

7

TAPA WANKA YAP:

O LANÇAMENTO DA BOLA

Até estes últimos tempos se praticava entre nós um jogo de bola com quatro equipes e quatro metas situadas nas quatro Regiões.

Hoje em dia muito poucos dos nossos compreendem por que este jogo é sagrado ou o que era na origem, em um passado distante, quando não era um simples jogo, e sim um de nossos ritos mais importantes.

Hoje vou a descrever este rito; é o sétimo e último que o Grande Espírito nos deu naquela época, em uma visão.

Este jogo representa o transcurso da vida humana, vida que deveria estar consagrada a cuidar de pegar a bola, porque esta representa o Grande Espírito, ou o Universo, como explicarei mais adiante.

Tal como se pratica atualmente o jogo, é difícil ficar com a bola, porque todas as possibilidades - que representam a ignorância - estão contra um, e só uma ou duas equipes podem pegar a bola e marcar.

Mas no rito original todos podiam se apoderar da bola, e se pensamos no que esta representa, veremos que este feito encerra uma grande verdade.

Foi um lakota, *Washkan mani* - Se Move Caminhando -, quem recebeu este rito em uma visão, faz muitos invernos.

Não falou delo a ninguém durante muito tempo, até o dia em que um lakota chamado Alto Chifre Oco viu em um sonho que Se Move Caminhando havia recebido um rito que tinha que pertencer a todos.

Por esta razão, Alto Chifre Oco construiu uma tenda sagrada, segundo nossa tradição, no círculo do acampamento, encheu o Chanumpa segundo o rito e, acompanhado de quatro homens santos, foi ver a Se Move Caminhando, a quem ofereceu o Chanumpa.

Hi ho Hi ho Hechetu welo! Está bem!

Disse Se Move Caminhando, o que deseja de mm?

Eu soube por um sonho - disse Alto Chifre Oco - que você recebeu um rito cheio de mistério, que será o sétimo que a Mulher Bisão Branco nos prometeu a principio.

A tribo espera que agora realize este rito.

Assim é, respondeu Se Move Caminhando.

Anuncie a todo mundo que amanhã será um dia santo, e que devem pintar os rostos e por suas melhores roupas.

Teremos este rito que o Grande Espírito me enviou através do bisão.

Se Move Caminhando elevou então o Chanumpa para o Céu e rezou:

Ó Avô, *Wakan Tanka*, nos veja!

Nos deste este Chanumpa para que nos aproximar de Ti.

Com o Chanumpa temos caminhado pelo caminho sagrado durante este tempo.

Temos feito tua vontade na terra e agora queremos Te oferecer uma vez mais este Chanumpa.

Nos dê um santo dia vermelho e azul!

Que seja sagrado; que todos se alegrem!

Se Move Caminhando disse então a Alto Chifre Oco e aos outros quatro homens santos que deveriam reunir os objetos seguintes: um Chanumpa; *kinnikinnik*; erva aromática; uma pena de águia pintada; uma faca; um machado; salvia; uma bola de pelos de bisão coberta por uma pele de bisão; um saquinho cheio de terra; pintura vermelha e azul; um crânio de bisão; um secador de carne pintado de azul.

Os cinco lakotas se foram a fazer os preparativos para o dia seguinte.

Já havia se agrupado muitas pessoas ao redor da tenda-sagrada.

Um homem disse:

Deve ser o sétimo rito, porque até agora não temos tido mais que seis, e creio que se trata de um jogo que representa a vida.

Me parece que se lançará uma bola, porque acabo de ouvir que no equipamento deve haver uma.

Amanhã será um grande dia!

Durante toda a noite as pessoas falaram do que ia acontecer no dia seguinte, e todos eram felizes, porque o que prometeu a Mulher Bisão Branco ia se cumprir inteiramente.

Antes da aurora todo estava pronto.

Havia se esparramado salvia pelo solo da tenda; e no instante preciso em que ia sair o sol, Se Move Caminhando se aproximou com passos lentos do local sagrado, chorando, porque havia pensado nos seis ritos que seu povo já possuía, e sabia que a Mulher Bisão Branco estaria de novo entre eles.

Muitos saíram para ir ao encontro de Se Move Caminhando, e também eles choravam ao se aproximar da tenda sagrada.

O profeta foi o primeiro a entrar e se sentou na direção do sol poente; depois escavou o solo frente a si com uma faca e pediu aos ajudantes para trazer uma brasa.

Pegou erva aromática, que ergueu sobre a fumaça, e rezou:

Avô *Wakan Tanka*, sempre foi e sempre será.

Tu criaste todas as coisas; não há nada que não Te pertença.

Conduziste o povo vermelho para esta ilha, e nos deu o conhecimento para que saibamos todas as coisas.

Sabemos que é tua luz a que chega com a aurora, e sabemos que é o Luzeiro da aurora quem nos dá a sabedoria.

Tu nos deste o poder de conhecer aos quatro Seres do Universo e de saber que em realidade estes quatro Seres são Um.

Vemos sempre os céus sagrados e sabemos o que são e o que representam.

Este será um grande dia, e tudo quanto se move na terra e no Universo se alegrará.

Neste dia ponho tua erva aromática neste fogo que Te pertence, e a fumaça que desprende se estenderá por todo o Universo e se elevará até as profundidades do céu.

Se Move Caminhando baixou o braço para por a erva aromática sobre a brasa, se detendo quatro vezes; depois purificou o Chanumpa, a bola, o crânio de bisão e todos os apetrechos.

Ó *Wakan Tanka*, Avô, rezou o profeta, fiz uso de tua erva aromática e a fumaça se estendeu por todo o Universo.

Quero edificar aqui o lugar do mistério, e o dia que se aproxima o verá.

Olhar-se-ão cara a cara.

Ao fazer isto cumpro com tua vontade.

Este é teu lugar, ó *Wakan Tanka*!

Estará aqui conosco!

Quando os primeiros raios penetraram na tenda, Se Move Caminhando pegou um machado de pedra, o ofereceu ao Grande Espírito, e golpeou no centro do local consagrado que havia escavado frente si.

Ofereceu o machado ao Oeste e golpeou para esse lado, e do mesmo modo golpeou o solo das outras três Regiões; e depois de dirigir o machado para a Terra golpeou de novo no centro.

Depois pegou a faca e tirou lentamente a terra do lugar que havia escavado, e a colocou ao Leste; depois pegou um punhado desta terra purificada e, depois de oferecer um pouco ao Poder do Oeste, a colocou no lado Oeste do lugar consagrado.

Da mesma maneira, colocou terra nas outras três Direções e no centro.

Depois, com a terra que havia amontado ao Leste, fez um montinho no centro e a esparramou cuidadosamente por todo o local sagrado, para nivelá-la finalmente com uma pluma de águia.

Se Move Caminhando pegou então um pau pontiagudo¹ e depois de oferece-lo ao Grande Espírito, traçou na terra lisa uma linha que ia de Leste a Oeste, e, depois de oferecer o bastão aos céus, traçou outra linha de Norte a Sul.

Finalmente, o altar estava pronto com duas linhas de tabaco sobre os dois caminhos desenhados na terra, e em seguida este tabaco foi colorido de vermelho.

Assim, este altar representa o Universo e tudo o que há nele, e em seu centro reside o Grande Espírito.

Ele está realmente presente neste altar, e esta é a razão pela qual é feito com tanto cuidado e segundo os ritos precisos.

Enquanto procedia deste modo, o profeta canto o canto do Chanumpa sagrado – o *channonpa wakan olowan*—, ao mesmo tempo em que outro homem tocava o tambor rápida e suavemente:

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Se fizer isto, teu Avô te verá.

Quando estiver de pé no círculo sagrado,

Pensa em mim ao por o tabaco no Chanumpa.

Se fizer isto, Ele te dará tudo o que pedir.

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Se fizer isto, teu Avô te verá.

Quando estiver de pé no círculo sagrado,

Envia tua voz a Wakan Tanka.

Se fizer isto, Ele te dará tudo o que deseja.

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Se fizer isto, teu Avô te verá.

Quando estiver de pé no círculo sagrado,

Com gritos e lágrimas, envia tua voz a Wakan Tanka.

Se fizer isto, terá todo o que deseja.

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Amigo, faz isto!

Para que teu Pai te veja.

Quando estiver de pé no círculo sagrado,

Eleva tua mão para Wakan Tanka.

Faz isto, e Ele te concederá tudo o que deseja.

Há um grande poder neste canto, porque nos foi dado pela Mulher Bisão Branco quando nos trouxe o Chanumpa muito santo.

Este canto é praticado sempre em nossos dias, e reanima meu coração cada vez que o canto ou o ouço.

Enquanto o profeta e grande homem santo Se Move Caminhando construía cantando o altar, uma moça que tinha que jogar um papel importante no rito foi introduzida na tenda por seu pai; depois de dar a volta na tenda no sentido do movimento do sol, se colocou a esquerda do grande sacerdote.

Seu nome era *Wasu Sna Win*, Mulher Granizada Ruidosa, e era filha de Alto Chifre Oco.

Se Move Caminhando pegou a bola ritual feita com pelo e couro curtido de bisão.

A pintou de vermelho, a cor do mundo, e marcou as quatro Direções com quatro pontos azuis, a cor do céu; depois pintou dois círculos azuis ao redor da bola, formando assim dois caminhos que unem as quatro Regiões.

Com estas linhas azuis, que rodeavam completamente a bola vermelha, os Céus e a Terra foram unidos nela, o que lhe conferiu um caráter eminentemente sagrado.

O grande homem santo colocou erva aromática sobre uma brasa e purificou o Chanumpa na fumaça, depois levantou o Chanumpa para o céu e rezou:

Ó Wakan Tanka, veja este Chanumpa que vamos Te oferecer.

Sabemos que Tu és o primeiro e que sempre o foi.

Queremos caminhar pelo caminho sagrado da vida com o Chanumpa de mistério que Tu nos deste em uma mão e com os nossos filhos na outra.

Assim, as gerações virão e irão, e viverão segundo o mistério.

Este é Teu dia sagrado, porque neste dia estabeleceremos um rito que completará o número de ritos do Chanumpa.

Ó Wakan Tanka, dirige Teu olhar para nós enquanto Te oferecemos o Chanumpa.

Neste dia os quatro Poderes do Universo estarão conosco.

Ó Poder do lugar onde se põe o sol, que controla as águas, vamos oferecer este Chanumpa; ajude-nos com teus dois dias bons, ajude-nos!

¹ Os sioux têm o costume de traçar os caminhos rituais com o pau que serve para carregar o Chanumpa e que, por esta razão, é um auxiliar do fogo e um instrumento indispensável para o sacrifício. Os índios dizem que representa a vontade do homem, visto que é necessária uma iniciativa por parte do homem para que possa fazer um sacrifício ou receber a sabedoria de *Wakan Tanka*.

O tabaco destinado ao Oeste e aos demais Poderes ou Direções foram postos no Chanumpa com estas palavras:

Ó Poder de onde vive o Gigante, que purifica com teu sopro branco; e Tu, Ser alado que guarda este caminho reto:

Te colocamos neste Chanumpa, ajude-nos, com Teus dois dias vermelho e azul!

Ó Poder do lugar onde sai o sol; e Tu, Luzeiro da aurora, que separa as trevas da luz, dando sabedoria aos homens; contigo queremos oferecer este Chanumpa; ajude-nos com teus dois dias bons!

Ó Poder do lugar para o qual sempre olhamos, de onde as gerações vem e vão; ó Cisne Branco que guarda o caminho de mistério; há um lugar para Ti neste Chanumpa que vamos oferecer ao Grande Espírito.

Ajude-nos com Teus dois dias bons!

Ó Ser alado dos céus azulados; Tu que possui asas poderosas e olhos que vêem todas as coisas: Tu vives nas profundidades dos céus; Tu estás muito próximo do Grande Espírito.

Vamos oferecer este Chanumpa; ajude-nos com Teus dois dias vermelho e azul!

Ó Avó, de quem provêm todas as coisas terrestres, e Tu, Mãe Terra, que trazes todos os frutos e os alimentas: veja e escute!

Sobre Ti há um caminho sagrado pelo qual caminhamos pensando no mistério de todas as coisas.

Sobre Ti será santificada esta virgem jovem e pura, Granizada Ruidosa, porque ela estará no centro da terra erguendo a bola ritual.

Ajude-nos, ó Avó e Mãe com Teus dois dias felizes, agora que oferecemos este Chanumpa ao Grande Espírito!

Durante esta reza o Chanumpa foi carregado e apoiado no pequeno secador azul; este era formado por três paus, dois dos quais estavam cravados no solo e sustentavam ao terceiro.

Se Move Caminhando pegou então a bola e a ofereceu para a moça lhe dizendo para que ficasse em pé, que erguesse a bola na mão esquerda e que levantasse a direita para o céu.

Depois se colocou a rezar, tendo o Chanumpa na mão esquerda e elevando a direita para os céus:

Ó Avô *Wakan Tanka*, Pai *Wakan Tanka*, veja-nos!

Veja a Wasu Sna Win que está aqui de pé erguendo o Universo em sua mão.

Tudo o que se move sobre esta terra hoje se alegrará.

Os quatro Poderes do Universo, assim como os céus, estão na bola.

Tudo isto, Wasu Sna Win vê.

A aurora do dia com a luz do Grande Espírito está agora com ela.

Ela vê suas gerações futuras e a árvore da vida no centro.

Vê também o caminho sagrado que leva do lugar ao que sempre olhamos até o lugar onde vive o Gigante.

Vê a sua Avó e Mãe Terra e a todos os seus parentes nas coisas que se movem e crescem.

Ela está ali de pé com o Universo na mão, e ali todos os seus parentes são realmente Um.

Ó Avô *Wakan Tanka*, Pai *Wakan Tanka*, é por tua vontade que tua luz brilha nesta moça.

Hoje sentimos todos a Tua presença.

Sabemos que está aqui conosco.

Por isto e por tudo o que nos deste, Te damos graças!

O grande homem santo se colocou frente ao crânio de bisão e lhe falou assim:

Espírito *Huntka*, hoje te deram uma cor que ponho sobre ti, porque é parente de nosso povo bípede e vivemos graças a ti.

Quando tiver posto esta pintura sagrada sobre ti, sairá com esta moça e comunicará teu agradecimento a todos os seres.

Depois o profeta e grande homem santo pintou o bisão traçando uma linha vermelha ao redor de sua cabeça e uma linha reta que baixava por entre os chifres até em meio das órbitas.

Quando terminou foi sentar-se próximo de Wasu Sna Win e lhe disse:

Wasu Sna Win, está aqui sentada de um modo sagrado.

Está bem, porque os espíritos dos bisões vieram te ver.

Vou te revelar, por tanto, a visão que tive.

Nela, me dirigia ao lugar onde vive o Gigante, e vi um grande povo em marcha.

Tinham sua guarda, seus chefes e seus homens santos, exatamente como nós.

E quando cheguei mais próximo se detiveram, e um de seus chefes avançou para mim e disse:

Homem, veja estas gentes, que são celestes.

Vão ensinar uma moça muito estimada a andar, e em sua vida verá quatro idades.

Trouxeram uma menina de aspecto frágil.

Se sentou e vi que era um bisão fêmea jovem.

Se levantou e começou a andar, mas deu um falseada e caiu.

Sua tribo, que agora eu via como um povo de bisões, se reuniu ao seu redor, e um bisão fêmea assoprou sobre ela, despendendo um hálito vermelho; e quando o pequeno bisão fêmea caiu pela segunda vez, vi que havia se transformado em um bisão branco muito pequeno.

Sua mãe continuou lançando seu sopro vermelho e a empurrou com o focinho; e quando o pequeno animal se levantou pela segunda vez, vi que novamente havia mudado e era agora um bisão maior.

Se deitou, e quando se levantou já se havia ficado adulta de tudo; então fugiu por detrás da colina, e todos os bisões assopraram ruidosamente até o ponto do Universo se estremecer.

Percebi então uns bisões nas quatro Regiões, mas se transformaram em homens e vi a menininha de pé no centro com uma bola na mão.

Lançou a bola para o lugar onde se põe o sol, e todos se precipitaram e a devolveram ao centro.

Do mesmo modo, a menina lançou a bola para o lugar onde vive o Gigante, depois para o lugar onde sai o sol e depois para o lugar ao que sempre olhamos, e cada vez a bola era devolvida ao centro, para a menina.

Por último, a lançou ao ar e nesse instante todos voltaram se transformar em bisões, de modo que nenhum deles pode pegar a bola porque os bisões não têm mãos como nós.

A menina, que de novo era um pequeno bisão, lançou a bola para mim, e o chefe dos bisões me disse:

Este Universo pertence, na verdade, aos homens, porque os bisões quadrúpedes não podem jogar com a bola; por isto é necessário que você a pegue e regresse a teu povo e lhe explique o que aqui te ensinamos.

Se Move Caminhando explicou então o rito a Wasu Sna Win e a todos os que estavam ali reunidos:

O bisão tem quatro idades, como eles me mostraram em minha visão.

Wasu Sna Win e o bisão representado por este crânio sairão juntos desta tenda, e ela lançará a bola como nos foi explicado em minha visão.

É vontade do Grande Espírito que assim seja.

Não se esqueçam que a bola é o mundo, e que é também nosso Pai *Wakan Tanka*, porque o mundo - ou o Universo – é sua morada.

Por isto, aquele que se apodera da bola receberá uma grande benção.

Vocês devem tratar de pega-la e Wasu Sna Win será a jovem bisão do centro.

Agora vai sair e se deterá quatro vezes, e cada um de seus passos será em benefício de seu povo.

Toda a tribo havia se reunido ao redor da tenda para ouvir o que ali se dizia; todos haviam posto suas melhores roupas e estavam contentes.

Alto Chifre Oco, com o Chanumpa, foi o primeiro a sair da tenda; depois dele saiu sua filha Wasu Sna Win, que levava a bola na mão direita; seguiu Se Move Caminhando, que carregava o crânio e resfolegava, e empurrou quatro vezes a Wasu Sna Win com o crânio, e cada vez saía deste uma fumaça vermelha.

Enquanto tanto cantava um de seus cantos de mistério:

De uma maneira sagrada, de todas as direções,

Vêm para te ver.

Wasu Sna Win tem estado sentada de um modo sagrado.

Todos vêm para vê-la!

Finalmente, quando se detiveram pela quarta vez, Alto Chifre Oco e Se Move Caminhando se colocaram cada um de um lado da menina, virados os três para o lugar onde se põe o sol.

Wasu Sna Win lançou a bola para o Oeste e um dos homens a pegou e, depois de beijá-la e a oferecer para as seis Direções, a devolveu para a menina, que estava no centro.

Da mesma forma, os três se voltaram para o lugar onde vive o gigante *Wazia*, e a bola foi lançada nesta direção; todos se atropelaram para estar com ela, e a pelota foi devolvida ao centro.

Em seguida foi lançada para o lugar onde sai o sol, e depois para o lugar ao qual sempre olhamos; todos os que tiveram a sorte de agarrá-la receberam um cavalo ou algum outro presente valioso.

Na quinta vez a bola foi lançada para cima e houve um grande rebuliço, até que, finalmente, um homem pode pega-la e devolve-la ao centro.

Quando o lançamento da bola terminou, Alto Chifre Oco ofereceu o Chanumpa ao profeta; este dirigiu a haste para o céu e começou a enviar uma voz ao Grande Espírito.

Hi-ey-hey-i-i, gritou quatro vezes.

Te envio uma voz, ó *Wakan Tanka*, a Ti que sempre tem sido e que está por cima de tudo.

Pai *Wakan Tanka*, Tu és o Chefe de todas as coisas; tudo é Teu, porque Tu és quem criou o Universo.

Tu colocas-te nosso povo nesta grande ilha e nos deu a sabedoria que revela todas as coisas.

Tu nos fizeste conhecer a lua o sol, os quatro ventos e os quatro Poderes do Universo.

Sabemos que as gerações vêm do lugar ao qual olhamos, e que regressam a ele; e temos caminhado santamente por este caminho reto e vermelho que leva ao lugar onde vive o Gigante.

E, por cima de tudo, sabemos que nossos quatro parentes mais próximos são sempre nosso Avô e Pai *Wakan Tanka*, e nossa Avó e Mãe *Maka*, a Terra.

Ó *Wakan Tanka*, veja hoje a Wasu Sna Win, que tem na mão a bola que é a Terra.

Ela tem na mão o que dará força para as gerações que amanhã herdarão a Terra que é Tua; e os passos que darão serão firmes, e serão libertas das trevas da ignorância.

Mulher Granizada Ruidosa está aqui em pé, erguendo teu Universo, e a partir deste dia a bola pertencerá às gerações futuras, e marcharão alegres segurando as mãos de seus filhos.

Ajude-os a caminhar sem ignorância pelo caminho sagrado.

Que os céus nos contemplem e tenham misericórdia de nós!

Avô *Wakan Tanka*, Pai *Wakan Tanka*, que sempre conheçamos e cumpramos tua vontade!

Que sempre a queiramos e amemos!

Ó *Wakan Tanka*, tenha misericórdia de mim para que meu povo viva!

Então todos os presentes fumaram ou tocaram o Chanumpa; os homens que haviam tido a sorte de pegar a bola sagrada receberam cavalos ou peles de bisão; o povo inteiro estava em festa e todos estavam cheios de alegria, porque o que *Ptesan-Win*, a Mulher Bisão Branco, prometeu no principio se havia realizado.

Eu, Alce Negro, devo lhes explicar agora algumas coisas deste rito que vocês podem não compreender.

Vejamos porque é uma menina e não uma pessoa adulta a que está no centro e lança a bola.

Assim deve ser, porque o Grande Espírito é eternamente jovem e puro, e assim é esta pequena que apenas acaba de chegar de *Wakan Tanka*; é pura e sem obscuridade.

A pelota é lançada desde o centro para as quatro Regiões, do mesmo modo que o Grande Espírito está em todas as Direções e em todos os rincões do mundo; e a bola cai sobre o povo, igual ao Poder do Grande Espírito é recebido por poucos homens, sobre todo nestes últimos tempos.

Sem duvida vocês se deram conta de que o povo quadrúpede dos bisões não era capaz de jogar este jogo, e por esta razão o deu aos bípedes.

Isto é muito justo, porque, como disse anteriormente, de todas as criaturas do Universo, só os bípedes, se purificam e se humilham, e podem chegar a ser uno com *Wakan Tanka*, ou podem lhe conhecer.

Nestes tristes tempos em que nosso povo tem mergulhado, corremos atrás da bola, e alguns nem sequer tentaram pega-la; e choro quando penso nisso.

Mas sei que a bola logo será pega, porque o fim se aproxima rapidamente, e então se voltará a lhe colocar no centro, e com ela estará nosso povo.

Minha reza é para que assim seja; e é para contribuir para este restabelecimento da bola que eu quis fazer este livro.